

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANTONIO LUIS FERMINO

OS BENEFÍCIOS E OS SIGNIFICADOS DA PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO DE BOCHA
PARAOLÍMPICA NO MUNICÍPIO DE CURITIBA-PR

CURITIBA

2020

ANTONIO LUIS FERMINO

OS BENEFÍCIOS E OS SIGNIFICADOS DA PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO DE BOCHA
PARAOLÍMPICA NO MUNICÍPIO DE CURITIBA-PR

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Doralice Lange de Souza.

CURITIBA

2020

Universidade Federal do Paraná
Sistema de Bibliotecas
(Giana Mara Seniski Silva – CRB/9 1406)

Fermino, Antonio Luis

Os benefícios e os significados da participação em um grupo de bocha paraolímpica no município de Curitiba-Pr. / Antonio Luis Fermino. – Curitiba, 2020.

209 p.: il.

Orientadora: Doralice Lange de Souza

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Bocha (Jogo) – Curitiba (PR). 2. Esportes para pessoas com deficiência. 3. Autopercepção. 4. Identidade (Psicologia). I. Título. II. Souza, Doralice Lange de. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (22. ed.) 796.0456



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA -
40001016047P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ANTONIO LUIS FERMINO** intitulada: **"OS BENEFÍCIOS E OS SIGNIFICADOS DA PARTICIPAÇÃO EM UM GRUPO DE BOCHA PARAOLÍMPICA NO MUNICÍPIO DE CURITIBA-PR"**, sob orientação da Profa. Dra. DORALICE LANGE DE SOUZA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 18 de Fevereiro de 2020.

Assinatura Eletrônica
03/05/2020 06:25:45.0
DORALICE LANGE DE SOUZA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
06/05/2020 18:23:57.0
JOSE JULIO GAVIAO DE ALMEIDA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica
22/05/2020 13:41:10.0
MÔNICA DA SILVA ARAÚJO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ)

Assinatura Eletrônica
22/05/2020 16:32:21.0
DIEGO LUZ MOURA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO)

Assinatura Eletrônica
12/05/2020 20:01:31.0
ALLYSON CARVALHO DE ARAÚJO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE)

Novo Edifício do Departamento de Educação Física - Campus Centro Politécnico - Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 81531-980 - Tel: (41) 3361-3072 - E-mail: pgedf@ufpr.br
Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 40401
Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 40401

*À Thais por seu companheirismo,
carinho e leveza durante esse longo e difícil processo.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses quatro anos do processo de doutoramento nunca estive só! Compartilhei experiências tristes e alegres. Vivi momentos de muita intensidade que cheguei até a perder o entusiasmo, mas sempre tinha uma mão amiga que estava lá, segurando firme e dizendo: não solta! E não soltei. Agora é o momento de reconhecer e registrar a ação dessas mãos que foram tão importantes para a minha construção pessoal, profissional e humana.

Aos amigos que a pesquisa, a pós-graduação e o Labomídia me deram Silvan, Bia e A40. Juntos em Curitiba formamos um “QG” labomidiático movidos pelo sentimento Jaca Libertário que impulsionou com força a amizade e a nossa permanência em terras em que o sol é apenas um visitante distante.

Quero agradecer aos amigos da vida e da música que estão diariamente ao meu lado e que mesmo quando eu não tenho condições estar perto, vocês estão presentes para dar um abraço e serem combustível de leveza e amizade. Pelo carinho de vocês Diorgenes e Tati, Éliton e Eli, Hellen, Laís, Tiago, Cleyton e Sabrine, Cassi e Carol, Grégori, Math, Jean, Otávio, Agleisson, Thais e Fran muito obrigado!

Agradeço os amigos que a UFPR me apresentou Lucélia, Rick, Natasha, Nadyne, Tati, Suelen, Philipe e Rubens. Obrigado pela parceria e pelos encontros compartilhados.

Gostaria de agradecer imensamente ao grupo GEPLEC pelo acolhimento que tive desde o início do processo seletivo e ao longo desses quatro anos que certamente serão estendidos por muitos outros. Este importante grupo de pesquisa, ensino e extensão me ensinou que refletir o lazer é diversidade, vida coletiva, pluralidade, ambiente de construção política e claro, prazer. Especialmente, quero agradecer a professora e amiga Simone Rechia pelo seu brilho e sua força que contagia aqueles e aquelas que compartilham de sua presença.

Não posso deixar de mencionar a importância da professora Sônia Beltrame na minha formação. Ao longo da minha participação no Observatório da Educação (do campo) e após o término do projeto, a professora sempre esteve me apoiando e incentivando a minha formação. Para ela, meu afeto e reconhecimento.

Quero agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR, ao secretário Rodrigo que sempre esteve a disposição para sanar as dúvidas de alguém que não lida muito bem com burocracias. Agradeço aos professores e servidores do Departamento de Educação Física da UFPR. Seguindo a portaria nº 206, de 4 de setembro de 2018 é necessário mencionar que "o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001¹.

Quero agradecer ao Labomídia pelas amizades, discussões e aconselhamento que se fazem desde minha entrada no grupo até o presente momento. Deixo registrado aqui meu agradecimento especial ao professor Giovani que sempre incentivou a continuidade de minha formação e mesmo longe, esteve perto ensinando e ajudando em diversos momentos.

Aos amigos e companheiros do LEPSCEA pelas discussões e sorrisos compartilhados Sabrina, Amanda, Augusto e Tisbe, meu reconhecimento e afeto. Gostaria também de agradecer a coordenadora do grupo e minha orientadora a professora Doralice pelo acompanhamento ao longo desses quatro anos.

Quero agradecer aos amigos Magda, Sara e Rodrigo que fiz no departamento de Antropologia da UFPR e a professora Liliana Porto, meu reconhecimento à todos.

Não poderia deixar de mencionar, agradecer e enaltecer a Equipe de Bocha Paraolímpica da Associação dos Deficientes Físicos do Paraná – ADFP pelo acolhimento, por me deixarem fazer parte desse grupo tão especial. Vocês foram essenciais para a minha formação profissional e humana. Muito, mas muito obrigado por tudo!!

Quero agradecer pela disposição, atenção e sugestões aos professores da banca de qualificação e defesa, à vocês meu reconhecimento.

A família Marcelino e Cunha que me acolheu com muito carinho e amor.

Não poderia deixar de mencionar aqueles que me apresentaram ao mundo, meu

¹ According to ordinance nº 206, of September 4, 2018, it is necessary to mention that "this study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001".

pai, minha mãe e meus irmãos. Com vocês compartilho de momentos calorosos e de profundo respeito e amor.

A Thais, minha companheira de vida, de luta e de amor.

No mais, agradeço a vida pela oportunidade conhecer, sentir, tocar e sonhar.

Lagoa da Conceição, Ilha da Magia
Antonio Luis Fermino.

*“O homem não se insere no mundo
como um objeto atravessado de
sentimentos passageiros.
Intricado em suas ações,
suas relações com os outros,
com os objetos que o entornam
com o seu meio etc.,
ele está permanentemente sob
influência dos acontecimentos
e sendo por eles tocado.
Mesmo as decisões
mais racionadas ou mais ‘frias’
envolvem a afetividade.
São processos embasado por valores,
significados e expectativas etc.”*

(LE BRETON, 2019, p.138)

RESUMO

A participação de um indivíduo em um grupo social pode acarretar em diferentes fatores que contribuem ou não para o seu desenvolvimento. Estes fatores podem estar relacionados a aspectos físicos, psicológicos e sociais, uma vez que a troca de experiências promovidas nestes grupos se tornam importantes coadjuvantes na vida do indivíduo. Neste sentido, procurei compreender: quais os significados e benefícios da participação em uma equipe de bocha paraolímpica? Como um meio de alcançar e responder ao questionamento geral do trabalho foi preciso investigar: a) quem são as pessoas que participam do grupo e quais seus interesses na prática da modalidade? (b) como as relações sociais a partir dos interesses individuais e coletivos influenciavam a dinâmica do grupo? (c) qual o papel das famílias para a inserção, desenvolvimento e permanência dos atletas na equipe? (d) quais as barreiras enfrentadas pelos participantes? (e) de que maneira a participação na equipe contribui para com a construção de uma identidade atlética? O aporte metodológico da pesquisa foi a etnografia, que por sua vez, possibilitou uma imersão profunda no campo de pesquisa. Os participantes foram os membros da equipe de bocha paraolímpica da Associação dos Deficientes Físicos do Paraná – ADFP, somando um total de 30 participantes. O acompanhamento do grupo se deu semanalmente durante os treinos e em eventos esportivos em âmbito local, regional e nacional entre agosto de 2017 e setembro de 2018. Em síntese, foi possível perceber que a inserção na equipe de bocha promoveu novos conhecimentos sobre a deficiência tanto por parte dos atletas como dos familiares. Ao longo da participação no grupo, os atletas revelaram uma mudança positiva de sua autopercepção em relação ao seus corpos e suas capacidades. Isto acarretou na melhoria da autoestima, bem como um empoderamento deles, tanto no esporte quanto em outras instâncias de suas vidas. A participação familiar no contexto da bocha se apresentou como um fator positivo para o desenvolvimento dos atletas na modalidade. A família também foi importante no sentido de ajudá-los no enfrentamento de barreiras e para a permanência e desenvolvimento deles no esporte. As relações sociais no grupo eram por vezes conflituosas, uma vez que em várias circunstâncias interesses individuais se sobreponham a interesses coletivos. Estes conflitos, no entanto, também geravam crescimento para os atletas. Os participantes destacaram que por estarem na equipe, eles tinham a possibilidade de viajar, conhecer novos lugares e pessoas do círculo esportivo. Isso se tornou um benefício importante para os atletas e acompanhantes, uma vez que a socialização contribuía não só para o aumento dos laços sociais, como também favorecia uma autopercepção mais positiva e uma atitude emancipatória.

Palavras Chave: Bocha paraolímpica; Pessoa com deficiência; Relações sociais; Conflitos; Família; Autopercepção; Identidade atlética.

ABSTRACT

The participation of an individual in a social group can lead to different factors that contribute or not to his/her development. These factors may be related to physical, psychological and social aspects, since the exchange of experiences promoted in these groups becomes important supporting factors in an individual's life. In this sense, I tried to understand: what are the meanings and benefits of participation in a Paralympic boccia team? As a way to answer this central question, it was necessary to investigate: (a) who are the people who participate in the group and what are their interests in the practice of the sport? (b) how did social relations based on individual and collective interests influence the group dynamics? (c) what is the role of families in the insertion, development and permanence of athletes in the team? (d) what are the barriers faced by the participants? (e) how does participation in the team contribute to the construction of an athletic identity? I used ethnography as my methodological approach which allowed me a deep immersion in the research field. The participants were members of the Paralympic boccia team of the Association for Physically Disabled Persons of Paraná - ADFP, totaling 30 participants. I accompanied the group weekly during training sections and at local, regional and national sporting events between August 2017 and September 2018. In summary, it was possible to notice that the inclusion in the boccia team promoted new knowledge about disability of both athletes and their family members. Throughout their participation in the group, the athletes had positive change in their self-perception in relation to their bodies and their abilities. This resulted in improved self-esteem. They also felt more empowered, both in sport and in other spheres of their lives. Family participation in the boccia scenario presented itself as a positive factor for the athletes' development in the sport. The family was also important in helping them to face barriers, and in assisting them in their permanence and development in sport. Social relations in the group were sometimes conflicting, since in many circumstances individual interests overlapped collective interests. These conflicts, however, also generated personal growth for athletes. Participants emphasized that because they were on the team, they had the possibility to travel, get to know new places, and meet other people in the sports environment. This became an important benefit for athletes and their companions, since socialization contributed not only to the increase of their social ties, but also improved their self-perception and fostered in them an emancipatory attitude.

Keywords: Paralympic boccia; Disabled person; Social relationships; Conflicts; Family; Self perception; Athletic identity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ATLETAS E ACOMPANHANTES DA EQUIPE DE BOCHA DA ADFP DA CLASSE BC3 TREINANDO	37
FIGURA 2 - ATLETA DA CLASSE BC3 DA ADFP ACOMPANHADO DE SUA AUXILIAR	42
FIGURA 3 - ATLETAS DA CLASSE BC2 DA ADFP. EQUIPAMENTOS: BOLSA/SACOLA E SUPORTE DE METAL PARA COLOCAR AS BOLAS DURANTE O JOGO	42
FIGURA 4 - ATLETAS DA CLASSE BC4 DA ADFP. EQUIPAMENTOS: LUVA ADAPTADA DE COR AZUL (ESQUERDA) E SUPORTE PARA DEDOS (AMARELO). AMBAS AUXILIAM A FIXAR A BOLA PARA O LANÇAMENTO.....	43
FIGURA 5 - QUADRA DA MODALIDADE BOCHA PARAOLÍMPICA.....	44
FIGURA 6 - ÁRBITROS	45
FIGURA 7 - EQUIPAMENTOS UTILIZADOS PELA ARBITRAGEM.....	46
FIGURA 8 – FRENTE DO PRÉDIO DA ADFP.....	47
FIGURA 9 - ESPAÇO FÍSICO DESTINADO PARA ARMAZENAMENTO DO MATERIAL ESPORTIVO.....	51
FIGURA 10 - ESPAÇO FÍSICO DESTINADO PARA ARMAZENAMENTO DO MATERIAL ESPORTIVO.....	51
FIGURA 11 - TREINO DA EQUIPE DE BOCHA NA QUADRA DE FUTSAL.....	53
FIGURA 12 - TREINO DA EQUIPE DE BOCHA NA QUADRA POLIESPORTIVA DE VÔLEI E BASQUETE	54
FIGURA 13 - REUNIÃO COM A EQUIPE NO CAMPEONATO REGIONAL SUL DE BOCHA PARAOLÍMPICA DE 2018 EM JOINVILLE-SC	61
FIGURA 14 - ATA DA REUNIÃO REALIZADA APÓS O PARAJAPS 2017 NO DEF/UFPR	66
FIGURA 15 – ALGUNS ATLETAS NO MOMENTO DO LANCHE	80
FIGURA 18 - IMAGEM DA BICICLETA ADAPTADA CONSTRUÍDA PELO PAI DO ATLETA MOISÉS	87
FIGURA 16 - ESPAÇO UTILIZADO PELA EQUIPE DE BOCHA PARA A APRESENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO	91
FIGURA 17 - ESPAÇO UTILIZADO PELA EQUIPE DE BOCHA PARA A APRESENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO	92

FIGURA 21 - PARAJAPS 2017	105
FIGURA 19 - ATLETA DE OUTRA EQUIPE NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOCHA PARAOLÍMPICA DE 2018 REALIZANDO O MOVIMENTO DE LANÇAMENTO LATERALMENTE	116
FIGURA 20 - ATLETA DE OUTRA EQUIPE NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOCHA PARAOLÍMPICA DE 2018 REALIZANDO O MOVIMENTO DE LANÇAMENTO COM O PÉ.....	116
FIGURA 22 – MEMBROS DA EQUIPE DE BOCHA RETIRANDO AS CADEIRAS DO ÔNIBUS NA CHEGADA DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ-PR PARA PARTICIPAR DO PARAJAPS DE 2017	163
FIGURA 23 – CHEGADA DA EQUIPE NO HOTEL EM MARINGÁ-PR.....	163
FIGURA 24 - VISÃO GERAL DAS QUADRAS EM QUE FORAM DISPUTADOS OS JOGOS NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOCHA PARALÍMPICA EM 2017 NO CENTRO DE TREINAMENTO PARALÍMPICO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - SP	164
FIGURA 25 – ATLETAS E ACOMPANHANTES DE DIFERENTES EQUIPES NA CÂMARA DE CHAMADA NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOCHA PARALÍMPICA EM 2018	164
FIGURA 26 - VISÃO GERAL DAS QUADRAS EM QUE FORAM DISPUTADOS OS JOGOS NO CAMPEONATO REGIONAL SUL DE BOCHA PARALÍMPICA EM JOINVILLE-SC EM 2018	165
FIGURA 27 – MEMBROS DA EQUIPE DE BOCHA ASSISTINDO AOS JOGOS NO CAMPEONATO REGIONAL SUL DE BOCHA PARALÍMPICA EM JOINVILLE EM 2018	165

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DADOS DOS ATLETAS

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ADFP - Associação dos Deficientes Físicos do Paraná

ANDE - Associação Nacional de Desporto para Deficientes

APDEC - Associação de Pessoas Deficientes de Colombo

APR - Associação Paranaense de Reabilitação

ASASEPODE - Associação dos Servidores da Área de Segurança, Portadores de Deficiências do Estado do Rio Grande do Sul

BISFed - *Boccia International Sport Federation*

CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro

DEF - Departamento de Educação Física

FPRBP - Federação Paranaense de Bocha Paralímpica

PARAJAPS - Jogos Paradesportivos do Paraná

PCD – Pessoa com Deficiência

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGEDF - Programa de Pós-Graduação em Educação Física

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

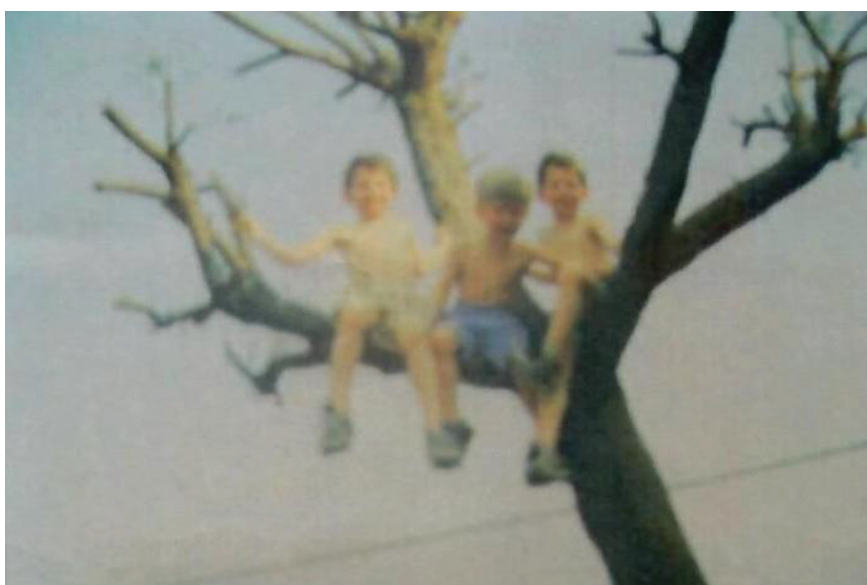
SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	24
METODOLOGIA.....	33
1 APRESENTANDO A BOCHA PARAOLIMPICA.....	37
1.1 REGRAS E CLASSIFICAÇÕES	38
1.2 O JOGO	43
1.3 ARBITRAGEM	45
2 O LOCAL E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA E A ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES FÍSICOS DO PARANÁ (ADFP)	47
2.1 PARCERIAS	49
2.2 SOBRE OS ESPAÇOS UTILIZADOS PELA EQUIPE NO DEF/UFPR	53
2.3 OS TREINOS.....	54
2.4 MEMBROS DA EQUIPE	55
2.4.1 Técnico	56
2.4.2 Atletas e acompanhantes.....	57
3 AS RELAÇÕES SOCIAIS NO GRUPO.....	60
3.1 INTERESSES INDIVIDUAIS X INTERESSES COLETIVOS	61
3.2 TENSÕES E SOLIDARIEDADE NO CONFLITO.....	67
3.3 GRUPOS INTERNOS: afinidades.....	77
4 A BOCHA COMO POTENCIALIZADORA DE SIGNIFICADOS.....	85
4.1 O PAPEL DA FAMÍLIA NA INSERÇÃO E PERMANÊNCIA NO ESPORTE.....	86
4.1.1 “Aí eu faço tudo sozinho”: ausência do apoio familiar	96
4.1.2 “Poxa, a gente se dedica!”: a exigência da performance esportiva por parte da família.....	102
4.2 AS LINGUAGENS E DENOMINAÇÕES EM RELAÇÃO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA	109
4.3 ENFRENTAMENTO DE BARREIRAS	114
4.3.1 Barreiras emocionais e a negação do corpo	126
4.4 EMPODERAMENTO, REPRESENTATIVIDADE E OUTROS BENEFÍCIOS	128
CONSIDERAÇÕES	147
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICE 1: IMAGENS DO CAMPO	163
ANEXOS	166
II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	171

PRÓLOGO

Tendo sempre o outro a sua frente como se fosse espelho, repetindo muitas características físicas, mas apenas isso de parecido não muito mais que isso. Nasci na década de 1980, quase em 1990, no ano em que meu time levantava a quarta taça da história do clube de campeão brasileiro e cinco anos, onze meses e dezoito dias depois do meu time ser campeão mundial. São apenas números, que fazem parte da história de qualquer pessoa que na “medida de amar é amar sem medida” (Humberto Gessinger). Lembro-me de quando eu era um menino, não gostava de me vestir igual ao meu irmão, seja pelo fato de já ser parecido na aparência física, pensar em ter que usar uma roupa igual seria idiotice. Ainda bem que meus pais nunca tiveram essa vontade de nos vestir iguais. Talvez por entenderem da mesma maneira ou com medo de confundir os próprios filhos.

Desde a minha infância e até os dias de hoje uma pergunta assombra o meu ouvido: ‘você é um ou o outro?’ pergunta que já estou cansado de responder, mas também, não recuso em revelar a resposta. O importante é saber de quem ‘um’ e de quem ‘outro’ estão falando. Pois, isso depende da relação que ‘um’ e que o ‘outro’ tem, à quem faz essa pergunta cansativa. Há também, um terceiro, que nada tem de parecido. Cabelos ao leite, muito mais esperto nos números e melhor no futebol. Talvez seja dom, com o qual, cada um tem o seu.



Na imagem embaçada tirada na década de noventa, nós três sempre dizíamos que queríamos construir uma casa na árvore para brincar e seguir as imaginações. Esta árvore ficava ao lado da nossa casa no município de Rio do Sul no Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina. Ao lado dessa árvore havia um pé de pêssgo, ao redor um grande terreno com pé de tangerina, um belo pinheiro e outras árvores, no qual, eram ótimos lugares para encontrar algum presente.

Nosso pai sempre muito discreto, atencioso em todos os momentos. Valoriza o estudo e fez de tudo para que isso fosse o maior legado que ele pudesse oferecer aos seus filhos. Amante dos esportes e principalmente do futebol – esporte que possibilitou alcançar alguns pontos importantes na sua vida profissional. Nossa mãe, sempre muito espontânea e sem vergonha (no bom sentido) para falar com os outros. Mulher guerreira! No momento mais difícil da nossa família, ela foi a única que tinha emprego, o que garantiu o nosso sustento por alguns anos. Foram tempos difíceis. No entanto, foram tempos de mudanças. Conhecer pessoas novas e sem querer de distanciamento das já conhecidas devido os caminhos que a vida vai tomando. Só em escolas, foram seis diferentes entre o ensino fundamental e médio. Uma loucura para qualquer estudante!

Uma das minhas paixões que iniciou nos anos 2000 no início do ensino médio e influenciado por amigos foi a música. Seja por prazer, por aliviar estresse, pelo barulho, pela emoção ou pela banda. Toco para fugir do caos da vida ou excitar o estado emocional. Trazer para perto alguns sentimentos que só podem ser encontrados em um grupo de amigos, irmãos que formam uma família amante da música. Aos poucos meus estudos nesse período ficou focado na música e na Educação Física. Sim, mas em que momento a Educação física entrou na minha vida? Desde sempre. Eu e meus irmãos sempre fomos incentivado pelos nossos pais a prática de uma atividade física. Estar correndo, jogando, pulando, brincando, pedalando, nadando, aprendendo artes marciais era fundamental. Assim fui me encantando pela área. Criando gosto pelo movimento! Minha rotina de trabalho caminhou um bom período nesses dois lados da moeda. A integração entre as aulas de educação física nas escolas particulares e públicas e as aulas de música em uma instituição de Itajaí-SC eram necessárias. Aos poucos, a minha formação foi sendo direcionada para a Educação Física e a música passou a ser um hobby.

Durante a minha formação acadêmica na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, realizei diversos trabalhos que me auxiliaram profissionalmente e me desafiaram. Um deles, foi o relatório de estágio que tinha como tema “Imagens do Brasil”. Dentre a diversidade de imagens brasileira para trabalhar, o tema escolhido foi a imagem indígena. Tema que me cativou e proporcionou novos olhares para o campo de atuação e para as populações que estão sempre à margem do estado e da sociedade. Trabalhei com meu amigo Éliton com práticas corporais indígenas Guarani M'Bya¹ em uma instituição de ensino não formal. Naquela época visitamos a comunidade referente por duas semanas, e após estas experiências trabalhamos em uma instituição de ensino não formal na cidade de Itajaí-SC, a partir do que aprendemos com os indígenas guarani M'Bya.

Este tema de estudo possibilitou alçar novos voos. Com o intuito de continuar a minha formação acadêmica, no mesmo ano em que me formei na graduação me inscrevi como aluno especial da disciplina de Mídia e Educação Física oferecida pelo professor Giovani de Lorenzi Pires na Universidade Federal de Santa Catarina e consequentemente no ano seguinte, ingressei como pesquisador ao Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva – LaboMídia grupo que me acolheu de maneira muito afetuosa e ético-gastronômica há dez anos. Ainda inspirado pelo trabalho realizado na graduação, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC para realizar o mestrado afim de compreender como se davam as relações sociais a partir do futebol na Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng² situada no interior do estado de Santa Catarina. Foi um período de mudanças, sair do ninho e de procurar um lugar ao sol. Na Ilha durante os primeiros cinco anos (2010-2015), fiz novas amizades no esporte, na música, na academia e no amor. Pessoas que me inspiram e me dão suporte em momentos de dificuldades.

Ainda no período do mestrado e após a conclusão, ou seja, de 2011 à 2014 atuei como bolsista num projeto em rede com as Universidades Federais de Santa Catarina (UFSC) e Pelotas – Rio Grande do Sul (UFPEL), e a Universidade Tuiuti do Paraná (Curitiba - PR) que tinha como um dos objetivos realizar um diagnóstico da realidade das escolas do campo nos três estados da Região Sul do Brasil, mediante análise de dados obtidos junto às plataformas do INEP e nos processos

¹ Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/view/3176/1644>

² Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PEED0959-D.pdf>

de investigação-ação. A participação neste projeto me proporcionou conhecer novas regiões nos três estados do sul e compartilhar momentos de aprendizados com professores e pesquisadores de escolas do campo.

Ao finalizar esses ciclos formativos, retornei para o mercado de trabalho e iniciei lecionando em uma instituição de ensino superior na região do Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina. Nesta instituição tive a oportunidade de trabalhar com disciplinas voltadas para o campo de discussão das pessoas com deficiência devido a minha experiência no campo da cultura e diversidade. Quando o coordenador dos cursos de Educação Física Licenciatura e Bacharelado me convidou para lecionar as disciplinas de Educação Inclusiva e Educação Física Adaptada devido a minha experiência de pouco mais de 4 meses na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do município de Itajaí em 2010, fiquei apreensivo. Pois, não tinha experiência suficiente para assumir tal compromisso, no entanto, aceitei o desafio.

O primeiro semestre em que lecionei a disciplina de Educação Inclusiva me senti inseguro para abordar tal temática. Por mais que eu estudasse para preparar as aulas, era perceptível que a disciplina não estava tendo o desenvolvimento que eu esperava. Além disso, faltava material prático para a realização das aulas como por exemplo, vendas, bolas para a prática de esportes coletivos com guizo, kit de bocha e entre outros materiais que poderiam auxiliar na aprendizagem dos alunos. Ainda, eu tinha que dar conta de um conteúdo amplo em apenas nove encontros. Ou seja, em uma disciplina de 36 horas. Uma realidade presente em diversas instituições de ensino superior. No semestre seguinte, ao trabalhar com uma turma de bacharelado, eu mudei a minha metodologia de ensino a partir do feedback dos estudantes do semestre anterior. Passei a preparar aulas teórico-práticas e solicitei ao departamento de compras da instituição os materiais que não tínhamos.

Como haviam alunos do curso que já estavam trabalhando no campo da Educação Física e tinham alguns que já lecionavam para pessoas com deficiência, procuramos³ trazer as dificuldades encontradas no dia a dia desses alunos e discutí-las em sala. Tanto pela teoria, quanto pelo meio prático, buscamos “[...] uma relação constante entre os conhecimentos construídos nas disciplinas e a aplicação

³ A utilização da terceira pessoa do plural nesta frase é necessária, pois, as aulas eram construídas junto com os alunos.

utilização dos mesmos nas intervenções profissionais, permitindo aos acadêmicos a verdadeira noção da *práxis*” (SOBREIRA, LIMA e NISTA-PICCOLO, 2015, p. 140). Acredito que a estratégia possibilitou um melhor aproveitamento do número de aulas disponíveis para a disciplina e contemplou – em certa medida – a realidade daqueles profissionais da região do Alto Vale do Itajaí.

Durante esta minha experiência profissional surgiu a oportunidade de realizar o processo seletivo de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Após a minha inserção como aluno da referida instituição iniciei um processo de mudança tanto em relação a minha saída do emprego como também, minha ida para a cidade de Curitiba-PR. Ao longo do primeiro ano de doutoramento eu estava muito empolgado com tudo que estava conhecendo. Nova cidade, novos amigos, novas experiências. A metodologia em sala de aula era diferente das quais eu estava habituado, a dinâmica do departamento era outra. Tudo acontecia numa velocidade maluca. Confesso que minha experiência caminhou em outro sentido. Mais lento. Priorizando o processo formativo ao invés do resultado.

O segundo semestre no entanto, já começou desanimando. Vi uma presidenta eleita democraticamente, primeira mulher a alcançar o cargo mais importante do estado brasileiro ser golpeada por um acórdão com o supremo, com tudo! A democracia fragilizada, ferimento grave para toda população. Além dessa situação, tiveram outras tantas que mexeram comigo e com a minha experiência em estar com o outro. As divergências fazem parte do viver democraticamente e sei o quanto isso é sadio para a sociedade, porém, é importante demarcarmos posicionamentos e discuti-los entre pares e ímpares. Atitudes autoritárias, alunos tendo que produzir loucamente para dar conta do sistema educacional meritocrático que vivemos. É, labuta, labuta e labuta!

Por mais que este ano parecesse cinzento e com poucas perspectivas de sol, havia sempre uma luz, um caminho que era percorrido em parceria. Ser parceiro e ter parceiros de jornada é – talvez – a melhor estratégia para a sobrevivência em tempos sombrios. Aproveitei ao máximo os momentos em que estive na capital paranaense. A cidade vive cultura. Um doutorado não se faz apenas na produção e em publicações de artigos, orientação de iniciação científica, apresentação em seminários ou participação em congressos. Se faz/fez também, pelo

compartilhamento de momentos étlicos-gastronômicos vivenciados entre os amigos do grupo de pesquisa e de outros grupos. Se faz/fez pela troca de experiências com amigos que fiz em outros departamentos e programas de pós-graduação. Se faz/fez pela experiência de conviver com um grupo de pessoas que por um longo período te aceitaram e te acolheram com muito afeto, respeito e histórias.

Levo comigo a experiência da participação coletiva, o benefício de ter compartilhado cada um dos momentos com pessoas caríssimas que estiveram e estão presentes na minha vida. Como disse um grande amigo em momento semelhante: o doutorado é uma possibilidade de “aprender a como fazer pesquisa e formação e como não fazer”. Aprendi as duas coisas, talvez do jeito mais difícil, mas aprendi. Aprendi a ter tranquilidade em momentos sombrios, mesmo que o sentimento de ansiedade queira aparecer. Contar até dez ajudou. Aprendi que nem sempre o que se produz reluz. Aprendi que nem sempre estamos preparados para alguns desafios, mas que aos trancos e barrancos precisamos enfrenta-los e ter clareza de que é só um pequeno pedaço dessa experiência chamada vida acadêmica.

A velha casa na pequena cidade do interior de Santa Catarina, local em que passei a minha infância não existe mais. No lugar há mais um arranha céu e menos árvores. Restaram apenas escombros, vazio e saudade. Saudade que pode ser consolada por fotos e pela memória. Contudo, grandes ou pequenos os acontecimentos descritos aqui, proporcionaram à este que vos escreve alcançar novos horizontes.

INTRODUÇÃO⁴

Diante das diferentes situações que surgem no cotidiano acadêmico e social, sinto cada vez mais que é necessário compreender os diferentes significados que o mundo apresenta. Trabalhar com as vozes, ouvir os sujeitos, compreender seus sentimentos, despertou meu interesse. Trago a dúvida como sendo a base de impulso no trabalho de observar, compreender, analisar e aprender as teias de significados que foram postas no período de contato com o campo de conhecimento. Estar no campo acadêmico possibilitou-me constantemente criar distâncias a determinados valores que são acumulados socialmente e aprofundar, dialogar, traduzir e, de certa forma, interpretar o meio social em que estamos imersos.

No meio desse emaranhando de verbos tentei compor e esclarecer o estudo que parte tanto da minha vontade enquanto pesquisador como também, daquilo que emergiu do campo social. Inicialmente o trabalho submetido tinha como objetivo investigar o modo como os atletas com deficiência eram representados pelos meios de comunicação. No entanto, como se sabe, já existe um cenário acadêmico que tem tratado do tema “esporte paraolímpico e (na) mídia”, como por exemplo, Schell e Duncan (1999); Duncan (2006); Hardin; Hardin (2004); Gonçalves, Albino e Vaz (2009); Léséleuc, Pappous e Marcellini (2010); Silva e Howe (2012); Figueiredo (2014); Marques *et al.* (2014); Poffo *et al.* (2017); Dos Santos *et al.* (2018). Ao longo do primeiro semestre de 2016 participei de várias discussões no Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais sobre o Esporte Adaptado (LEPSCEA) coordenado pela minha orientadora na UFPR e também, do Labomídia que percebi que amigos dos grupos de pesquisa estavam realizando trabalhos no campo da “Mídia”, “Educação Física” e “Pessoas com Deficiência” que de alguma forma já contemplavam a temática que eu gostaria de estudar.

⁴ De acordo com a portaria nº 206, de 4 de setembro de 2018 é necessário mencionar que "o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. According to ordinance nº 206, of September 4, 2018, it is necessary to mention that "this study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001".

Após algumas semanas, passei a observar com mais atenção os trabalhos de extensão que estavam sendo desenvolvidos no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná - DEF/UFPR e dois projetos me chamaram a atenção. O primeiro eram os treinos da equipe de bocha paraolímpica que aconteciam nos períodos vespertinos e o segundo, os treinos da equipe de basquete em cadeiras de rodas que aconteciam no período noturno - ambas equipes da Associação dos Deficientes Físicos do Paraná (ADFP).

Ao longo do mês de maio de 2016 nas segundas-feiras eu ficava sentado nos bancos em frente as quadras observando os treinos. Não utilizava nenhum recurso para fazer as anotações, pois, como eu não tinha autorização, apenas anotava o que me chamava a atenção no final de cada treino. Os treinos da equipe de bocha terminavam por volta das 16h30min ou 17h, imediatamente eu ia para a sala da minha orientadora e escrevia o que me chamava a atenção durante a observação. Da mesma forma com os treinos da equipe de basquete em cadeiras de rodas, porém os treinos iniciavam as 18h e iam até as 22h. Confesso, que logo nos primeiros meses de observação parei de frequentar os treinos da equipe de basquete em cadeiras de rodas por dois motivos. O primeiro, segurança: o DEF/UFPR no período noturno não é um local seguro para frequentar, ainda mais alguém que necessita de transporte coletivo ou bicicleta para retornar à casa, ademais, tive pouca aproximação com os atletas. Segundo motivo da desistência era que uma amiga e parceira de grupo de pesquisa estava realizando seu trabalho de doutorado com os atletas da esgrima e basquete em cadeiras de rodas da ADFP e não atletas que fazem parte da Associação Paranaense de Assistência ao Paraplégico (APAP).

Assim, após a escolha do grupo da bocha paraolímpica e a partir das observações, iniciei o processo de elaboração do projeto de pesquisa. Esta elaboração era composta apenas por um questionamento geral e três questões específicas de estudo que apresentei nos grupos de pesquisa LEPSCEA e LABOMÍDIA. Foi então, que a partir do *feedback* das reuniões me propus a refletir ao longo do segundo semestre de 2016 quais temas seriam pertinentes. Como parte da metodologia para a elaboração deste estudo comecei a frequentar os treinos da equipe de bocha uma vez por semana. O início desse trabalho se deu no dia 13 de junho de 2016 (segunda-feira), no DEF/UFPR.

Por volta das 13:00 horas aguardei sentado em um banco em frente as quadras do ginásio o início dos treinamentos da equipe de bocha paraolímpica. Aos poucos os praticantes e seus acompanhantes começaram a entrar em uma das quadras se dirigindo aos bancos e cadeiras que ficam nas laterais da quadra para deixarem seus pertences (bolsas e mochilas) e seus kits de treinamento. Esses kits são compostos por uma maleta que contém treze bolas (seis bolas vermelhas, seis azuis e uma branca) e os atletas que utilizam de outros materiais como as calhas os acompanhantes às colocavam no local em que iriam treinar. Após essa “arrumação” os atletas se posicionaram nas linhas laterais da quadra e iniciaram os movimentos de alongamento e aquecimento com o auxílio de suas acompanhantes. Percebendo que havia se passado uns 15 minutos que os jogadores haviam “entrado” na quadra, resolvi me aproximar e conversar com eles.

As primeiras pessoas com quem conversei foram a atleta Ana e sua mãe Valda. Quando eu disse: “*Olá, tudo bem?*” Elas responderam e me receberam de maneira muito calorosa. Apresentei-me – nome, curso, nome da orientadora e intenções de pesquisa – e comentei que já tive a experiência de observar o esporte em outras oportunidades fora do DEF/UFPR. Enquanto conversávamos, Valda auxiliava a Ana nos exercícios de alongamento e relatava as atividades que foram realizadas ao longo do primeiro semestre de 2016 e quais os planos futuros. Esta característica de contarem sobre suas realizações e intenções foi sendo percebida no diálogo com os outros participantes ao longo dos primeiros contatos. Ouvir sobre suas trajetórias, quais os planejamentos foi algo importante para a minha aproximação com o grupo neste início. Ao relatarem suas histórias ou como diria Larrosa (1994), uma “experiência de si” os participantes criavam a oportunidade de apresentar para eles mesmos e para os que ouvem, suas interpretações sobre os acontecimentos vividos. Para o autor, “[...] é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc.” (p. 43). Promovendo uma espécie de provocação no ouvinte – eu, pesquisador - e abrindo caminhos de aproximação para um contato prolongado por meio das experiências relatadas.

No decorrer destes momentos iniciais de contato com o grupo, fui identificando algumas leituras que pudessem dialogar com o trabalho. Por vezes me

vi enraizado em determinados autores devido ao contato anterior com outras leituras e estudos que faziam parte da minha experiência acadêmica. A partir do processo de qualificação do trabalho comecei a rever os meus dados de pesquisa e percebi que por ter uma leitura presa à determinadas correntes teóricas, eu estava impondo um referencial teórico e uma análise à priori. Ao reavaliar os dados, optei por não seguir uma linha teórica para analisar os achados. Resolvi dialogar com diferentes autores que compartilham resultados de pesquisas e de conhecimentos que me ajudariam a discutir os dados deste trabalho.

Assim, a partir de um olhar macro sobre o campo procurei compreender quais os significados e benefícios da participação em uma equipe de bocha paraolímpica? Como um meio de alcançar e responder ao questionamento geral do trabalho foi preciso: (a) investigar quem são as pessoas que participam do grupo e quais seus interesses na prática da modalidade? (b) como as relações sociais a partir dos interesses individuais e coletivos influenciavam a dinâmica do grupo? (c) qual o papel das famílias para a inserção, desenvolvimento e permanência dos atletas na equipe? (d) quais as barreiras enfrentadas pelos participantes? (e) de que maneira a participação na equipe contribui para com a construção de uma identidade atlética?

A busca de respostas me levou entender que a participação de um indivíduo em um grupo social pode acarretar diferentes significados que perpassam desde o convívio entre pares como também, pode impactar a percepção individual sobre a realidade vivida. De modo inicial é importante entender que a participação das pessoas com deficiência na sociedade foi/tem sido marcada por determinados conceitos que, por vezes, às estigmatizam devido aos discursos históricos de que as tratavam/tratam como incapazes de realizar qualquer atividade. Finkelstein (1981) nas primeiras linhas de seu trabalho afirma que as pessoas com deficiência estão cada vez mais se tornando parte da comunidade e compartilhando relações sociais com pessoas sem deficiência, saindo de um status passivo para ativo. Isso se dá pelo aumento de espaços, tecnologias acessíveis, inserção no mercado de trabalho, políticas públicas, e claro, de movimentos sociais que condicionam essa interação. Em tempos atuais, a veiculação e o acesso a informação proporciona um maior conhecimento sobre os caminhos que devem ser tomados para a conquista e cumprimentos de direitos, como também, para o acesso a prática esportiva. Se

por um lado é afirmado que para este grupo existe uma valoração de sua inserção no meio social por outro, a pessoa com deficiência é marginalizada a partir de olhares estigmatizantes e lhe é negada a sua liberdade de ir e vir devido à falta de infraestrutura e planejamento urbano (LE BRETON, 2007). O sociólogo Paul Hunt (1966) ao refletir sobre o papel da sociedade em relação a pessoa com deficiência partindo da sua própria experiência de vida, salienta que:

estamos desafiando a sociedade a nos levar em conta, a ouvir o que temos a dizer, a nos reconhecer como parte integrante da própria sociedade. Não queremos que nós, ou qualquer outra pessoa, sejam tratados como cidadãos de segunda classe [...] (p. 157).

Não raro, encontramos discursos em relação a participação da pessoa com deficiência na sociedade que às categorizam como “cidadãos de segunda classe”. Ao relacionar estes discursos ao campo acadêmico da Educação Física com alguns estudos sobre como tem sido a representação do esporte paraolímpico e dos atletas nos meios de comunicação, por exemplo, autores como Duncan (1999), Duncan (2006), Hardin e Hardin (2004), Gonçalves, Albino e Vaz (2009), Léséleuc, Pappous, Marcellini (2010), Schell; Silva e Howe (2012), Figueiredo (2014), Marques *et al.* (2014), Poffo *et al.* (2017), Santos *et al.* (2018), têm apontado que a representação do atleta com deficiência tem sido estigmatizada e por vezes, podendo gerar estereótipos que personificam a pessoa a partir da deficiência. Dando pouco espaço de discussão e visibilidade em relação as potencialidades, performance esportiva e a participação da pessoa com deficiência no esporte. Tal achado possibilita a reflexão de que se os meios de comunicação são formadores de opiniões, ao representarem os atletas com deficiência através de categorias que os estigmatizam – seja por falta de conhecimento/formação por parte dos profissionais ou por estratégia discursiva –, proporcionam a perpetuação de que as pessoas em contextos semelhantes (com deficiência) são coitadinhas e vítimas de sua condição ou super heróis, que superam as barreiras da deficiência e alcançam feitos quase que inimagináveis.

De modo semelhante, no entanto, os estudos que discutem os significados da participação da pessoa com deficiência em modalidades esportivas (Hutzler e Bar-Eli 1993; Ashton-Shaeffer et al. 2001, Gaskin, Andersen e Morris 2009; Blinde e McClung 1997; Huang e Brittain 2006; Campbell e Jones 1994; Giacobbi et

al., 2008; Kasser 2009; Page, O'Connor e Peterson 2001; Hanson, Nabavi, e Yuen 2001; Goodwin et al. 2009) têm contribuído para que discursos estigmatizantes não sejam perpetuados. Estes estudos apontam, ainda, que o esporte auxilia no processo de autopercepção, empoderamento, percepção da competência corporal, competência social, integração comunitária, senso de comunidade/pertencimento, qualidade de vida, auto estima e bem estar. Para Alvis e Mejía (2013) os significados entre homens e mulheres praticantes da bocha e participantes da Liga de Paralisia Cerebral de Bogotá – COL, são fruto da construção social que o indivíduo produz ao longo da sua interação com o meio “[...] desenvolvendo nos indivíduos participantes, um auto-reconhecimento e uma grande possibilidade de desenvolver habilidades pessoais que permitam o empoderamento do esportista [...]”⁵ (p. 20). Corroborando assim, com os achados anteriores em relação ao significados da prática esportiva para pessoas com deficiência.

Tais estudos tanto no campo da ‘Mídia e Educação Física’ quanto sobre os ‘Significados do Esporte’ na vida dessas pessoas produziram achados importantes que contrapõem aos discursos que por vezes, representam as pessoas com deficiência a partir de termos que os estereotipam. Neste sentido, acredito que minha pesquisa oportuniza a reflexão sobre os benefícios e significados do esporte para aqueles que o praticam e que diferem dos discursos veiculados sobre a participação da pessoa com deficiência no esporte paraolímpico. Procuro no decorrer do trabalho refletir sobre alguns elementos resultantes da participação dos atletas da equipe de bocha da ADFP que demonstram o impacto das relações sociais entre atletas, acompanhantes e técnico. Além disso, procuro destacar o impacto do esporte como potencializador de uma auto reflexão para os participantes.

No primeiro capítulo apresento a bocha (regras, classificações, o jogo e a arbitragem). No segundo capítulo apresento a equipe e a instituição que oferece a modalidade. Estes capítulos possuem uma característica mais descritiva e de poucas análises, pois, a intenção nesses dois momentos breves é apresentar o campo com o qual estive envolvido durante o tempo de coleta de dados. No terceiro

⁵ Texto original: “[...] *desarrollando en los individuos que participan, un auto reconocimiento y una alta posibilidad de desarrollar competencias personales que permiten el empoderamiento del desportista [...]*”.

capítulo exploro as relações sociais do grupo categorizadas a partir de processos de distanciamentos e aproximações sociais que correspondem aos interesses dos participantes no grupo. Para a reflexão neste momento do trabalho utilizei o conceito de conflito social discutido por Simmel (1983). Com base no autor, considerei o conflito como uma maneira de sociação, ou seja, como o modo pelo qual os indivíduos criam possibilidades que atendem aos seus interesses. Nesta perspectiva o conflito não tem essência quando exercido por um indivíduo apenas, mas sim, pelas divergências que compõem os diferentes modos de pensar entre indivíduos no grupo social e neste caso, na equipe de bocha da ADFP. Os conflitos que são gerados entre os membros do grupo surgem devido à diferentes circunstâncias ao longo da trajetória do mesmo. Estes episódios conflitantes podem ocorrer em razão de alguns fatores, tais como: a não convocação para algum campeonato; manutenção e distribuição da verba que a equipe possui para auxiliar nas viagens e compras de materiais; relações de gênero; e a não permissão de um acompanhante que seu filho(a) treine com outro atleta por considerar que este é inferior em sua performance esportiva. Falarei também sobre o papel do técnico como o mediador dessas relações, além das estratégias utilizadas para auxiliar na manutenção do grupo.

No último capítulo do trabalho procurei descrever e refletir sobre o impacto do esporte na vida dos praticantes. Nesse processo de discussão, alguns temas foram sendo abordados como por exemplo, as barreiras enfrentadas pelos atletas para a inserção, desenvolvimento e permanência no esporte. Juntamente à isto, reflexões como falta de conhecimento profissional em relação as capacidades da pessoa com deficiência, entendimento sobre a deficiência tanto do deficiente como também dos familiares, a ausência e exigência parental na vida dos atletas foram sendo discutidos no trabalho como um meio de compreensão dos benefícios da prática esportiva. Além desses temas, o esporte proporcionou na vida dos participantes uma identidade atlética, ou seja, o modo como os indivíduos se identificam com o esporte e como se expressam através dele não apenas para as realizações dentro do movimento esportivo, mas para a vida (HUANG, BRITAIN, 2006; SHAPIRO, MARTIN, 2010). Outro importante aspecto está relacionado com o aumento do círculo de amizade e neste campo o papel do 'outro' como inspiração para compreensão do 'eu'.

Obviamente há outras características incluídas em cada capítulo que fogem destas mencionadas aqui, no entanto, entre os capítulos três e quatro é possível observar uma similaridade que perpassam ao longo da reflexão. No capítulo três, ao refletir sobre as relações sociais no grupo procuro em certa medida discorrer sobre os familiares que acompanham os atletas nos treinos e em viagens e como eles interagem com os demais membros do grupo. No quarto capítulo discorro sobre o papel da família como um importante facilitador para o desenvolvimento e permanência no esporte. A característica do envolvimento familiar neste trabalho perpassam os capítulos uma vez que, a participação destes é fundamental para que o trabalho do grupo seja desenvolvido. De acordo com Silva e Fleith (2010) existem alguns fatores que correspondem para esse envolvimento, entre esses fatores se destacam a relação direta com a alteração de rotina e com isso o envolvimento financeiro e a cobrança nos treinos; suporte informativo e emocional que auxiliam na resolução do enfrentamento de barreiras; crenças e expectativas sobre o potencial do filho e neste caso, a exigência esportiva passa a ser um fator condicionante para a permanência ou não da prática esportiva; valores da família que destacam a importância da tomada de decisões e neste caso, o enfrentamento de situações conflituosas, do incentivo a prática esportiva e na busca pela autonomia.

Os dados discutidos ao longo deste trabalho me permitiram compreender que a percepção do ser no mundo não se dá de forma objetiva, mas sim, a partir de uma relação dialética entre o indivíduo e sua inserção e participação em um grupo social – neste caso a equipe de bocha paraolímpica da ADFP. Embora esta pesquisa seja focada em um grupo específico, entendo que os resultados apresentados poderão gerar subsídios para a reflexão sobre a realidade de outras pessoas com deficiência em grupos similares. Ela poderá também contribuir no combate aos estigmas e preconceitos normalmente imputados às pessoas com deficiência. Além disto, este estudo também gerará conhecimentos que poderão enriquecer o trabalho de profissionais que atuam na área, bem como o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática.

METODOLOGIA

O aporte metodológico da pesquisa foi a etnografia⁶. Utilizando este método “emprestado” do campo antropológico – mesmo que concordando com Restrepo, “hoje, então, não se pode dizer que a etnografia é algo exclusivo dos antropólogos, embora sejam eles que recorrem a ela como parte de sua identidade disciplinar” (2011, p. 02)⁷ – pois, proporcionou uma imersão profunda ao campo de pesquisa e possibilitou uma reflexão densa sobre o grupo de bocha paraolímpica. Compartilho com a ideia de Geertz (1973) que a diversidade de costumes no tempo e no espaço do e no campo, não estão ligadas apenas à questões de comportamentos ou aparências, mas a um olhar além daquilo que está visível. O olhar “além” do visível é intencional para que a reflexão realizada ao longo do trabalho não seja relativizada a partir de representações universais existentes. Nesse sentido a etnografia,

“[...] é como tentar ler [...] um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.” (GEERTZ, 1973, p. 07).

Esta “leitura” do campo foi árdua devido ao processo de distanciamento entre “eu” – pesquisador – e o grupo social. Ao longo da minha permanência junto da equipe sempre questioneei sobre o meu papel devido a diferentes experiências como acompanhante de atleta em competições, participação nos treinos e na organização de um evento com a equipe⁸. Havia momentos em que eu saía com pouco entusiasmo das observações, pois, o técnico ou atletas solicitavam-me ajuda em

⁶ Esta abordagem me é familiar, pois a utilizei em minha pesquisa de mestrado intitulada “O jogo de futebol e o jogo das relações entre os Laklãnõ/Xokleng” no período de 2010 a 2012 realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo do meu trabalho de dissertação foi o de compreender o futebol na formação corporal da sociedade indígena Laklãnõ/Xokleng. Ele teve como questão de investigação a seguinte indagação: como o esporte/futebol pode ser um meio de união das relações sociais da formação corporal de uma sociedade? Ao longo do trabalho, busquei as mudanças dentro das práticas corporais daquela comunidade, como o futebol colaborava ou não na formação cultural e também, como esse esporte era recriado dentro dos diferentes espaços na Terra Indígena (TI).

⁷ Texto original: “Hoy, entonces, no se puede decir que la etnografía es algo exclusivo de los antropólogos, aunque éstos sean los que recurren a ella como parte de su identidad disciplinaria”.

⁸ Este evento será abordado no capítulo quatro.

determinadas atividades do treino, como por exemplo, arbitragem, medição dos lançamentos, montagem das quadras. Cheguei a pensar que eu era um auxiliar da equipe e esta posição, por vezes me impossibilitava de conversar e sanar algumas dúvidas. Por outro lado, assim como afirmou Restrepo (2011), a investigação etnográfica demanda paciência e empatia entre os envolvidos. Tal posicionamento dentro da equipe me proporcionou uma proximidade com grupo que talvez não seria possível se eu não tivesse exercido determinadas ações. Acredito que a etnografia proporciona o pesquisador ser tão íntimo do grupo, que faz com que em alguns momentos os indivíduos esquecem o seu papel e passam a reconhecer como um membro ativo.

O grupo social referido neste caso é a equipe de bocha paraolímpica da Associação dos Deficientes Físicos do Paraná – ADFP desde 1995. Além dos atletas e técnico, participaram também do estudo pessoas ligadas aos mesmos (auxiliares institucionais e acompanhantes), somando um total de 30 participantes. Desde 11 de agosto de 2017 à 01 de setembro de 2018, acompanhei o grupo semanalmente durante os treinos que aconteciam - e continuam acontecendo - nas segundas, quartas e sextas-feiras no período vespertino e aos sábados no período matutino no Departamento de Educação Física da UFPR em termos de horas, era em torno de 12h à 16h semanais. Também, acompanhei a equipe em eventos esportivos: Campeonato Metropolitano de Bocha Paralímpica que aconteceu em novembro de 2017 na Universidade Positivo em Curitiba, Campeonato Brasileiro de Bocha Paralímpica que aconteceu no município de São Paulo em dezembro de 2017, Jogos Paradesportivos do Paraná (PARAJAPS) em Maringá em novembro de 2017 e os 45º Jogos Escolares de Curitiba realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) em maio de 2018 e o Campeonato Regional Sul de Bocha Paralímpica em Joinville de 31 de agosto a 01 de setembro de 2018. Nos eventos realizados fora do município de Curitiba-PR é possível contabilizar entre 03 à 04 dias em contato direto com os participantes da equipe, desde o início da viagem até o retorno.

Nos eventos de 2017, por exemplo, estive como acompanhante de um dos atletas da equipe e diante disso, em alguns momentos eu não estava apenas na posição de pesquisador, mas também como membro da equipe. Isto sem dúvida, foi um grande desafio na pesquisa. Pois, foi perceptível o envolvimento que tive com

equipe a cada treino, depois de ter conversado em locais reservados e participado dos eventos. Afirmando isso, pois, nas conversas eles relatavam experiências da vida, momentos felizes e tristes, relação com a família, os amigos, expectativas sobre os eventos competitivos entre outros assuntos que necessitavam uma intimidade com os participantes. Esta experiência de ouvir as pessoas foi enriquecedora, mas ao mesmo tempo ecoavam as ideias de Geertz (1973) sobre o processo de inserção do etnógrafo e se em determinados momentos não havia me tornando um nativo. Expressões como: “Antonio, hoje você pode ajudar a gente?”; “é tão bom quando você vem, porque sempre precisamos de ajuda”; “Antonio, você pode marcar as distâncias que eles lançam as bolas?”; “você é filho ou pai do atleta?”; “sentimos a sua falta na última semana, pensamos que você não iria mais nos ajudar”; “você já é nosso, faz parte da equipe”; “depois que começou, não vai mais conseguir ficar longe de nós”. Estas falas são dos participantes da equipe e de pessoas que conheci quando estava em campeonatos acompanhando um atleta. Se por um lado elas representam uma acolhida positiva na equipe, por outro, a minha “capacidade de espanto⁹” segundo Restrepo (2011), uma das habilidades que todo etnógrafo deve possuir, pode ter sido fragilizada em algum momento devido a familiaridade, proximidade que tive com o grupo. No entanto, as situações eram novas e me possibilitavam os questionamentos e estranhamentos no campo.

O diário de campo foi extremamente importante para o processo de distanciamento do campo. Neste instrumento de coleta de dados ou de acordo com a ideia de Restrepo (2011), documento que expressa a personalidade do etnógrafo, inseri minhas angústias pessoais. Não apenas descrevi as situações que ocorriam no campo como também, meus sentimentos e breves reflexões sobre os dados que estavam sendo coletados. Além do diário de campo, realizei entrevistas abertas uma vez que a etnografia permite elaborar as questões de acordo com os diálogos e observações durante o convívio com o grupo. Todas as vezes que precisei indagar os participantes sobre questões de cunho pessoal, os convidei para conversar em uma sala de aula desocupada no térreo do Departamento de Educação Física-

⁹ “La última de las habilidades del etnógrafo, pero no por ello debe ser considerada la menos importante, es la capacidad de asombro. Cuando se adelanta investigación etnográfica en contextos sociales familiares para el etnógrafo, el gran reto es que pueda asombrarse con cuestiones que tienden a pasar desapercibidas no porque estén ocultas y sean extraordinarias, sino por todo lo contrario: están a la vista de todos en su existencia ordinaria, cotidiana y familiar. Extrañarse de lo familiar es fundamental en la labor etnográfica” (RESTREPO, 2011, p. 05).

UFPR, conforme já acordado com a chefia do departamento. Busquei sempre me certificar que os participantes tivessem privacidade para responder tais questionamentos.

Alguns documentos como atas de reuniões e regulamentos da ADFP também foram utilizados para compreender o campo. Utilizei também alguns equipamentos para obtenção dos registros áudio e visual: (a) máquina fotográfica, para registrar diferentes momentos, como por exemplo as competições e ações realizadas durante os treinos; (b) máquina filmadora para auxiliar as gravações de entrevistas, como também, registros de atividades em diferentes situações; (c) gravador para gravar as entrevistas.

Em relação as questões burocráticas de viabilidade deste projeto, é válido relatar três caminhos tomados. Primeiro: após a construção do projeto fui a Associação dos Deficientes Físicos do Paraná – ADFP fazer uma breve apresentação da intenção deste estudo para ter o aceite da referida instituição, na qual, a equipe de bocha adaptada está vinculada. Segundo: a proposta de estudo foi encaminhada ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná tendo sido aprovada com o parecer nº 68196517.1.0000.0102. Terceiro: retornei à ADFP para apresentar e deixar uma cópia do aceite e, também, do TCLE.

Em relação a análise dos dados, concordo com Larrosa (1994), ao dizer que o processo de compreensão do outro passa pelo exercício “[...] interminável de ouvir e ler histórias, contar histórias, de mesclar histórias, de contrapor algumas histórias a outras, de participar, em suma, desse gigantesco e agitado conjunto de histórias que é a cultura” (p. 70) de um grupo social. Para apresentar a realidade da experiência vivida com a equipe de bocha paraolímpica, foi preciso desmistificar alguns pressupostos do qual eu já havia produzido até o momento da qualificação no final do ano de 2018. Naquele momento, o trabalho estava tomando outros rumos tanto em perspectivas teóricas, quanto práticas. Até então estava pensando nos processos reguladores instituídos na equipe de bocha adaptada que contribuem para a formação social dos participantes, mas percebi que não eram esses os dados que punham do campo. Foi então, que durante o primeiro semestre de 2019 passei a revisar os caminhos que tinham sido tomados e reformular todo o trabalho para que assim, pudesse traduzir e interpretar as vozes dos sujeitos de modo mais representativo.

1 APRESENTANDO A BOCHA PARAOLIMPICA

FIGURA 1 – ATLETAS E ACOMPANHANTES DA EQUIPE DE BOCHA DA ADFP DA CLASSE BC3 TREINANDO



Fonte: o autor.

Em uma visita à UFPR o prof. Décio Roberto Calegari da Universidade Estadual de Maringá e que possui uma longa experiência na área da Educação Física Adaptada, participou de uma reunião no Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais sobre o Esporte Adaptado (LEPSCEA) comentou que a bocha é um dos jogos mais interessantes do esporte para pessoas com deficiência. São necessários cálculos, estratégia para alcançar o resultado e muita atenção para se compreender o adversário e conseguir vantagem sobre ele. Como muito se fala em campeonatos, em treinos ou em conversas sobre a modalidade, a bocha é um esporte que necessita de lançamentos “cirúrgicos” ¹⁰.

¹⁰ Este termo é utilizado devido ao grau de precisão que cada jogador deve possuir na execução do movimento. Como exemplo – pois, não irei explorar a técnica de jogo ao longo do trabalho – trago

A modalidade “[...] estreou no programa paralímpico oficial em 1984, na cidade de Nova Iorque, com disputas individuais no feminino e no masculino”¹¹. No Brasil, a modalidade surgiu na década de 1990 e em 1996 a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) apresentou o projeto “Bocha para portadores de paralisia cerebral severa” em Curitiba. Este projeto contou com a participação de cinco estados brasileiros: Paraná com duas instituições, Rio de Janeiro com cinco instituições, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo com uma instituição cada (CAMPEÃO, 2002).

Os praticantes da bocha são pessoas com paralisia cerebral (PC). A PC é caracterizada por fatores endógenos (hereditários) e exógenos (pré-natal, perinatal e pós-natal) e incide na alteração dos movimentos ou da postura (ROTTA, 2002; LEITE e PRADO, 2004). Também participam da bocha pessoas com deficiência física severa tais como distonia (contração dos músculos agonistas) e distrofia generalizada (degeneração da musculatura) e indivíduos que sofreram algum acidente que ocasionou tetraplegia.

1.1 REGRAS E CLASSIFICAÇÕES

A modalidade paraolímpica segue o regulamento da ANDE nacionalmente, que por sua vez, segue a Boccia International Sports Federation (BISFed)¹² que tem

um trecho do diário de campo dos PARAJAPS: “depois de cumprir com a nossa obrigação pela manhã, fiquei assistindo os outros jogos de bocha. Não fui olhar o do basquete nem no primeiro, segundo e terceiro dia, assim como o vôlei. Fiquei tão empolgado com a bocha e atento a cada jogo que não queria ver as outras modalidades. Ali tínhamos campeões paraolímpicos, nacionais e eu não poderia/queria perder essa oportunidade. Fiquei vendo o jogo do Luiz e do Tadeu. Que jogo! Vejo os dois sempre nos treinos no DEF-UFPR, porém, em um campeonato foi a primeira vez. Os dois jogaram de maneira ímpar. A primeira e a segunda parcial o Tadeu ganhou entrando para a terceira parcial com 3 pontos de vantagem. Mas era o Luiz, ótimo jogador, calmo e certo. Nós (eu e um grupo de pessoas que estava ao meu lado) que estávamos assistindo dizíamos, não tem como jogar a bola ali. Não tem espaço! E pronto! Luiz colocou quatro bolas onde ninguém esperava e ganhou a parcial de 4 a 3 sobre o Tadeu. Na quarta parcial o Tadeu jogou o jogo para o fim da quadra e teve vantagem e ganhou a partida por 5 a 4. Foi um jogo incrível, eu estava assistindo com diversas pessoas e admirando cada jogada” (Trecho do diário de campo no PARAJAPS de 03 de novembro de 2017).

¹¹ Informações retiradas no site da ADFP. Link: <https://www.adfp.org.br/>

¹² Neste trabalho não irei detalhar e/ou descrever as regras do jogo conforme suas instituições oficiais. No entanto, deixo o link para quem possa interessar: <http://www.bisfed.com/about-boccia/rules/>.

como visão, “[...] facilitar proporcionalmente oportunidades apropriadas para as competições de alto nível, [...] assegurando também o crescimento, o desenvolvimento e uma grande consciência da bocha sendo inclusiva, progressiva e acessível a todos”. No estado do Paraná existe a Federação Paranaense de Bocha Paralímpica, porém o site está desativado e contém uma página na rede social *Facebook* que não está atualizada desde o dia 30 de agosto de 2017¹³.

Quando um indivíduo inicia sua prática na modalidade esportiva junto à determinada instituição, o mesmo passa por um procedimento de avaliação com uma equipe de fisioterapeutas, profissionais da Educação Física e treinadores de determinadas modalidades para saber se o indivíduo está apto a praticar tal modalidade e qual a sua classificação funcional. No entanto, esta classificação não é oficial e é necessário outra avaliação que ocorre em campeonatos como por exemplo, o Campeonato Regional Sul de Bocha Paralímpica por um grupo de profissionais credenciados à ANDE. Este grupo de profissionais é constituído de um médico, um fisioterapeuta e um profissional de Educação Física. Antes do início das competições os atletas ainda não classificados se dirigem para um local reservado para serem avaliados. Esta avaliação não é permanente. O atleta fica em caráter de observação durante os eventos para que os avaliadores acompanhem sua performance e se a mesma é compatível com o registro inicial.

Se durante a competição o atleta não apresentar diferença nos movimentos e/ou os avaliadores não constatarem, a sua classificação permanece até que o atleta participe de um outro evento. Caso participe, o atleta deve realizar novamente o processo denominado de reclassificação, ou seja, confirmação da sua classe para tal modalidade. No entanto, se os avaliadores perceberem alguma diferença de movimento ao longo da competição, o atleta é desclassificado e precisa passar por uma nova avaliação em outro momento.

Um exemplo desse processo de classificação aconteceu no Campeonato Regional Sul de Bocha Paralímpica em 2018 no município de Joinville-SC. O atleta Éder da ADFP que participava do seu primeiro evento, realizou os testes de classificação sendo aprovado na classe BC4 para a competição, mas em observação. Ao longo dos jogos, o atleta foi desclassificado por considerarem que o mesmo tinha muita força nos braços e não poderia estar competindo em

¹³ Dado levantado em 30 de abril de 2018.

determinada classe. O técnico, o atleta e os outros membros da equipe ficaram surpresos com a notícia, pois, o atleta estava alcançando as etapas finais da competição e não estavam acreditando na sua desclassificação.

Alguns meses depois do ocorrido conversei com uma das classificadoras da competição que reside em Curitiba-PR com o intuito de conhecer um pouco mais sobre o processo de classificação, já que, durante as minhas idas as competições não tive a oportunidade de estar presente em um exame. No caso do atleta da ADFP, a classificadora contou-me que não participou, mas observou o processo de avaliação. Como ela era do mesmo município da equipe que o atleta estava representando, considerou que era correto não participar para evitar comentários em relação a ética profissional. Outros atletas da ADFP já relataram que não conseguiram passar na classificação funcional reprovou, e receberam o status de inelegível. Como por exemplo, outros dois atletas da ADFP em eventos anteriores - à minha convivência na equipe - ao cumprimentarem os classificadores deram um aperto de mão “forte” e isso, já pode ser considerado como inelegível para a modalidade.

Durante a conversa com a classificadora, ela confirmou que a avaliação dos atletas se inicia a partir do momento em que o atleta é chamado. Ou seja, desde os pequenos gestos de cumprimentar ou movimentar-se até o local do exame os atletas já estão sendo analisados. No entanto, assim como apareceu no trabalho de Araújo (2011), a classificadora contou-me que é possível o sujeito omitir determinado movimento para conseguir a classificação desejada. Uma das informações que obtive é que toda a avaliação é passível de erro e por isso existem a classificação em uma primeira competição e a reclassificação em uma segunda competição. Nestas situações o atleta pode ser classificado em uma classe diferente da anterior. Como por exemplo, o caso do atleta Martins da ADFP, que iniciou jogando na classe BC3 e atualmente, disputa na classe BC1.

A classificação é dividida em quatro categorias dependendo do grau de deficiência, conforme aponta a ANDE¹⁴:

BC1 - Destinada apenas para atletas PC, que podem jogar com as mãos ou com os pés;

¹⁴ Informações retiradas no site da ANDE. Link: <http://ande.org.br/>

BC2 e BC4 - Um suporte ou cesto para bola pode ser adaptado (figuras 02 e 03). Mas qual é a diferença? Na classe BC2, o atleta apresenta quadro de paralisia cerebral, e na BC4, qualquer outro quadro de origem não cerebral, como distrofia muscular progressiva, esclerose múltipla, lesão medular com tetraplegia, etc;

BC3 - É o atleta com maior grau de comprometimento motor. Neste caso, ele pode ser assistido por alguém, que tem a função de direcionar e ajustar a altura da calha; posicionar a bola na calha seguindo exatamente as indicações do jogador (figura 02).

Dependendo da classificação e do modo como o atleta realiza o movimento de lançamento da bola, é autorizado a participação de um auxiliar/assistente. Estes por sua vez, devem seguir as seguintes regras¹⁵:

Os atletas BC1, BC3 e BC4 que lançam com o pé, podem ter um assistente desportivo. Os assistentes desportivos de BC1 e BC4 que lançam com o pé podem se posicionar atrás da casa de lançamento e entrar na casa de lançamento quando o atleta solicitar.

Os assistentes da classe BC3 devem estar posicionados dentro da casa de lançamento de seus atletas, não podem olhar para dentro da área de jogo durante a parcial, não pode ter contato físico direto com o atleta durante o ato do lançamento, ajudar o atleta impulsionando a cadeira de rodas ou a ponteira. Do contrário, o atleta sofre uma penalização. Os assistentes desportivos desta classe realizam as seguintes funções:

- Ajustar ou estabilizar a cadeira do atleta – quando o atleta solicitar;
- Ajustar a posição do atleta – quando o atleta solicitar;
- Arredondar e /ou entregar a bola para o atleta – quando o atleta solicitar;
- Posicionar a calha (para BC3) – quando o atleta solicitar;
- Executar ações rotineiras (entregando a bola ou coloca antes ou após lançamento);
- Recolher as bolas após cada parcial – quando convidado pelo árbitro;

¹⁵ Informações retiradas no site da ANDE. Link: <http://ande.org.br/>

FIGURA 2 - ATLETA DA CLASSE BC3 DA ADFP ACOMPANHADO DE SUA AUXILIAR



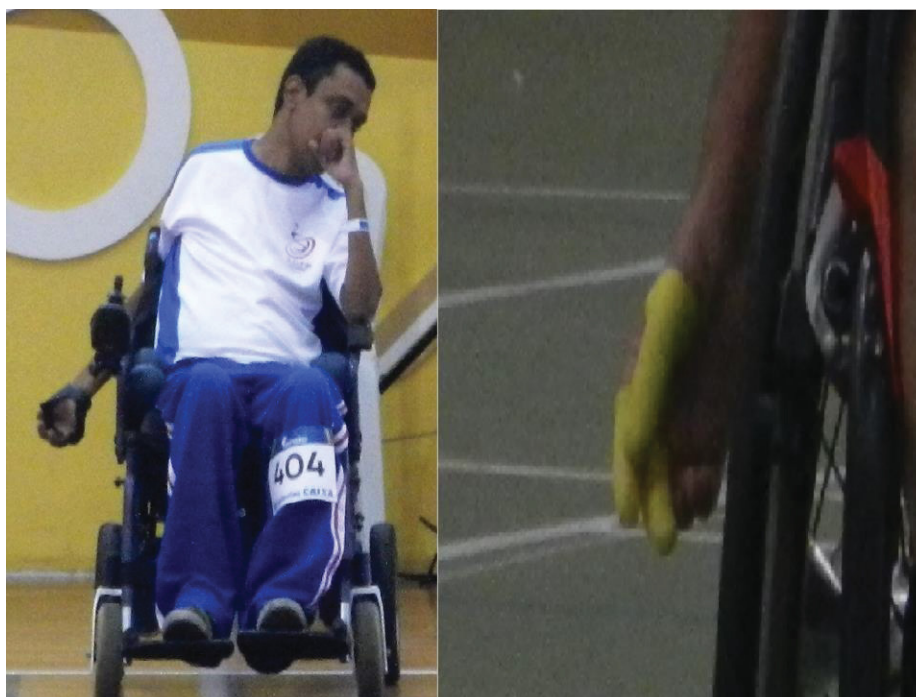
Fonte: o autor. 45º Jogos Escolares de Curitiba - PR realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) em maio de 2018.

FIGURA 3 - ATLETAS DA CLASSE BC2 DA ADFP. EQUIPAMENTOS: BOLSA/SACOLA E SUPORTE DE METAL PARA COLOCAR AS BOLAS DURANTE O JOGO



Fonte: o autor. 45º Jogos Escolares de Curitiba - PR realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) em maio de 2018

FIGURA 4 - ATLETAS DA CLASSE BC4 DA ADFP. EQUIPAMENTOS: LUVA ADAPTADA DE COR AZUL (ESQUERDA) E SUPORTE PARA DEDOS (AMARELO). AMBAS AUXILIAM A FIXAR A BOLA PARA O LANÇAMENTO.



Fonte: o autor. Esquerda: Campeonato Brasileiro de Bocha Paralímpica que aconteceu no município de São Paulo – SP em dezembro de 2017. Direita: Jogos Paradesportivos do Paraná (PARAJAPS) em Maringá - PR em novembro de 2017.

1.2 O JOGO

O jogo de bocha pode ser individual como também, em pares para atletas classificados como BC3 e BC4 ou equipes compostas de três atletas classificados como BC1 e BC2. Cada atleta deve possuir um kit que compõe 06 (seis) bolas vermelhas, 06 (seis) azuis e 01 (uma) branca denominada de *jack* ou bola alvo. Antes de iniciar o jogo, o árbitro responsável realiza um sorteio para saber com quais bolas os atletas irão jogar – vermelha ou azul.

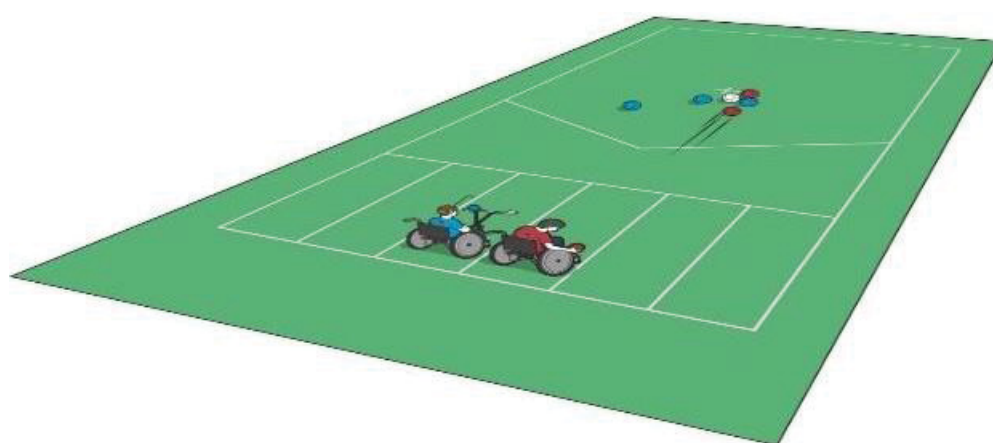
O jogo, quando disputado individualmente possui 04 (quatro) parciais, cada atleta possui 06 (seis) bolas de acordo com o sorteio e o *jack*. O tempo de jogo varia de acordo com as classificações dos atletas, sendo: BC1 – 05 min por atleta; BC2 e BC4 – 04 min por atleta; BC3 – 06 min por atleta. Quando disputado em pares o jogo possui 04 (quatro) parciais que variam de 05 a 07 min e cada atleta possui 03

(três) bolas de acordo com o sorteio e 01 (um) *jack*. Quando é jogado em equipes, o tempo por parcial é de 06 (seis) min. e 06 (seis) parciais. Cada atleta deve possuir 02 (duas) bolas de acordo com o sorteio e 01 (um) *jack* por equipe.

Uma das características da disputa entre pares e equipes é que nestes formatos cada lado deve ser liderado por um capitão. Este por sua vez tem as seguintes responsabilidades: realizar o sorteio das bolas que irão jogar (a equipe, vermelha ou azul), definir a ordem que cada atleta da sua equipe irá executar os lançamentos, confirmar a pontuação junto ao árbitro e assinar a súmula ou comunicar quem irá assiná-la. Além dessas, algumas responsabilidades podem ser divididas com o técnico: solicitação do tempo técnico, atendimento médico, substituição ou apresentação de um protesto caso haja a necessidade. Isto pode acontecer quando a equipe se sentir lesionada por alguma decisão que aconteceu durante o jogo, como por exemplo: desclassificação de um atleta em fase de avaliação, desacordo com o resultado e/ou alguma penalidade.

Na imagem abaixo, podemos visualizar uma representação de um jogo de bocha paraolímpica¹⁶. O atleta de camiseta azul que está jogando com a calha e outro atleta de camiseta vermelha jogando com o membro superior. Ambos atletas estão posicionados no box/casa.

FIGURA 5 - QUADRA DA MODALIDADE BOCHA PARAOLÍMPICA



Fonte: Disponível em www.civiam.com.br. Acessado em abril de 2018.

¹⁶ Link do vídeo produzido pela ANDE no Campeonato Brasileiro de Bocha Paralímpica em 2017 realizado no Centro de Treinamento Paralímpico localizado no município de São Paulo-SP: <https://www.youtube.com/watch?v=YfcH04ay-GE>

1.3 ARBITRAGEM

Para ser um árbitro da bocha paraolímpica, o interessado não necessita de qualquer pré-requisito para fazer o curso. De acordo com a ANDE, os cursos são organizados pela instituição a partir de uma demanda das federações, instituições e municípios. Em uma competição, a arbitragem é formada por três árbitros, sendo¹⁷: 01 árbitro principal – “responsável pelo sorteio, pela conferência e preenchimento da súmula, condução do aquecimento, aplicabilidade das regras em todas as ações que envolvem o jogo”; 02 (dois) cronometristas, no entanto, a organização do evento pode sugerir apenas 01 (um) cronometrista – “responsável por manusear os equipamentos que indicam o tempo, além de informar, de acordo com a regra, o tempo restante que os atletas ainda têm para lançamento (1 minuto, 30 segundos, 10 segundos e tempo final)”¹⁸; 03 fiscal de linha – “responsável por averiguar se há algum material, roupa, equipamento ou acessório que esteja ultrapassando de forma irregular o espaço designado para os atletas realizarem seus lançamentos”¹⁹.

FIGURA 6 - ÁRBITROS



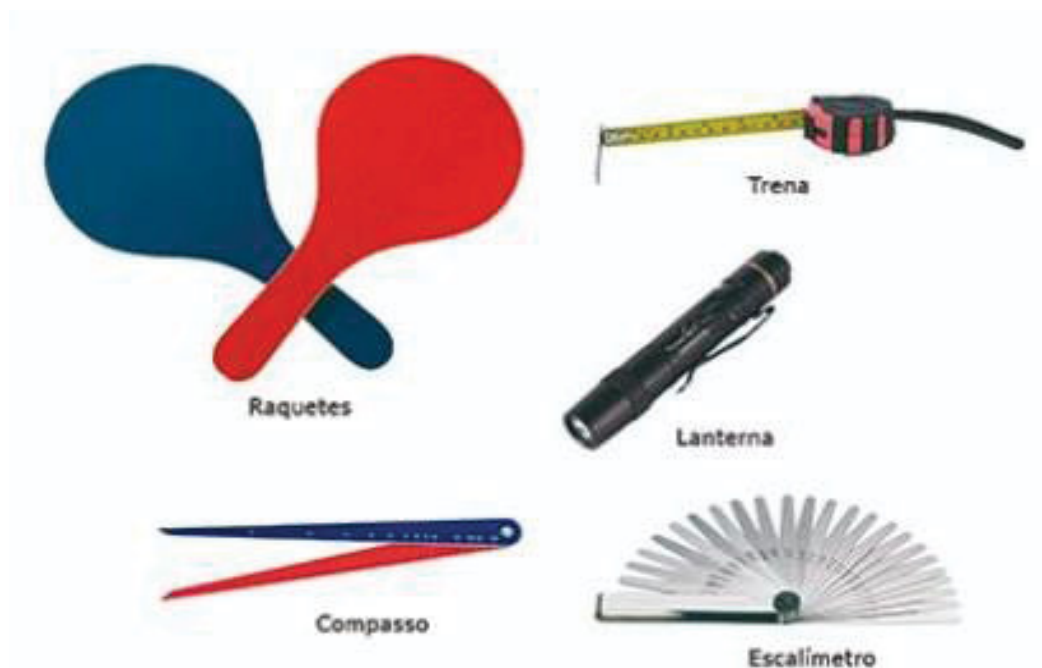
Fonte: o autor. Campeonato Brasileiro de Bocha Paralímpica que aconteceu no município de São Paulo – SP em dezembro de 2017

¹⁷ Informações retiradas no site da ANDE. Disponível em: <http://ande.org.br/modalidades-bocha/>

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

FIGURA 7 - EQUIPAMENTOS UTILIZADOS PELA ARBITRAGEM



Fonte: site da ANDE. Disponível em <http://ande.org.br/modalidades-bocha/>

Estes equipamentos auxiliam a atividade dos árbitros. A raquete é utilizada para indicar qual jogador – possuidor da bola azul ou vermelha – deve jogar. A bola que estiver mais longe do jack, ou seja, que não está pontuando é que adquire a vez de jogar até que haja a aproximação na bola alvo. Os demais equipamentos são de auxílio para a medição da distância das bolas dos jogadores em relação ao jack. Quando não existe a possibilidade de se medir as distâncias com o escalímetro, trena ou compasso devido à proximidade das bolas lançadas na bola alvo, o árbitro utiliza a lanterna para determinar a pontuação²⁰.

²⁰ Se a luz passar entre as bolas, significa que possui afastamento. Do contrário, é dada a pontuação.

2 O LOCAL E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA E A ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES FÍSICOS DO PARANÁ (ADFP)

FIGURA 8 – FRENTE DO PRÉDIO DA ADFP



Fonte: do autor (2018)

A equipe de bocha paraolímpica faz parte da Associação dos Deficientes Físicos do Paraná – ADFP desde 1995. Fundada em 1979, a instituição tem como “objetivo instituir e coordenar amplos serviços de assistência e reabilitação aos deficientes físicos”²¹. Em seus serviços de reabilitação, a instituição conta com fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia e enfermagem. No campo do serviço social seu principal objetivo é que os direitos das pessoas com deficiência sejam cumpridos, oportunizando a autonomia, segurança e a participação efetiva na sociedade. No departamento esportivo, a instituição conta com a diretora de esportes, gerente de esportes, coordenadora de esportes, fisioterapeuta esportiva, preparador físico e sete modalidades: basquete que iniciou em 1979 até 1984 e retornou em 2004; bocha como já mencionado anteriormente em 1995; tênis de mesa em 2000; tiro esportivo e esgrima em 2004; atletismo que teve seu início em 2017; natação em 2018.

Para a participação nas modalidades esportivas, o interessado deve seguir o regulamento geral de esportes da instituição. Nele é determinado as diretrizes e

²¹ Informação retirada do site da instituição através do link: www.adfp.org.br. “Esta organização tem como prioridade o respeito ao ser humano, independente do grau de comprometimento físico e situação social e econômica que venha a possuir. Nossa missão é creditar e desenvolver a independência e autonomia da Pessoa com Deficiência Física nas suas relações sociais através da reabilitação e habilitação física, social, cultural, profissional e esportiva”.

normas para os afiliados que queiram praticar algum esporte por ela oferecido. O esporte é uma atividade “extra” da instituição, conforme afirmou a diretora do departamento esportivo (DE) em uma reunião realizada no dia 11 de agosto de 2017. Durante esta reunião ela falou sobre a situação econômica da instituição ADFP e as normas que os atletas deveriam seguir para continuarem a fazer parte da equipe. Durante a reunião um dos atletas a questionou sobre algumas cobranças que a instituição estava fazendo para eles tais como: não dar entrevista ou tirar fotografias na posição de atletas sem a autorização da ADFP; auxiliar a instituição nas atividades solicitadas, como por exemplo, na venda de rifas. Eles também reclamaram sobre a falta de benefícios tais como convênio médico. De modo atenuante, a DE respondeu que a

“[...] ADFP não tem que fazer esporte. A ADFP, ela não foi feita para fazer esporte. A ADFP tem que fazer reabilitação, tem que fazer assistência social, ela tem que fazer escola, é isso que a ADFP tem que fazer, o esporte é um negocinho lá dentro! [...]” (Diretora Esportiva).

Em uma conversa particular com a DE, questionei sobre esta questão e ela contou-me que a missão da instituição não pode ser alterada, ou seja, o atendimento de serviços de assistência social e reabilitação são prioritários. Conforme ela disse, o esporte na ADFP é uma vitrine, “*é através do esporte que a gente divulga a associação, faz apresentações nas escolas, nas empresas e tal*” (Diretora esportiva). Tal estratégia, segundo ela, auxilia na visibilidade da instituição e conseqüentemente, ajuda a atrair possíveis parceiros para investimentos. Na época da coleta de dados a ADFP era mantida por dois meios principais que são os Correios²² e o bazar. Em tempos anteriores a instituição também recebia verbas de editais de assistência social, no entanto, em um determinado momento – na qual a DE não pôde me dizer ao certo – não houve abertura de editais para as instituições que assim como a ADFP, necessitam para a arrecadação de verba. O bazar é um outro meio de arrecadação, cerca de R\$4.000,00 (quatro mil reais) de peças de roupas, calçados e acessórios são vendidos por mês. Outros recursos são utilizados, como os jantares realizados pela ADFP, além das doações que recebem.

²² Não fui informado dos valores.

2.1 PARCERIAS

Como foi possível perceber a equipe e a ADFP não possuem todos os recursos para investir no trabalho e com isso, busca possibilidades para que parcerias sejam concretizadas a fim de sanar parcialmente as dificuldades enfrentadas. A equipe se estrutura não apenas via ADFP, mas a partir de um conjunto de instituições colaboradoras. Seja em remuneração para o treinador, seja incluindo alguns atletas em outras instituições possibilitando acesso à diferentes competições, e até mesmo, ofertando infraestrutura para os treinos como é o caso da UFPR. A UFPR cede uma (01) quadra esportiva e uma sala para guardar alguns dos materiais utilizados durante os treinos, como por exemplo a calha para os BC3, os kits de bocha de alguns atletas que não possuem carro e/ou não são auxiliados pela família²³ para se deslocarem até os treinos, fitas de marcação da quadra, cadeiras, colchonetes, tatames e outros materiais que precisam ficar naquele local para facilitar os treinos.

[...] a Federal ela funciona para gente como um aporte de estrutura. Então, ela oferece para a gente a quadra que a gente não tem! Então com isso, conseguimos desenvolver o trabalho, mas ela não tem e nunca teve também uma ligação muito mais estreita assim com a gente da forma como a gente utilizasse uniforme da UFPR ou fizesse algum projeto lá dentro, né [...]. Sempre foi iniciativa nossas assim, né? A professora [da disciplina de Introdução à Educação Física Adaptada] pela proximidade que a gente teve sempre, [...] a gente sempre procurou trabalhar junto assim, mas ela também não tinha muita autonomia para destinar recursos para a gente, comprar uniforme para bocha ou levar a equipe para uma competição, então isso, a gente nunca teve esse aporte. (Técnico)

Em uma reunião que aconteceu no dia 11 de agosto de 2017, a professora²⁴ citada acima, que ocupa a posição de DE da ADFP, relatou um evento que

²³ Este tema irei abordar no capítulo quatro.

²⁴ Aqui cabe ressaltar, que esta professora trazida nos relatos do técnico foi também, diretora esportiva da ADFP. No entanto eu a denominei de duas formas: Primeira – quando se refere às questões históricas da equipe, lembranças do técnico e dos participantes que remetem a ela como servidora da UFPR eu a apresento como “professora”; Segunda – quando estamos falando sobre a ADFP e as normas do esporte da instituição eu a denomino como “DE”.

aconteceu envolvendo um outro professor da UFPR. Na volta de suas férias de julho, abriram a sala sem a sua autorização e começaram a colocar para fora tudo o que tinha lá dentro, alegando que lá era um almoxarifado e que iria transformá-lo em uma sala, pois, naquele local o que havia era apenas “um amontoado de coisas”. Em certa medida o professor que estava retirando as coisas da sala tinha razão. A própria professora reconheceu isso durante a reunião.

Eu enfrentei há anos atrás uma situação por causa da sala estar uma bagunça. Aí o professor chegou e achou que a gente tinha que sair da sala, queria a sala por todo jeito e se a gente perder a sala, fica inviável o nosso trabalho. Nós não podemos perder a sala. Nós temos que ter realmente um maior carinho pela sala, pela arrumação, né, da sala ali. (Diretora Esportiva).

As instituições federais possuem um grande problema que é a disputa pelos espaços físicos. Em todos os departamentos em que já tive contato ouvi histórias por disputas de sala e por ampliação de determinados espaços. Em relação a esta sala existem apenas três pessoas que possuem a chave, a atual professora da disciplina adaptada e que assumiu o projeto na aposentadoria da antiga professora, o técnico e a D^a Patrícia que acompanha o seu filho na equipe. Esse número limitado do controle do espaço físico é consequência de outros acontecimentos, como por exemplo, o sumiço de uma filmadora e de cadeira de rodas, bem como a inserção de cadeiras lá dentro por pessoas que não eram membros da equipe de bocha.

FIGURA 9 - ESPAÇO FÍSICO DESTINADO PARA ARMAZENAMENTO DO MATERIAL ESPORTIVO



Fonte: O autor (2018)

FIGURA 10 - ESPAÇO FÍSICO DESTINADO PARA ARMAZENAMENTO DO MATERIAL ESPORTIVO



Fonte: O autor (2018)

Na Universidade, a equipe está vinculada às disciplinas “Educação Física Adaptada”, “Estágio Supervisionado” e “Projetos Integrados” então oferecida pela professora e diretora do departamento esportivo da ADFP. Estas disciplinas são oferecidas por vários professores que tem como campo de atuação outros locais além da bocha, como por exemplo, em academias, times de futebol, equipes de esgrima, basquete em cadeiras de rodas e entre outros. Alunos da UFPR matriculados frequentam os treinos para cumprir as horas das disciplinas de Estágio ou Projetos Integrados. O próprio técnico iniciou o seu trabalho na equipe desta forma e continuou a trabalhar com o esporte para pessoas com deficiência se inserindo em outras modalidades. Com o tempo passou também a fazer parte, como técnico da seleção brasileira. Desde que o técnico assumiu a equipe no espaço da UFPR já passaram vários alunos. No entanto, são os poucos os que de verdade se dedicam, de forma mais permanente, porém, apenas 08 (oito) se dedicaram tanto à modalidade e à equipe, em conversa com o técnico relata que: *“hoje a gente tem percebido que interesse já não cativa mais né? Que nem aqueles meninos que estavam da Dom Bosco, lá. Naquele formato ali de pessoas, assim, interessadas [...] são oito desde 2004. São 13 anos é muito pouco” (técnico).*

Uma outra parceria que a equipe concretizou no ano de 2017 foi com o Clube Duque de Caxias. De acordo com a DE da ADFP, esta parceria faz parte de um projeto²⁵ com a Confederação Brasileira de Clubes (CBC). Esta havia divulgado um edital para captação de recursos para instituições que trabalhassem com o esporte. Essa parceria ocorreu de maneira estratégica, pois, o Clube entendeu que poderia ter maiores chances de “ganhar” o edital inserindo o esporte paraolímpico. Com a aprovação do edital, a DE e os técnicos das modalidades de Esgrima, Bocha, Basquete e Tênis de mesa começaram a receber um valor mensal de R\$2.000,00 (dois mil reais) por 20h (vinte horas) de trabalhos semanais. Também a partir deste edital em épocas de eventos em que os finais de semana são comprometidos devido a agenda das instituições organizadoras os técnicos extrapolam essa carga horária que é compensada em uns dias de folga após o término.

²⁵ Para informações dos projetos contemplados pela CBC acesse o link: <https://cbclubes.org.br/editais-em-andamento/edital-06-ate-mp841-e-mp846-inscricoes-encerradas/busca>

2.2 SOBRE OS ESPAÇOS UTILIZADOS PELA EQUIPE NO DEF/UFPR

Os treinos da equipe acontecem no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (DEF/UFPR) durante quatro períodos. Nas segundas, quartas-feiras e sábados, eles são realizados na quadra de futsal (Figura 11) em que o piso é de cimento e melhor para a prática do esporte. Nas sextas-feiras o treino é realizado na quadra de basquete e voleibol (Figura 12) em que o piso é de madeira. Essa diferença de local é devido a grade de horários de utilização dos espaços para as aulas práticas do curso de graduação em Educação Física da universidade. Os horários dos treinos de segunda e sexta-feira são das 13h30min até as 17h00min. Os treinos de quarta-feira são das 13h30min até as 15h30min. Já os treinos de sábado vão das 08h30min até 12h00min. Estes horários sofrem alterações a cada semestre devido ao planejamento do referido curso. Ainda neste local, há dois vestiários: 01 (um) masculino e 01 (um) feminino; 01 (um) banheiro adaptado unissex; banheiros: 01 (um) masculino e 01 (um) feminino e anexo ao ginásio existe também uma lanchonete. Estes dados são apenas do piso térreo do DEF, pois, é o único local que a equipe frequenta nos dias de treino.

FIGURA 11 - TREINO DA EQUIPE DE BOCHA NA QUADRA DE FUTSAL



Fonte: o autor.

FIGURA 12 - TREINO DA EQUIPE DE BOCHA NA QUADRA POLIESPORTIVA DE VÔLEI E BASQUETE



Fonte: o autor.

2.3 OS TREINOS

Assim, como no relato da professora no tópico “2.1 Parcerias” e até mesmo ao longo da história da equipe na busca por uma melhor infraestrutura²⁶ para a realização dos treinamentos, os horários e espaços mesmo que em acordo com a coordenação do DEF/UFPR podem não ser bem aceitos em determinadas situações. À este exemplo, irei relatar um pequeno evento que aconteceu no dia 01 de setembro de 2017 registrado em meu diário de campo. Neste dia estava acontecendo os jogos de futsal da copa DEF que participam equipes masculinas e femininas. Este é um evento organizado pelo centro acadêmico do departamento e que ocorre todo o semestre entre 11h30min até as 13h15min.

O campeonato, supostamente deveria terminar por volta das 13h15min e os participantes da equipe de bocha não deveriam entrar na quadra antes das

²⁶ Sobre este tema em relação a infraestrutura para os treinamentos do grupo, será abordado no capítulo 3 uma discussão entre o técnico e atletas devido ao desempenho da equipe em campeonatos atrelado a falta de um local adequado para a realização de um trabalho eficiente.

13h30min – horários combinados durante a reunião de 11 de agosto de 2017. Desta forma, uma atividade não interferiria com a outra. Porém, no dia 01 de setembro às 13h30min as mães entraram na quadra e algumas alunas do departamento estavam realizando chutes ao gol. A Valda – mãe de uma das atletas da equipe de bocha - veio em minha direção e disse: “*Antonio, você que conhece o pessoal e estuda aqui, poderia pedir pra eles pararem de jogar, porque já está no nosso horário [...]*”. Respondi que sim e fui conversar com uma pessoa que já conhecia e que realizamos uma disciplina juntos no semestre anterior e disse: “Oi, tudo bem? Olha só, agora é hora do pessoal da bocha e vocês precisam parar de jogar. Ela me respondeu: “*tudo bem, mas já deu o horário deles?*” Respondi que sim e ela: “*mas ainda não é 13h30min!*” E avisei que já havia passado do horário e que estava começando o treino de bocha. Ela respondeu: “*beleza, tudo bem, vou só dar um último chute e já vou sair, eu sou meio contra a bocha aqui, mas beleza...*” Agradei a compreensão e confesso que fiquei irritado com a resposta dela, um tanto quanto ofensiva, pois demonstrou irritabilidade e uma postura negativa em relação a permanência da bocha naquele espaço. Para evitar um clima de tensão, preferi não alongar a conversa e me despedi da aluna. Na sequência comuniquei as mães que elas iriam sair em seguida²⁷.

Assim que comuniquei a equipe, a Valda foi conversar com a mesma aluna. Quando voltou, ela me disse que não houve discussão e que apenas foi falar com a discente sobre possíveis acidentes que poderiam acontecer caso uma bola acertasse os seus filhos. A quadra ao lado de piso de madeira estava livre para os alunos, mas não para a equipe de bocha. Portanto, a equipe não poderia usá-la. Compreendo que não havia razão para os alunos ficarem chateados com a solicitação da equipe de bocha, uma vez que esta estava apenas demandando que os horários fossem respeitados.

2.4 MEMBROS DA EQUIPE

²⁷ No decorrer dos meses procurei conversar novamente com a aluna citada no relato acima. Porém, após a conversa citada não tivemos proximidade e não pude entender melhor os motivos da opinião dela.

A seguir apresentarei o técnico e discorrerei sobre como se deu o envolvimento dele com a modalidade. Posteriormente apresentarei um quadro apresentando com algumas das características dos atletas e o nome de seus acompanhantes.

2.4.1 Técnico

O Técnico realizou o seu curso de graduação em Educação Física na Universidade Federal do Paraná entre os anos de 1997 e 2000. Seu início no esporte para pessoas com deficiência se deu no mesmo ano em que começou a graduação a convite de um amigo que era treinador da equipe de basquete em cadeira de rodas. *“Na época e aí ele chegou para mim em julho mais ou menos [...]: “você não quer me ajudar dar treino para o pessoal de cadeira de rodas aí, tal? A gente tem o campeonato brasileiro em dezembro e eu estava precisando de ajuda”* (Técnico). A partir desse primeiro convite, ele seguiu todos os anos de sua formação trabalhando com a modalidade de basquete em cadeiras de rodas. Esta experiência teve como consequência a sua indicação para fazer parte da ADFP no cargo de gerente esportivo em 2002, função que exerce até julho de 2017. No final do mesmo ano de inserção na instituição ADFP, ele assumiu a equipe de bocha paraolímpica,

Eu peguei ela [a equipe] já andando, né? Então a equipe ela formou na ADFP em 98 e o primeiro curso de bocha foi aqui em Curitiba em 95. Mas a ADFP só foi desenvolver a modalidade em 98 com o Rodrigo que era o único atleta daquela época [...]. Nunca tinha visto bocha nem nada e encarei o desafio. E isso foi logo depois que o Brasil participou da Copa América de bocha em 2002 lá em Kansas e o Rodrigo que era um atleta nosso foi para essa competição e trouxe a medalha de bronze. A primeira medalha de nível continental que o Brasil trouxe. Aí poxa, né? Vou treinar esse cara e caramba! Eu não sei nada! Então tive que me aprofundar bastante no que era deficiência, no quê que era a bocha em si e o Paulo na época que era o diretor de esporte [da ADFP] deu todo apoio. Então foi bem bacana nesse sentido (Técnico).

Ao assumir a equipe de bocha em 2002 e sem nenhum contato anterior com a modalidade, o mesmo procurou adaptar atividades que já realizava no basquete em cadeiras de rodas para a bocha paraolímpica. Como ele mencionou acima, os seus estudos sobre a deficiência dos atletas do basquete lhe proporcionaram um “ponta pé” inicial como treinador da modalidade, “[...] e aí eu pegava alguns exercícios que eu fazia do basquete e adaptava eles [os exercícios] para fazer na bocha. Então foi legal essa transição assim! (Técnico).

2.4.2 Atletas e acompanhantes.

Segue abaixo um quadro com os pseudônimos dos atletas, classificação funcional, idade, tipo de deficiência, ano de inserção na modalidade e os acompanhantes com que teve contato ao longo da coleta de dados.

QUADRO 1 - ATLETAS E ACOMPANHANTES

BC1				
NOME	IDADE	DEFICIÊNCIA	INSERÇÃO	ACOMPANHANTE
Moisés	24 anos	Paralisia Cerebral	2011 (APP ²⁸) 2014 (ADFP)	Jéssica (mãe) Eduardo (pai)
Martins	25 anos	Paralisia Cerebral	2010 (ADFP)	Viviana (mãe)
Tiago	45 anos	Paralisia Cerebral	1997 (ADFP)	José (pai)
BC2				

²⁸ Associação Paraolímpica do município de Paranaguá-PR

Fernando	22 anos	Paralisia Cerebral	2013 (ADFP)	Alice (mãe)
Caroline	24 anos	Paralisia Cerebral	2009 (ADFP)	Bruna (mãe)
Ana	31 anos	Paralisia Cerebral	2009 (ADFP)	Valda (mãe)
Valdir	37 anos	Paralisia Cerebral	2011 (ADFP)	Celeste (mãe)
Carlos	39 anos	Paralisia Cerebral	2013 e 2014 (ADFP)	Luísa (irmã)
Andrea	40 anos	Paralisia Cerebral	2011 (ADFP)	Verônica (mãe)
Leonardo	45 anos	Distonia Generalizada	2010 (ADFP)	Não possui acompanhante
BC3				
Marcos	30 anos	Paralisia Cerebral	2010 (ADFP)	Patrícia (mãe)
Marcela	33 anos	Paralisia Cerebral	2011 (ADFP)	Silvia (mãe)
BC4				
Éder	32 anos	Lesão Medular	2018 (ADFP)	Sofia (esposa)
Norberto	36 anos	Lesão Medular	2005 (ADFP)	Gabriela (esposa)
Juliano	41 anos	Distrofia Generalizada do tipo Becker	2005 (ADFP)	Luiz (irmão)

Tadeu	47 anos	Tetraplegia	Não informado	Não possui acompanhante
-------	---------	-------------	---------------	-------------------------

Fonte: o autor.

A equipe de bocha paraolímpica da ADFP é composta por três atletas da classe BC1 com idade entre 24 e 45 anos e que possuem paralisia cerebral (PC). O atleta Tiago é o participante que está a mais tempo em atividade. Sua inserção se deu dois anos após a fundação do grupo em 1997. A classe BC2 é composta por sete atletas entre 22 e 45 anos de idade, sendo que seis atletas possuem PC e um atleta com distonia generalizada. Neste grupo, apenas o atleta Leonardo não possui acompanhante familiar para os treinos e em eventos competitivos recebe auxílio de um acompanhante externo. A classe BC3 é composta por dois atletas com 30 e 33 anos de idade, ambos possuem PC e são acompanhados pelas mães. A classe BC4 é composta por quatro atletas com idades entre 32 e 37 anos. Na equipe, é a classe que compõem uma maior variedade de deficiências que são: distrofia generalizada tipo Becker, lesão medular e tetraplegia. Neste grupo, três atletas adquiriram a deficiência ao longo da vida devido há um acidente automobilístico ou de trabalho.

Entre os atletas, vale ressaltar que quatro deles deixaram a equipe ao longo do ano. O atleta Norberto deixou a equipe por razões religiosas, Tadeu saiu da equipe no segundo semestre de 2018. Durante o Campeonato Regional Sul de Bocha Paralímpica deste mesmo ano, estive hospedado no mesmo quarto do atleta e por diversas vezes, procurei conversar e conhecer um pouco mais sobre a sua história e os motivos de sua saída. No entanto, Tadeu não demonstrou interesse em dividir sua experiência comigo. Os outros dois atletas que saíram da equipe foram o Leonardo e o Valdir, mas neste momento não irei apresentar os detalhes, pois abordarei esta temática no quarto capítulo do trabalho.

3 AS RELAÇÕES SOCIAIS NO GRUPO

Cores, semblantes, tamanhos, diferentes, semelhantes... será que são tão próximos? Fiquei me perguntando sobre as relações entre eles, se existem grupos dentro da equipe, o que os unem ou distanciam? Deficiência? Talvez umas das maneiras de entendermos as relações é a partir das situações de encontros. Com quem conversam, quais as opiniões sobre alguns assuntos? (Trecho do diário de campo de 02 de outubro de 2017)

Abordarei as relações sociais da equipe de bocha enquanto um grupo formado por diferentes indivíduos que possuem posições e oposições a determinados conteúdos utilizando o conceito de conflito social de Simmel (1964) e assim, procurei compreender como as relações sociais a partir dos interesses individuais e coletivos influenciavam a dinâmica do grupo. Ao longo do capítulo apresentarei a existência de pequenos grupos - entre os quais as duplas estão incluídas - que se separam devido aos interesses que possuem em comum tanto dentro como fora da equipe de bocha. Nesse sentido, procuro apresentar e descrever de maneira densa os motivos que geram tensionamentos, distanciamentos no grupo e como o técnico exerce o papel de mediador dessas relações sociais. Porém, cabe destacar que o conflito aqui não é discutido como um meio de segregação, mas sim, como um intermediário de participação ativa no grupo e de compreensão das relações sociais. Além disso, as diferenças existentes no grupo se equiparam em momentos de solidariedade, uma vez que os interesses em prol do grupo são mútuos e se sobrepõem - em algumas situações - aos interesses individuais.

3.1 INTERESSES INDIVIDUAIS X INTERESSES COLETIVOS

FIGURA 13 - REUNIÃO COM A EQUIPE NO CAMPEONATO REGIONAL SUL DE BOCHA PARAOLÍMPICA DE 2018 EM JOINVILLE-SC



Fonte 13 – do autor

Desde o início da minha inserção na equipe de bocha paraolímpica observei os movimentos entre os integrantes desde os posicionamentos em quadra, na hora do lanche, o momento de espera para entrar na quadra seja no estacionamento do DEF/UFPR como também, no ginásio. Cada um tem uma maneira específica de interagir com os outros integrantes, seja de forma mais espontânea e “espalhafatosa” como é o caso da Ana que em todos os treinos me chama ou quando eu ia cumprimentá-la dizia bem alto: “*Antonio! Hoje eu estou feliz*” e abria um sorriso largo no rosto. Quando eu questionava o motivo da sua felicidade ela respondia que era porque estava no treino com os seus amigos. Outras pessoas mostravam o seu entusiasmo por outras coisas, tais como: os resultados da última rodada do campeonato brasileiro de futebol. Inclusive, passei a acompanhar os jogos, os resultados das rodadas como estratégia para me enturmar e puxar

assunto com alguns atletas e acompanhantes. Outras pessoas eram mais reservadas, cumprimentavam a distância talvez por timidez ou mesmo, por serem assim.

As personalidades no grupo se misturavam e juntas geravam uma identidade do grupo que os caracterizavam como a equipe de bocha paraolímpica de Curitiba-PR. A imagem da equipe sempre foi algo muito valorizado pelo técnico e para isso, o mesmo se utilizava de algumas estratégias como meio de conduzir a conduta dos participantes. Durante as competições, era comum observar o grupo reunido para falarem sobre as questões estruturais do evento como também para manter uma organização coletiva e uma imagem positiva. Com palavras de inspiração, o técnico procurava evidenciar as capacidades dos atletas relembrando os treinamentos, as estratégias de jogo, os posicionamentos na quadra. Além disso, como pauta dessas reuniões, ele enfatizava o comprometimento que cada participante deveria ter com o grupo e com os seus acompanhantes. Ele falava também sobre o devido respeito com os colegas e adversários na intenção de evitar eventuais situações de conflito. Este diálogo coletivo se repetia no último dia após o término de todos os jogos. No fim dos eventos o técnico apontava os erros, os acertos e o que a equipe precisava realizar para sanar os equívocos cometidos. Quando acontecia um evento mais grave envolvendo os participantes – seja uma discussão interna ou externa – uma reunião era realizada no primeiro treino após o retorno da equipe com o intuito de dialogar sobre as experiências que haviam sido vivenciadas naquele momento e também, afim de que, as condutas fossem organizadas em prol da equipe.

Quando questionei o técnico sobre o modo como os participantes agiam frente à situações de conflito, ele disse que: “[...] o ‘eu’ ali [na equipe], *ele perde a função e o mais importante ali precisa ser o ‘nós’*. Não o eu. E aí quando o ‘eu’ fica maior que o ‘nós’, *é que a coisa realmente fica ruim*” (Técnico). A preocupação do técnico em relação ao caráter do grupo enquanto uma unidade era evidente, assim, como a pluralidade de personalidades que ali conviviam. As histórias se misturavam, os momentos de tristezas e alegrias, de tensão e relaxamento eram compartilhados assim como os processos de compreensão sobre o que significa ser parte de um grupo. Alguns grupos como clube de motoqueiros; equipe esportivas; empresas; instituições educacionais são identificadas - seja por questões econômicas, afetivas e/ou por uma estratégia de discurso - como “família”, com o objetivo de aproximar

os membros desta instituição de maneira fraterna. O mesmo acontecia na equipe estudada.

Para Sarti (2004), “cada família constrói sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação da realidade vivida, com base nos elementos objetiva e subjetivamente acessíveis aos indivíduos” (p.13). Família vai além dos laços biológicos e se concretiza – também – a partir de outros interesses advindos das relações sociais. A equipe de bocha é um exemplo desse vínculo “família”. Em conversas particulares que tive com os participantes, em reuniões e/ou em grupo de *Whatsapp* o termo “família” era veiculado como um meio de identificação da equipe. Os relatos dos atletas Caroline e Martins demonstram essa categorização:

Eu falo que eu tenho a minha primeira família, mas a equipe já é a minha segunda família. Como se diz, minha segunda casa (CAROLINE)

Eu gosto muito daqui. Aqui parece uma segunda família (MARTINS)

Por outro lado, outros membros – principalmente acompanhantes e técnico – da equipe não pensavam da mesma maneira, uma vez que, como em qualquer outro grupo existem divergências devido aos interesses imbricados na participação de cada um. Quando eu questionava os participantes sobre como eles percebiam o grupo e as interações que nele aconteciam, alguns diziam que era “boa” e outros relatavam que “nem tanto”. Em quase todas as respostas, justificavam suas opiniões em memórias de uma outra época. Ao relembrares do passado, os participantes demonstravam um sentimento saudosista em relação a um tempo que já se foi. Neste sentido, termos como “já foi melhor”, “voltar a ser”, “falta mais união” eram utilizados para demonstrar que a equipe não está em plena harmonia.

[...] a gente consegue colocar um pouquinho do que que é realmente o se respeitar, o escutar o outro e incentivar o progresso do outro para que a gente possa, né, voltar a ter aquela equipe família. Aquela equipe unida para a gente poder enfrentar as dificuldades lá fora que são muito maiores do que aqui dentro (TECNICO).

[...] antes era mais unido, agora está meio...seilá...(ALICE).

Não é aquela equipe que eu entrei lá em 2009, nem 2010, 2011. Isso começou em 2016 e nós estamos em 2017 [...] toda essa confusão de um querer achar que é mais que o outro (BRUNA).

De acordo com Simmel (1983) não é possível a existência de um grupo que vive em plena harmonia, isso de todo modo, demonstraria uma irreabilidade da vida social ou mesmo, uma superficialidade da característica de um grupo. As interações se fazem também na oposição de ideias e é nesses enfrentamentos que a possibilidade de uma alteração na maneira de conduzir a conduta dos indivíduos se fortalece, ou seja, “admite-se que o conflito produza ou modifique grupos de interesse, uniões, organizações” (1983, p. 122). Sua existência – o conflito – pode criar condições de construção e destruição sobre os arranjos de interesse do grupo. “Nesta perspectiva, os conflitos sociais são destacados como socialmente importantes. Eles são formas prevaletentes nas interações de convivência social” (ALCÂNTARA JÚNIOR, 2005, p. 08).

É possível observarmos o movimento de oposição, de agrupamentos, isolamento e tolerância entre os indivíduos pertencentes do grupo da bocha. À exemplo disso, era comum ouvir frases como: “*você sabe de quem eu estou falando, né?*”, “*eu tenho o meu grupinho, sozinha não fico*”, “*tem mães que não deixam seus filhos jogar com os nossos*”, “*você pode dar a sua opinião, mas tem que saber que vai levar pedrada*”. Estas eram expressões que estavam presentes nos discursos entre os participantes quando o assunto era as relações sociais na equipe. Falar sobre ou negar a participação do outro, ou “correr o risco” de não ter sua opinião valorizada na equipe demonstram a existência de conflitos internos no grupo que precisavam ser dialogados. Em conversa com o técnico, ele justificou que a mediação das relações entre os participantes era realizada, porém, ela nem sempre era efetiva. Devido aos poucos encontros semanais, o processo era lento, e uma das alternativas que ele encontrou foi de separar a equipe em 06 (seis) pequenos grupos de acordo com a performance esportiva em níveis iniciantes e mais avançados. A cada treino ele ficava 1h30min com um grupo específico totalizando 02 (dois) grupos por treino. Outra alternativa eram as falas que ele realizava antes e ao final de cada competição. Seguem exemplos de algumas passagens de suas falas no PARAJAPS em 2017:

“Façam uma boa competição. Uma boa sorte a todos! Deem o melhor de vocês, tá? Em qualquer circunstância, sejam melhores e lembrando sempre que é, muitos se espelham na gente, então, o comportamento nosso dentro e fora de quadra é muito importante, certo? Então, a gente tem que sempre dar esse exemplo! Tem muita gente nova aí, primeira vez que está competindo e tal. Curitiba tem tradição na modalidade, então, realmente façam! Sejam um bom exemplo para essa galera aí!” (Fala do técnico em uma reunião com a equipe antes do início da competição)

“[...] o Juliano e o Norberto fizeram final, Tadeu estava lá na final, Marcela estava lá na final representando, o Martins e o Tiago também, Leonardo, foram lá brigar por medalhas isso que é importante, tá? Não a medalha, mas o que vocês fazem para chegar lá! Dá para melhorar? [Todos respondem: “dá”]. Tanto tecnicamente como fora de quadra também e a gente vai precisar realmente sentar lá em Curitiba e ai ajustar alguns pontos, para que a gente volte a ser aquela equipe unida em que um luta pelo outro, que um deseja o bem do outro e a gente assim se fortalece” (Fala do técnico em uma reunião com a equipe após a competição)

As falas descritas acima buscavam ajudar na conduta dos indivíduos no grupo. Num primeiro momento, a exigência em relação ao comportamento de cada integrante durante a competição era clara e fundamentada em um apelo histórico da representatividade da equipe de Curitiba-PR em relação as demais. Para o técnico era fundamental que o grupo percebesse que fazer parte da equipe não significava apenas a participação em uma modalidade esportiva, mas também, garantir que valores morais como respeito, empatia, trabalho em equipe fossem preservados. Para ele era também importante que houvesse uma reflexão sobre a conduta da equipe em cada evento.

De fato, após o retorno para Curitiba – PR o grupo fez uma reunião para tratar das situações que ocorreram no PARAJAPS-2017 como por exemplo, conflitos entre um acompanhante e uma atleta²⁹, conflitos entre as acompanhantes. Além disso, o grupo discutiu o estabelecimento de um regimento interno da equipe para que auxilie na conduta dos participantes. No entanto, como é possível observar na imagem da ata de reunião abaixo (figura 14), os conflitos não estão descritos com detalhes, apenas ao final é mencionado que “[...] *as determinações deverão ser seguidas para o bom andamento dos trabalhos de cada um como respeito e ordem*”.

²⁹ Um conflito específico que aconteceu durante os PARAJAPS 2017, será tratado no próximo capítulo.

FIGURA 14 - ATA DA REUNIÃO REALIZADA APÓS O PARAJAPS 2017 NO DEF/UFPR

Nos oito dias de mês de novembro, reuniram-se os atletas e após um
 arrastado para discutir um sobre o regimento interno da equipe a partir
 da sua aprovação, 1ª Copa Metropolitana de Borda Paralela, Borda e
 outros assuntos. Dando começo com uma dinâmica de grupo com
 cartões coloridos. A seguir iniciou-se a continuação do regimento
 interno. Um ponto que foi discutido foi o de criar um
 uniforme novo de treino com recurso do fundo de reserva. Também
 comentou sobre a Copa Metropolitana de Borda e explicou que
 seria por município. O fundo de reserva ascendi com R\$ 50,00 por
 atleta por dia de competição como auxílio transporte e também
 os custos de almoço serão custeados pelo fundo. Foi votada a
 destinação de recurso para pagamento integral da passagem do atleta
 para participar do Campeonato Brasileiro de Borda em São Paulo de
 14 a 18/12/17. Também sugeriu eleger os 3 atletas que iriam para
 o Brasil em um grupo único para interação e trabalho. A diná-
 mica de treinamento ocorreu da mesma forma até o final do ano. Ao
 final Darian comentou que as determinações de mais se seguem para
 o bom andamento dos trabalhos de cada um com respeito e ordem.

Fonte: o autor. Novembro de 2017³⁰

Ainda nesta reunião, o técnico utilizou de uma dinâmica para trabalhar a união, coletividade e empatia no grupo. Para a dinâmica, o técnico entregou a cada atleta um balão com um bilhete dentro que continha o nome de um outro atleta – mas eles não sabiam – e o objetivo era preservar o balão. Caso o balão fosse estourado, o atleta estava fora da atividade e não receberia o prêmio (uma caixa de chocolate). Em nenhum momento foi dito para os atletas que eles deveriam estourar o balão, apenas para que o preservassem. Instintivamente alguns balões foram estourados e outros não. Ao final da atividade, o técnico ressaltou que o prêmio não era uma caixa de chocolate, mas sim, a valorização e o cuidado da equipe. O balão foi utilizado como metáfora que simbolizava um atleta. A ação sobre este balão, representava metaforicamente a compreensão de cada participante era parte do grupo. Por outro lado, esta atividade apresentou um elemento positivo atribuído às situações de tensões que ocorreram na equipe.

³⁰ A imagem foi recortada para que os nomes originais dos participantes fossem preservados.

Talvez aqui a expressão popular “é com os erros que se aprende” possa fazer sentido no caso da equipe de bocha. Ao estourarem os balões os participantes não perceberam que o melhor para o grupo seria mantê-los intactos. Uma vez que, a participação em um grupo social necessita de empatia, do cuidar do outro. Ao entender que o conflito também é gerador de uma reflexão que permite aproximações entre os envolvidos, foi perceptível que o técnico buscou estratégias que contribuíssem para com mudanças para a ação e participação coletiva, oportunizando um ambiente em comunhão e fraterno.

3.2 TENSÕES E SOLIDARIEDADE NO CONFLITO.

Na tentativa de compreender os conflitos que existiam no grupo, procurei nas conversas em particular com os participantes da equipe questioná-los para que de alguma forma eu pudesse entender como se dão as relações sociais e quais as implicações para o desenvolvimento do grupo e dos participantes. Nessas conversas, sempre me perguntavam se eu sabia da história do atleta João. Eu respondia que não, mas que já havia ouvido alguns comentários sobre o mesmo. Quando eu questionava sobre o atleta em questão, as pessoas me relatavam uma explicação superficial sobre o assunto e outras diziam: “*então, melhor você nem ficar sabendo*”. Isso foi me deixando intrigado, pois, todos comentavam sobre o caso, mas ninguém queria falar com detalhes. As únicas informações que eu tinha era de que a história havia acontecido um ano anterior à minha chegada na equipe e que o atleta havia processado o técnico. Para que eu pudesse obter informações sobre o ocorrido, marquei uma conversa com o técnico da equipe no final do ano de 2017 após o encerramento de todas as atividades do grupo. Nesse sentido, apresentarei os relatos dos participantes e do técnico afim de entender o modo como as relações sociais no grupo atuam na participação e no desenvolvimento do atletas.

O atleta João iniciou na modalidade em 2008. No ano seguinte, iniciou a sua participação em competições nacionais. Em 2013, foi convocado pela primeira vez para a seleção brasileira. Na equipe da ADFP, o atleta permaneceu até o início do ano de 2016. No ano anterior, o atleta havia passado um período em Portugal para a realização de um estágio. Quando retornou ao Brasil no início de 2016, o técnico estava em uma semana de treino com a seleção brasileira em São Paulo e o João – que já havia sido convocado em outras ocasiões – não havia sido convocado. Assim que percebeu, ligou para o técnico exigindo justificativas por não ter sido convocado para treinar com a seleção, alegando que faltavam apenas oito meses para o início dos Jogos Paraolímpicos Rio/2016. O técnico respondeu que haviam outros atletas brasileiros que estavam com resultados melhores nas competições. Por isto o atleta não foi chamado. A partir desse momento, o atleta e sua acompanhante romperam com a equipe de bocha da ADFP e se transferiram para outra equipe no litoral do estado do Paraná. O atleta se sentiu lesado e entrou com um processo contra o técnico da equipe. Aparentemente o João procurou de alguma forma atingir a carreira profissional do técnico, pois, os motivos não se relacionavam com o trabalho e treinamentos ou com a não convocação dele e sim, com questões relacionadas ao aspecto financeiro da equipe de bocha.

Como apresentei no capítulo anterior, a equipe não possui verba para custear as viagens ao longo dos anos. Para que cada integrante da equipe não precise desembolsar dinheiro para cada competição que participasse de uma só vez, o grupo criou uma “caixinha” e todo mês cada atleta/família contribuía com um valor que variava de R\$10,00 a R\$40,00, dependendo da condição financeira de cada um. Assim como visto em outro trabalho (ARAÚJO, 2011), não são todas as instituições e clubes esportivos que possuem recursos para custear as viagens e os materiais dos atletas que por sua vez, dependem de arranjos como os da equipe de bocha ou da ajuda de familiares para se manterem no esporte. No caso da equipe de bocha, a cada competição se retirava um determinado valor para cobrir os gastos com a viagens.

[...] essa caixinha ela sempre existiu e aí quem cuidava era a mãe do André e chegou um ponto que ela falou assim: “técnico, eu estou com R\$800,00 lá em casa e acho que não é legal, né?” Então tá bom dona Joana, traz aí para a gente ver o que a gente faz. E aí, deu essa ideia de a gente montar uma conta poupança para

assessorar isso aí e quem ficou responsável pela nossa conta? O João e o Bruno (Técnico).

Ambos os atletas responsáveis pela conta não apresentavam uma prestação da movimentação da conta nem para o técnico e nem para os outros membros da equipe. E esse foi um dos causadores de desequilíbrio na equipe: *“e aí foi aonde que o pessoal via o negócio, mas não falavam para mim. Ficavam falando entre eles e aí começou os grupos se acharem todos lá”* (Técnico). O ‘se acharem todos lá’ para o técnico significa que a equipe começou a se dividir e conversar paralelamente sobre a movimentação financeira da equipe. Devido à falta de informação sobre a movimentação da caixinha, o grupo começou a ficar desconfiado com o que estava sendo feito com o dinheiro e consequentemente, as divisões internas surgiram e os conflitos entre os membros da equipe foram aumentando.

O atleta João ao sair da equipe usou esta questão da caixinha para entrar com um processo na prefeitura municipal de Curitiba-PR, alegando que o técnico cobrava um determinado valor para realizar os treinamentos, o que, de acordo com os depoimentos dos participantes da pesquisa, não era o caso. De acordo com eles, esta caixinha é uma arrecadação mensal em comum acordo com todos os participantes do grupo. Ela não tinha fins lucrativos e/ou não se revertia em benefícios pessoais para alguém em específico, o que contrariava o argumento utilizado pelo atleta João como uma das justificativas para processar o técnico. A prefeitura encaminhou o processo para o Ministério Público, que por sua vez, chamou o técnico e alguns atletas para prestarem depoimento³¹. Em conversas informais alguns participantes relataram que quando foram chamados para prestarem depoimento sobre o caso, alegaram que o atleta estava equivocado em relação à manutenção da caixinha em benefício do técnico. Para o técnico e para a acompanhante Valda, esta situação causou uma mágoa e um desconforto na própria equipe, comprometendo a relação entre eles.

Mexeu, mexeu, por que até então, a equipe ela se mantinha unida, né? As dificuldades elas aconteciam fora da equipe, e dentro da equipe a gente tinha um ambiente coeso em que um ajudava o outro. Objetivo ali era que o outro se desse bem para que possa levar o

³¹ Até o meu último dia em campo o processo estava ativo.

nome da nossa equipe. Sempre foi assim [...]. Infelizmente ele pensa muito nele, só [que] esquece do contexto, esquece da equipe, da função da bocha, da função dele como expoente, que poxa! Ele poderia tá muito mais incentivando as pessoas a serem atletas melhores a se comprometerem mais, a seguir em uma disciplina, porque ele é um atleta muito disciplinado. A seguirem essa disciplina e em detrimento disso, ele se aproveita das situações, então, é tudo em torno do dinheiro. Quanto mais dinheiro eles [atleta e sua esposa] tiverem melhor e se eles tiverem que passar por cima do outro, eles vão passar, entendeu? Isso a gente foi descobrir tarde, só. A gente foi se tocar que era assim, muito tarde (técnico).

O nosso grupo era muito fechado, bem coeso. Depois tiveram umas pessoas que vieram e meio que desgarraram coisa, mas graças a Deus já foram embora (VALDA).

Para Simmel (1983), quando um grupo é afetado por um elemento externo antagonista aos interesses do grupo, é possível que as relações entre seus membros se estreitem em prol de um bem comum. Neste caso eles (acompanhantes) se juntaram para apoiar o técnico no decorrer do processo. Também de acordo com Simmel os conflitos tendem a ser mais fortes em grupos pequenos devido à proximidade do elemento central – união da equipe – em relação aos aspectos periféricos – podendo ser denominado de fragilidades nas relações sociais do grupo. De modo exemplificado e corroborando com a ideia do autor, quando os participantes do grupo foram questionados sobre quais seriam as possíveis fragilidades ou mudanças na equipe ao longo dos anos, muitos foram categóricos em responder que o grupo precisa de mais união; que os participantes precisam ouvir e/ou conhecer melhor as fontes de determinados assuntos e comentários que são proferidos; e que depois da situação com o atleta, houve uma quebra nos laços afetivos da equipe.

Para o técnico, o enfraquecimento dos laços afetivos não é apenas uma consequência do episódio com o atleta João, mas também, de seu afastamento da equipe em alguns momentos devido aos compromissos com a seleção brasileira de bocha paraolímpica no período de 2003 a 2016³². De acordo com ele este não havia sido o primeiro conflito vivido de maneira intensa com a equipe.

³² Durante esses períodos de afastamento o técnico passava os treinos para a equipe e os atletas, “por conta própria” realizavam os treinamentos no DEF/UFPR

Em momento anterior no início de sua carreira como técnico de bocha paraolímpica, o mesmo havia sido confrontado pelos participantes da equipe devido aos resultados negativos em competições. Após o V Campeonato Brasileiro de Bocha Paralímpica em Petrópolis em 2003, alguns membros da equipe se reuniram, inclusive o diretor esportivo da ADFP que na época também era atleta da modalidade, e solicitaram o afastamento do técnico, devido aos resultados que obtiveram na competição. O argumento por eles utilizado pode ser resumido da seguinte forma: *“treinador, a gente acha que você não tem competência para ser técnico, então, a gente está desligando você”* (técnico). O técnico tentou explicar que eles não poderiam lhe culpar pois haviam outros fatores intervenientes tais como: o pouco tempo de treino semanal e a falta de uma infraestrutura adequada para os treinos. Ele acabou contando com o apoio de outros atletas que não eram a favor da sua demissão como afirmou no seguinte relato:

E aí os que estavam [contra a demissão] e que viram que não era assim dessa maneira, foram direto na presidência [da ADFP] pedindo para que eu ficasse. Então, a gente foi atrás de outro local e foi aonde a gente conseguiu a Paraná Esporte. Na época, então, a gente treinava no meio da quadra... lá do vôlei. E aí ficava um lado o pessoal do vôlei juvenil e do outro lado o vôlei iniciação e a gente jogando ali no meio, né? Então, parece que a gente conseguiu uma estrutura melhor para a gente poder treinar. E aí em 2004 o grupo Rexona saiu do Tarumã e foi tomar todo o ginásio da Paraná Esporte e aí a gente teve que sair. Aí eu falei com a Professora da UFPR que dava aula na Federal na época e a princípio a gente tinha as aulas dela na sexta-feira para a gente usar. Então, a gente usava na aula dela a quadra de bocha e daí a gente conseguiu mais uns outros dias lá para estar utilizando a quadra. E foi assim que a gente começou a parceria lá com a Federal para dar o treinamento do pessoal em 2004. Daí em 2005 a gente já tinha mais horários assim, né? Tipo, três vezes na semana e tal e sábado também. Então, a gente treinava todos esses períodos e a gente foi para o Campeonato Brasileiro em Alfenas (2005) e lá a gente conseguiu uma medalha de ouro, uma de prata e uma de bronze com Juliano. O Juliano tinha acabado de entrar na equipe em julho e aí em setembro pelo campeonato brasileiro. E aí ele foi e ganhou a medalha de bronze e com essas medalhas todas a ADFP ficou em primeiro lugar geral. Aí foi que a galera começou a perceber mesmo que era a falta da estrutura que realmente minava o nosso trabalho (Técnico).

No mesmo ano em que a equipe conquistou as medalhas mencionadas acima, o técnico foi convidado para fazer parte da seleção brasileira como apoio e no

auxílio das atividades físicas diárias dos atletas. Após esse primeiro início na equipe mais importante da modalidade, ele recebeu em 2006 o convite para ser o técnico chefe da seleção brasileira de bocha paraolímpica, cargo que exerceu até o ano de 2016 sempre em parceria com a ADFP.

Como é possível perceber pelas histórias relatadas acima, os conflitos gerados tanto pelo atleta que se sentiu lesado devido a não convocação para a seleção brasileira como também, pela falta de infraestrutura não apenas afetou o técnico como também, proporcionou que outros membros do grupo se sentissem afetados pelos atos gerados. Em conversa particular, o atleta Juliano comentou que o técnico e o atleta João tinham uma boa relação entre eles antes do ocorrido. Ademais, na visão de Juliano, o técnico chegou a dar mais ênfase no treinamento para o atleta do que para os outros membros da equipe:

Eu não sei o quê que aconteceu entre eles, se ele queria ajudarele [João] tanto e transformar ele [João] num grande atleta [...] que ele [o técnico] deixou a equipe de lado para treinar o João (JULIANO).

De acordo com outros informantes, o técnico possuía uma relação muito boa com o João, no entanto, a partir do momento em que o atleta se sentiu prejudicado, a relação entre ambos não foi capaz de suportar as divergências. Isso era perceptível também nos campeonatos em que participei junto da equipe. Quando os membros da equipe da ADFP estavam próximos do atleta João, o semblante de desgosto ou mesmo as ações de evitar cumprimentar ou conversar eram evidentes deixando aparente que havia um distanciamento entre eles. Não apenas com a equipe, mas com atletas e equipes de outros locais e regiões. Lembro-me que no Campeonato Brasileiro de Bocha Paraolímpica 2017, participei das reuniões das equipes do sul - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Este espaço foi organizado com o intuito de criar meios de fortalecimento da prática da modalidade na região entre outros assuntos ligados a burocracias do funcionamento de seleção de atletas e de atendimento das demandas da ANDE. Entre os presentes - os atletas e acompanhantes e técnicos – me chamou a atenção a ausência do atleta João e de sua acompanhante, uma vez que esta reunião tendo por prioridade o debate sobre os encaminhamentos da modalidade na região é de interesse de todos.

Os danos causados ao grupo como um todo devido a determinados conflitos foram supridos pela solidariedade, ou seja, pela necessidade de permanecer em “família”. Conforme salienta Simmel (1983), “[...] os membros atribuem tanta força ou tantos valores ao todo, que este pode permitir-lhes a liberdade do antagonismo, desde que possa contar que o gasto de forças resultantes desses antagonismos seja coberto por um outro rendimento” (p.142). Na equipe estudada, o suprimento desses casos caracterizados como conflitos e também, de rompimento de laços afetivos podiam ser observados nos pequenos grupos formados na equipe.

Até então demonstrei que os eventos de conflito causaram um impacto no grupo e mesmo assim, o sentimento de solidariedade e união da equipe prevaleceu afim de que o grupo permanecesse unido. Além da situação ocorrida com o atleta João, outro evento envolvendo a questão financeira da equipe contribuiu para outro conflito importante no grupo. Os atletas da classe BC3 precisavam consertar os suportes (pé) para as calhas, pois, o antigo estava prejudicando a performance esportiva³³ dos atletas. Como o caixinha da equipe é uma fonte rápida de captação de recurso financeiro, o técnico enviou uma mensagem no grupo do *WhatsApp*³⁴ da equipe perguntando se poderia utilizar esse dinheiro para pagar os suportes das calhas. Nesta mensagem ele disse também que o valor seria restituído pelos atletas da classe BC3 para o caixinha em parcelas ao longo do ano. Alguns integrantes da equipe não aceitaram a proposta por entenderem que apenas uma parte do grupo iria usufruir do dinheiro e com isso, eles não poderiam utilizar o caixinha. Mesmo tendo como objetivo a devolução do dinheiro, os atletas da classe BC3 não puderam utilizá-lo para este fim e conseqüentemente, tiveram que arcar com as despesas por conta própria.

Passado um determinado período do conflito supracitado, no dia 04 de setembro de 2017, o técnico reuniu a equipe depois do treino no centro da quadra para organizar a viagem para o Torneio de Pares e Equipes que aconteceu entre os dias 05 e 08 de outubro de 2017 no Centro de Treinamento Paralímpico em São Paulo - SP. Nesta ocasião ele sugeriu que se retirasse metade da passagem aérea do “caixinha” e a outra metade os atletas deveriam pagar. Em um primeiro momento, todos os presentes concordaram com a proposta até que a Silvia, mãe de Marcela,

³³ Esta temática será discutida posteriormente.

³⁴ É um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz. O usuário pode acessá-lo através de smartphones, tablet ou computador.

disse que aceitaria o acordo desde que o mesmo valor fosse repassado para os atletas que não iriam para o torneio. Imediatamente a Valda, mãe da atleta Ana, argumentou que não concordava com esse repasse para os atletas que não iriam competir e caso os outros membros da equipe concordassem com esta retirada, ela (Valda) exigiria todo o dinheiro que havia contribuído até o momento desde a sua inserção na equipe. Ou seja, ambas estavam inflexíveis em relação a manutenção da verba e não aceitando qualquer opinião contrária sobre o assunto. Porém, como afirmou a mãe do atleta Martins, *“mas aí não dá, eu contribuo com R\$35,00 tem gente que contribui com R\$15,00 e se for assim, eu tenho que receber mais, porque paguei mais”* (Viviana). Após a fala da Viviana, as mães das atletas Marcela e Ana começaram a discutir em um tom de voz alto e estavam visivelmente irritadas com a situação. Consequentemente, a atleta Marcela da classe BC3 também começou a falar alto e agitada em sua cadeira respondendo às argumentações de Valda.

A tensão tomou conta da reunião e todos começaram a conversar entre si e questionar os acordos que haviam feito anteriormente sobre o uso da verba. Houveram comentários tais como o feito pelo atleta Tadeu para a Viviana: *“mas sempre foi assim, aquelas [pessoas] que vão para os jogos recebem uma ajuda, aqueles que não vão para os jogos não recebem. Não importa se contribuiu ou não, ou quanto tempo está na equipe, sempre foi assim”*. A mãe do Martins responde: *“Pois é não dá para entender essa discussão”* (Viviana).

Conforme o pessoal havia me explicado, o acordo realizado em momentos anteriores ao da minha chegada era o de que os atletas que foram selecionados para determinado campeonato iriam receber o auxílio do “caixinha”. No entanto, a Silvia estava reivindicando a verba por dois motivos. Primeiro, devido a negação por parte de algumas pessoas da equipe em utilizar a verba para concertar as calhas. Segundo, porque nem todos os integrantes da equipe possuem condições financeiras para pagar à vista os custos com a calha. Este é o caso da família do atleta Marcos, que com o pai desempregado há dois anos, estavam se mantendo apenas com o benefício que o atleta recebe do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Já no caso das mães Valda e Bruna, elas estavam chateadas com a situação porque os atletas da classe BC3 conseguiram a verba para fazer as novas calhas através de uma doação. Porém, os “pés” das calhas ainda precisavam de ajustes para serem utilizadas. Esta situação corrobora com a fala do participante

Luiz ao ser questionado sobre os atritos que estavam ocorrendo na equipe. Para ele, toda a discussão foi gerada devido a um mau planejamento sobre o uso da verba:

Comentamos eu e o Juliano [...] se pegou o dinheiro e foi acertado para cada beleza! Só que foi feito e planejado mau. [...] se não dá para fazer duas calhas, faz uma bem feita! Porque depois para pegar o dinheiro de novo já ia dar um bafafá, isso é lógico! Antonio [pesquisador], ou pegava então, vamos fazer uma calha e vamos comprar um kit para outra equipe [...] porque, o que é a reclamação delas? É que a calha foi um preço, é “X” e o pezinho assim, mais outro preço “X”. (Luiz)

Em um grupo social – e neste caso, no caso da equipe estudada –, os interesses de cada participante se misturam e muitas vezes a falta de diálogo entre o grupo é combustível para que o conflito seja intensificado. Consequentemente, “a união ou a desunião resultante do conflito é um instante [de reestruturação] que as partes se enfrentam e não se identificam enquanto semelhantes” (ALCÂNTARA JÚNIOR, 2005, p. 10). As discussões sobre a manutenção da verba da equipe produzia um excesso de tratamentos desagradáveis entre os seus membros. Em muitos casos, a relação não avançava além de cumprimentos na hora da chegada e despedida. Dona Silvia, chegou a conversar comigo sobre o ocorrido em relação a distribuição das verbas para os atletas que iriam para o torneio citado anteriormente. De alguma forma, a acompanhante gostaria que eu me posicionasse a seu favor, por entender que o seu lado era o certo. Porém, no momento em que conversámos e/ou que ela justificava a sua atitude em não aceitar que o valor fosse destinado apenas aos atletas que iriam competir, eu não tomei nenhuma decisão de peso valorativo certo ou errado. Apenas, disse que em um próximo momento com todos mais calmos a situação seria resolvida em prol do coletivo³⁵.

Para a acompanhante Bruna, essa situação foi gerada a partir do descumprimento de um acordo interno do grupo sobre a utilização da verba do caixinha. Como ressaltado anteriormente pelo atleta Tadeu e a acompanhante Viviana, apenas recebem ajuda de custo para as viagens os atletas que forem

³⁵ Isso de certa forma é uma característica da pesquisa etnográfica. O envolvimento entre o pesquisador e o grupo investigado pode assumir uma afinidade tão acentuada que os indivíduos da pesquisa consideram o pesquisador um membro do grupo. A postura do pesquisador é colocada à prova criando uma situação embaraçosa entre os envolvidos podendo ocasionar um distanciamento nas interações ou mesmo, a negação da participação do pesquisador.

classificados. Os demais atletas que não conseguiram as vagas neste momento, permanecem indo aos treinos ampliando o desenvolvimento das técnicas e receberão este auxílio quando forem convocados para as competições. O relato de Bruna sobre a utilização da verba exemplifica esta situação:

Só que assim no caso você que chegou agora eu digo assim, lá atrás nós fizemos um combinado. O regional a ADFP paga. Quem passa do regional o caixinha ajuda a pagar a passagem do atleta e a gente [particularmente] paga passagem do acompanhante. [...] se três atletas se classificaram para o brasileiro, [estes] vão tirar R\$ 500,00 da caixinha para pagar a passagem. Porque que os outros têm que ganhar R\$ 500,00 [já] que não vão? Se isso lá atrás não foi o acordo que todo mundo aceitou? Até porque, esses R\$ 500,00 que a Caroline [filha de Bruna] vai ganhar, ela vai pagar a passagem. Então, se quem ficou [e não vai para o campeonato] vai ganhar R\$ 500,00, eu quero a passagem da Caroline e [mais] R\$ 500,00 para ela ter dinheiro. Porque esses R\$ 500,00 é a passagem e quem ficar não vai comprar uma passagem e é, aí que ninguém concorda. Só que eu acho assim, se já foi feito e todo mundo sempre fez assim nunca ninguém reclamou, por que é que agora tem que mudar? Só para criar confusão? Continua do jeito que está! ia muito bem, obrigado!

Para Bruna assim como para outros participantes da equipe, a verba deve ser utilizada conforme regras já acordadas anteriormente. Também conforme ela, existem outras formas de captação de recursos que os atletas particularmente poderiam utilizar. Por exemplo, a construção de um projeto esportivo para ser submetido no edital da lei de incentivo ao esporte da prefeitura de Curitiba-PR³⁶. No período em que estive em campo, pude observar que eram poucos os atletas que buscavam outras formas de captação de recursos destinados a viagens e a manutenção de seu material esportivo. Até mesmo o técnico mencionava que caso algumas famílias precisassem de auxílio para construir um projeto a ser submetido no referido edital, ele estaria à disposição para possíveis esclarecimentos. Porém, apenas a Bruna e sua filha Caroline elaboraram e aprovaram um projeto. Os demais membros da equipe quando questionados justificavam que não tinham

³⁶ “O Programa Municipal de Incentivo Ao Esporte (Decreto 1743/2017) destina os recursos do Imposto Predial e Territorial Urbana (IPTU), das Entidades incentivadoras, diretamente para os projetos esportivos aprovados pela prefeitura de Curitiba”. Estes recursos são destinados a atletas, profissionais do campo da Educação Física e entidades esportivas sem fins lucrativos. Para mais informações: <https://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/incentivo-ao-esporte/40>. Acessado em 08 de setembro de 2019.

conhecimento do edital, não sabiam como elaborar o projeto, ou ouviam dizer que a prestação de contas era complicada e por isso, não participavam.

Na equipe de bocha adaptada, devido ao seu histórico de conflitos entre os seus participantes, foi possível perceber uma ruptura consequente das relações conflituosas. A existência desses conflitos no grupo não significava de algum modo que os membros não poderiam conviver em equipe, mas que as situações conflituosas se configuravam como um meio de compreensão de papéis que cada participante exercia no interior do grupo como também, a formação de grupos internos. No entanto, a capacidade do conflito de produzir resultados positivos é algo que deve ser considerado como uma construção social principalmente porque os próprios membros da equipe de bocha da ADFP reconheciam que o grupo precisava agir coletivamente para o desenvolvimento e benefício da equipe. O conflito se tornou um meio de compreensão das mudanças sociais existentes afim de que, a tensão contrastante entre os participantes tanto em situações coletivas e/ou individuais pudessem ser superadas. Neste sentido, as atitudes de solidariedade se fizeram presentes em momentos específicos, como por exemplo, os casos nos quais o técnico era tido como um “inimigo” que era questionado pela sua capacidade profissional (ensinamento da técnica de jogo, organização de treinos, convocação), como também, moral e ética (conflitos relacionados a manutenção da verba).

Neste tipo de situação, estabelecer associações temporais em meio as divergências tornou-se fundamental para o fortalecimento do grupo. Os dados revelaram que a participação na equipe não apenas exigia que as relações sociais fossem mantidas através de diálogos que consolidavam os interesses ali investidos como também, através de um sentimento de empatia em momentos considerados frágeis.

3.3 GRUPOS INTERNOS: afinidades

Como vimos nos tópicos acima, os conflitos no grupo são contínuos podendo ser benéficos em alguns momentos levando a um estado de concentração da

unidade. Em outros, no entanto, podem causar um desligamento total ou mesmo, a formação de subgrupos e/ou grupos internos³⁷. A formação de um grupo ou vários pequenos grupos no interior de uma unidade social pode ser definida de diferentes modos: (a) afinidades: esses grupos se caracterizam de acordo com as classes dos atletas; por residirem em locais próximos um dos outros ou por compartilharem de atividades e discussões para além da equipe; (b) competição: devido a interesses que precisam ser preservados é importante ter pessoas ao lado para que defendam determinada posição, mesmo com opiniões divergentes. Neste sentido, Simmel (1983) aponta, que por terem um *modus vivendi* suportável ou suportado, esses pequenos grupos podem se unir em prol de um bem comum. Caracterizando assim, que os interesses de participação em prol do coletivo se sobrepõe aos atritos internos.

Quando questionados sobre as divisões no grupo, os participantes respondiam que sabiam dessas divisões e ao mesmo tempo, repetiam os relatos de que não havia problemas com nenhum outro integrante da equipe. Eles também reafirmavam que poderia haver mais união na equipe de bocha e que algumas pessoas (não citavam nomes) precisariam estar mais comprometidas a respeitar mais a individualidade e opinião dos outros:

Verônica: Aí, eu não tenho problema na equipe, nenhum, nenhum, nenhum, com ninguém.

Pesquisador: E o que é mais importante aqui na equipe?

Verônica: Aí, eu acho que tinha que ter mais união, né? Na equipe. Uns ajudam demais e outros ajudam nada, né? O problema é esse. Uns fazem demais e outros fazem nada, só olham, né?

Pesquisador: eu percebo que tem divisões, isso dá para perceber...

Verônica: Você vê que tá... Igual a eu, a Silvia, Patrícia, a Viviana, Jéssica a gente vai fazendo os grupinhos (risos) pior que sair, né? Os grupinhos (risos). Nós temos o nosso lá de cinco, seis não sei (risos) e estão sempre junto, né?

Pesquisador: E têm os outros, os que ficam sozinhos?

Verônica: Eu sozinha não consigo ficar não, eu não fico sozinha!
(Conversa com Verônica)

³⁷ O Exemplo do atleta Leonardo é um deles. Após a reunião com a diretora esportiva da ADFP todos os atletas deveriam seguir uma frequência de treino. Caso não tenham essa frequência mínima, não participam de campeonatos. O atleta necessitou em 2018 fazer uma cirurgia na qual já vinha adiando desde o ano anterior devido aos campeonatos, porém, quando se recuperou voltou a treinar com a expectativa de participar do regional sul em Joinville. Mas como não tinha frequência de treino não foi inscrito e com isso, ficou chateado com o técnico e deixou a equipe para treinar em outro município.

Então, cada um, cada um, mas respeitando na minha individualidade e eu respeitar a tua, né! Se eu não gosto de ajudar ninguém, nem por isso vou falar para você ‘porque você tá ajudando fulano?’ Deixa ele, ele sabe se virar [risos]. Para quê que eu vou falar isso? Para quê que eu vou falar isso, né? [...] Então, tem que ter assim respeito com todos. Cada um tem uma forma de pensar, mas assim, respeitou a forma de eu pensar assim no individual ou no coletivo é óbvio que eu vou ter mais é que respeitar muito mais ainda o outro na forma individualista dele. Agora no coletivo, somos todos iguais. Todos com a mesma boa vontade, com o mesmo projeto querendo que deslanche, né? De forma correta e com respeito (PATRÍCIA, acompanhante).

É comum observamos em grandes grupos pessoas que possuem uma relação de mais afinidade com determinado participante. Construimos e solidificamos amizades por meio de nossos interesses em comum, sejam eles quais forem. Em grupos como a equipe de bocha é possível ver amizades que surgem por diferentes fatores: por competirem e/ou acompanharem atletas de uma mesma classe, por residirem próximos uns dos outros, por terem estudado na mesma escola – no caso dos atletas –, ou por outros motivos de interesses comuns. Os laços de amizades se apresentam e são percebidos de modo latente em pequenos momentos. Um exemplo desses pequenos momentos é o das refeições. Espaço de socialização, de aprendizado e rico para observar como cada participante se comporta e como os grupos são formados dentro da equipe.

No café também, né? Você consegue identificar direitinho ali né os grupos e tal. Quando a gente tinha o espaço da quadra mesmo para gente utilizar [para o café] isso não ficava tão evidente, tipo, ‘tenho que estar lá senão vou estar fora e aí o professor vai chamar a gente de azeite, de gás nobre, então, vamos ficar ali junto do grupo’. Daí quando a gente teve que sair da quadra e fazer o lanche lá fora, aí realmente o espaço ficou mais restrito e a galera se dividiu mais, né? Então, ali você vê os BC4 num canto, o Valdir e o Leonardo no outro, os BC3 já num cantinho, daí o Moisés, Ana e Caroline esses mais misturados. Então, você realmente vê isso aí! (Técnico)

FIGURA 15 – ALGUNS ATLETAS NO MOMENTO DO LANCHE



Fonte: o autor.

Entendo que conviver em grupo é um ato contínuo de diálogo, aceitação e empatia. Fazer parte do grupo é conviver em diferença, conhecer os limites dos prazeres e das dores, da seriedade e da brincadeira, da concordância e da discordância, dos amores e dos ódios entre outras binaridades que contemplam tudo aquilo que se tem em coletivo. Talvez não exista concordância com os limites, uma vez que a limitação é uma forma de frear um possível desenvolvimento das ações – intelectuais e práticas – tomadas. Para algumas pessoas, o ditado popular “tudo tem limite” não seja coerente em sua concretude. “Tudo” é a universalidade das coisas, é a possibilidade de realização de algo que se pretende. Porém, como sabemos de modo popular, tudo tem limite.

Entendo que as relações são feitas de limites que podem ser alcançados devido ao modo como cada um mantém uma relação. Por exemplo, em relações de extrema cobrança – independentemente da situação – que provoca no indivíduo um aumento da carga emocional, as reações advindas desses sentimentos podem ser evidenciadas através de oposições e distanciamentos como um meio de garantir os limites de uma relação (SIMMEL, 1983). De fato, atitudes como estas foram

relatadas por atletas e mães que se sentiram ofendidos com determinadas ações de alguns participantes. Sejam por meio de comentários rudes “maquiados” em forma de brincadeiras e/ou por ações diretas que feriram de alguma forma os sentimentos destas.

À exemplo do que foi dito acima, Jéssica mãe do atleta Moisés, durante o PARAJAPS em 2017, comentou que um acompanhante falou para o seu filho que iria torcer para que ele perdesse. Obviamente a mãe do atleta ficou chateada com a situação e foi questionar o companheiro de equipe para entender o que motivou sua fala. Em sua defesa, o acompanhante disse que se tratava de uma brincadeira. Porém, a mãe do atleta não concordando com a atitude do membro da equipe, alertou-o de que se tratando de uma competição, os atletas precisam estar focados e uma fala como a dele pode/poderia aumentar a ansiedade, o nervosismo e ser prejudicial durante uma partida. Ao me relatar o ocorrido, Jéssica chorava e tremia de nervosismo com a situação. Dizia também, que ao longo do ano tanto nos treinos com o auxílio do técnico, como em casa, eles (os pais do atleta Moisés) procuraram trabalhar a ansiedade que o seu filho costuma sentir durante os jogos. Para Simmel, em algumas situações “a oposição de um membro do grupo a um companheiro, por exemplo, não é um fator social puramente negativo, quando muitas vezes tal oposição pode tornar a vida ao menos possível [...]” (SIMMEL, 1983, p. 126). Concordo com o autor de que a oposição cria essa oportunidade de permanecer em determinados ambientes com pessoas que não possuem afinidades permitindo que a tolerância seja superior a um desgosto que se tenha em uma relação social. Contudo, deve-se reconhecer que tolerar o outro não é um exercício fácil. Um vez que a atitude advinda do companheiro de equipe, extrapola os limites da convivência social, ferindo os sentimentos daqueles que foram “vítimas da ação”.

Um evento semelhante ao relatado acima, ocorreu com o atleta Leonardo de 45 anos que possui distonia generalizada e joga na classe BC2. Durante o intervalo em um dia de treinamento o atleta se posicionou próximo a um pilar de sustentação do ginásio do DEF/UFPR que na sua base possui uma estrutura plana que pode ser utilizada como banco e/ou mesa. Ele colocou o seu café apoiado nessa base e ficou ao lado comendo o lanche. Sentei-me ao seu lado e atrás do atleta havia um banco de madeira. O Tadeu (outro atleta) que se aproximou para conversar e lanchar, apoiou sua comida neste mesmo banco de madeira. Estávamos nós três

conversando e tudo ocorria bem, até que seu José apareceu e de maneira jocosa começou a empurrar o Leonardo para que ele saísse daquele local para que pudesse passar e dar comida ao seu filho Tiago. Seu José tinha a opção de passar por trás do Tadeu pelo corredor principal, mas fez questão de incomodar o Leonardo e aproximar o seu filho para alimentá-lo. Leonardo olhou para mim com um semblante de bravo e dizendo baixinho: *“Parece que ele faz essas coisas de propósito! Eu não ia sair dali (silêncio). Ele tinha que dar a volta”*. Mas o atleta saiu do local para que o Sr. José pudesse passar. No momento em que o Leonardo fez o comentário acima, eu não hesitei e concordei com o atleta, pois, estava claro que a situação criada pelo colega de equipe mesmo que em tom de brincadeira não estava certa.

Além desse caso envolvendo o atleta Leonardo, outro conflito envolvendo o participante José gerou em algumas mães não apenas oposição, mas medo de opinar sobre qualquer situação que pudesse ocorrer durante um treinamento. Assim como descrito no diário de campo:

Durante o treino a D^a Verônica estava sentada em alguns momentos ao meu lado e do lado dela a D^a Alice e elas começaram falando em tom de brincadeira a seguinte expressão: *“não quero canfusão, não quero canfusão”* (risos). Neste momento, eu fiquei sem entender o que estava acontecendo, mas contagiado pelos risos perguntei rindo: “o que aconteceu?” Elas então me disseram que o Tiago, estava jogando em equipe com mais três atletas do grupo, pois, precisavam praticar o jogo em equipe e as táticas. No entanto, quando o jogo de bocha é jogado em equipe, o número de parciais aumenta para 06 ao invés de 04 parciais quando jogado em dupla. Pois bem. Quando finalizou a quarta parcial, a D^a Verônica falou para o técnico que tinha terminado o jogo e ele disse: *“Ah, então pode trocar as bolas”*. Dito isso, a D^a Verônica começou a recolher as bolas da quadra e entregar para os atletas que estavam jogando. Neste momento, o atleta Tiago começou a gritar e falar que ela estava errada e imediatamente, o Sr José pai do atleta se levantou e foi lá falar de maneira grosseira com ela. A D^a Verônica conta que depois dessa situação ficou com medo, pois, não havia percebido que seriam 06 parciais e também, que eles reagiriam de maneira grosseira. Ela contou que em outros momentos ambos participantes (pai e filho) já foram grosseiros com outras mulheres do grupo e finalizou dizendo: *“a gente tem medo, né? A gente tem medo, né?”* e a D^a Alice completou: *“Não sei porque ele faz isso, não sei se é porque ele é mais velho, ou porque já foi professor, mas uma vez quando ele [Tiago] estava jogando com Grégori não falou nada quando o pai do Grégori durante o jogo foi até o local da bola branca e apontou com o dedo dizendo em que local ele deveria jogar”,* mas quando o seu filho [de Alice] estava jogando com o Tiago, ele [José]

reclamou muito por ela estar orientando o seu filho” (Diário de Campo – 02/05/2018).

Em momentos anteriores, vimos que o conflito pode ser uma ferramenta de distanciamento entre os participantes garantindo assim, um convívio social aceitável. Por outro lado, a atitude tomada pelo acompanhante de modo algum se assemelha a um ato de oposição e sim, de violência. Uma vez que, as ações realizadas pelo participante provocam reações negativas física e psicologicamente nos indivíduos envolvidos nas situações citadas. Quando uma situação semelhante se deu com o pai de outro atleta, tanto o filho como o seu pai (José e Tiago) não tiveram reações opressoras sobre os colegas de equipe. Além disso, as atitudes tomadas por ambos demonstram que as relações de gênero na equipe precisam ser discutidas a fim de que, eventos como este não sejam presenciados.

Contudo, procurei apresentar uma certa cronologia dos conflitos entre o grupo, uma vez que, os participantes relatavam que devido a determinado atleta a equipe ficou fragilizada e conseqüentemente, o sentimento de desunião transparecia nos relatos dos mesmos. Frases como: *“o grupo já foi mais unido”*; *“antigamente o grupo era bem diferente, hoje em dia falta mais união”*; *“depois da situação com o atleta, a equipe nunca mais foi a mesma”*; *“depois disso, ficou um buraco”* eram relacionadas aos momentos de tensão no grupo e como um meio de justificar a segregação entre os membros da equipe. Parecia que todos os acontecimentos “ruins” eram decorrentes da situação com o ex-atleta da equipe da ADFP. No entanto, haviam outros interesses envolvidos que não simbolizavam os conflitos de serem decorrentes deste evento em específico. Demonstrando assim, que tais situações não eram oriundas apenas pelo conflito envolvendo o atleta João, mas que a partir das histórias e dos relatos dos participantes os conflitos surgiam devido à ausência de diálogos. Comprometendo em certa medida, o desenvolvimento do grupo e em alguns casos, reverberando no estado emocional dos atletas.

Cabe lembrar também, que o técnico já havia sofrido com a insatisfação dos atletas em momento anterior, em virtude dos resultados negativos em determinado campeonato. Todavia, o mesmo constatou que havia um problema de infraestrutura e não de treinamento – aqui deve-se considerar que alguns atletas não faziam parte, pois, iniciaram entre 2009 e 2011. Além disso, os conflitos dos

quais presenciei na equipe se remetiam a ordem econômica para a manutenção de equipamento e verba para as viagens.

4 A BOCHA COMO POTENCIALIZADORA DE SIGNIFICADOS

O trabalhar com a bocha é bem interessante assim. Por que você imagina putz... Como é que eu vou fazer? Que tipo de treino eu vou dar para eles? Os caras não conseguem correr, pular, saltar, arremessar. Mas aí você vai buscando entender da deficiência e entender qual é a funcionalidade que eles têm para daí você ir criando os desafios. Então, a bocha ela realmente tem um ingrediente assim, que não tem em nenhuma outra. Então, eu acho que todo mundo deveria pelo menos ficar uns seis meses ali na equipe de bocha para aprender um pouquinho [risos] (Relato do técnico da equipe).

Neste capítulo procurei descrever e refletir sobre o papel das famílias para a inserção, desenvolvimento e permanência dos atletas na equipe. Para tal empreendimento, procurei dissertar sobre a participação da família como potência facilitadora da prática esportiva dos atletas com deficiência como um meio – também - de compreensão dos benefícios da prática esportiva. Neste processo alguns temas foram sendo abordados como: a relação dependência e superproteção; o entendimento sobre a deficiência tanto por parte da pessoa com deficiência como também dos familiares; e a ausência e exigência do apoio familiar na vida dos atletas. Outro tema importante discutido no trabalho está relacionado as barreiras enfrentadas pelos atletas para a sua inserção, desenvolvimento e permanência no esporte. Neste contexto, a discussão permeia por reflexões acerca da falta de conhecimento de profissional em relação as capacidades da pessoa com deficiência; o apoio da família; e negações da deficiência. Outro ponto importante abordado está relacionado com a formulação de uma identidade atlética. Ou seja, o modo como os indivíduos se identificam com o esporte e como se expressam através dele não apenas para as realizações dentro do movimento esportivo, mas para alcançarem objetivos em outras instâncias de suas vidas. Outro tema abordado está relacionado ao aumento do círculos de amizade. Neste momento enfatizo o esporte como impulsionador para o aumento dos laços afetivos proporcionando um sentimento de pertencimento entre os participantes. Além disso, discuto a importância do papel do ‘outro’ como meio de inspiração para compreensão do ‘eu’ e que se apresenta como um benefício significativo da participação.

4.1 O PAPEL DA FAMÍLIA NA INSERÇÃO E PERMANÊNCIA NO ESPORTE

Durante o campo, procurei entender como os atletas se inseriram da equipe e da modalidade. Ao conhecer as rotinas e os caminhos que percorreram, pude compreender que a participação na equipe se faz ‘com’ e ‘através’ das famílias dos participantes. São as famílias que levam os atletas para o treino, os auxiliam financeiramente para a compra de materiais para a prática esportiva e para as viagens, bem como incentivam a sua participação no esporte. Também são elas que atuam como acompanhantes nos treinos e em competições. Assim como ressaltou Sousa (2014) em seu trabalho com atletas paraolímpicos portugueses, a participação dos familiares “[...] revelou-se sempre incondicional” (p. 447), na equipe da ADFP este apoio também se fez presente. Em diferentes momentos como reuniões durante os treinos e mensagens em grupo de *Whatsapp*, o próprio técnico ressaltava a importância das mesmas como crucial para o desenvolvimento da equipe. Em suas falas expressões como: “*sem vocês [as famílias] não é possível existir a equipe*”; “*sem as famílias nada disso [equipe] acontece*”; “*as famílias são fundamentais*”, traduziam a potência da participação parental no grupo.

Na equipe da ADFP, as famílias são representadas em grande maioria por mulheres sendo estas mães, esposas e irmãs com exceção de três atletas homens que são acompanhados pelo pai, irmão ou por um acompanhante externo. Seu José é viúvo e acompanha o seu filho Tiago. O atleta Juliano recebe o auxílio do seu irmão Luiz durante os treinos e viagens. O atleta Leonardo que não recebe apoio dos familiares, é acompanhado em eventos por um parceiro externo da equipe de seu conhecimento.

Os pais dos atletas participam de outras maneiras, quando participavam. No caso do atleta Valdir, em uma conversa que tive com a sua mãe Celeste, esta relatou que o seu marido nunca se interessou e/ou incentivou a prática da bocha do filho, “[...] o pai dele mesmo nunca gostou de estar acompanhando ele no esporte, nas coisas. Não sei, um tempo ele trabalhava e depois parou de trabalhar e também não, não vinha, né?”. Procurei entender os motivos pelos quais o pai do atleta Valdir não se interessava pela participação do filho na equipe, mas não tive respostas concretas além deste relato da dona Celeste. Em contraponto, ambos os pais do

atleta Fernando de 22 anos com paralisia cerebral da classe BC2 sempre se mostraram participativos com as atividades do filho no esporte. Durante os treinos quem o acompanhava era a sua mãe, Alice. Nos períodos de competições ela ficava em casa com a sua filha - irmã do Fernando - e o seu pai é quem participava como acompanhante.

Em outro caso como do atleta Moisés que tem 24 anos, paralisia cerebral e joga na classe BC1 a alternância de acompanhantes também era percebida. Em alguns momentos, além da companhia dos pais, a irmã do atleta comparecia nos treinos para auxiliá-lo. Além disso, durante as competições, a mãe do atleta Moisés o acompanhava como apoio. Em alguns casos - quando os eventos esportivos eram próximos do município de Curitiba-PR - o seu pai Eduardo também o acompanhava em alguns eventos dependendo do local e da disponibilidade do seu trabalho. No entanto, devido ao regulamento dos eventos no qual, cada atleta só pode participar com 01 (um) apoio, o pai do atleta ficava em um hotel separado e se encontrava com o grupo nos locais dos jogos. Um exemplo dessa participação aconteceu no Campeonato Regional Sul de 2018. Eduardo é praticante do ciclismo e “pedalou” do município de Paranaguá-PR até Joinville-SC para participar em família do evento. Vale ressaltar que ele construiu uma bicicleta adaptada para que o Moisés pudesse ir com ele nos eventos que participa.

FIGURA 16 - IMAGEM DA BICICLETA ADAPTADA CONSTRUÍDA PELO PAI DO ATLETA MOISÉS



Fonte: Imagem retirada do perfil do atleta na rede social *Instagram*

Os familiares e o próprio atleta Moisés viajam cerca 01h30min para chegarem no local de treinamento. Seu pai sempre incentivaram o filho a participar de uma prática esportiva no intuito de oferecer uma melhor qualidade de vida além da reabilitação. A inserção do atleta no esporte aconteceu em 2011 na Associação Paraolímpica do município de Paranaguá-PR. Sua mãe Jéssica, conta que a coordenadora da instituição “[...] *nos encontrou na Câmara Municipal [...] daí ela viu Moisés tudo e aí ela veio conversar com a gente e fez o convite pela associação lá e daí ela falou que tinha vários esportes e tudo e era para a gente ir lá conhecer e levar o Moisés*” (Jéssica). O desejo do Moisés e dos pais era a prática da natação, porém, ao chegarem lá na Associação do município de Paranaguá-PR, a coordenadora indicou a bocha, pois, pelo quadro clínico do atleta, na opinião dela, ele não poderia praticar a natação.

Treinamos uns três anos lá, né? E aí depois ela [coordenadora] ofereceu um reforço aqui em Curitiba que acontecia na Praça Oswaldo Cruz com uma equipe aqui de Curitiba e aí a gente veio conhecer e vieram outros atletas de lá de Paranaguá. Aí a gente conheceu ali, conheceu daí o técnico que na época estava lá também, e fomos mantendo contato até que no ano de 2014... (Eduardo, pai de Moisés).

Que foi no primeiro ano que ele foi para o regional só, que, daí a associação de lá não era filiada à ANDE. Daí nós fomos e só ele que foi [em relação a toda a equipe de Paranaguá]. E aí lá ele participou dos jogos tudo e ficou em quarto lugar. Daí o professor [...] falou que o dia que [nós] quiséssemos vir e conhecer aqui e treinar junto... daí a gente agradeceu tudo. Mas daí com essa ida para lá, para o regional começou a ter alguns problemas lá em baixo [em Paranaguá] com a associação. [...] E daí assim, ou a gente saía de lá ou ele não treinava mais. Aí em conversa em casa, a gente veio conversar com professor e viu se a gente poderia treinar aqui e daí foi quando a gente mudou para cá (Jéssica, mãe de Moisés).

Mesmo que em alguns casos – isolados – a participação dos pais apareça de maneira alternada de acordo com as situações da equipe, procurei durante o primeiro semestre de coleta de dados, entender a razão de os pais de outros atletas não participarem com mais efetividade dos treinos e/ou em competições com os seus filhos, considerando que em algumas conversas coletivas as acompanhantes afirmavam que “*sempre foi a mulherada*”, “*são as mulheres que estão aqui em todos os treinos*”. De início fui questionar o técnico que em sua observação entende que

os pais tendem a não participar com mais efetividade devido às suas vidas profissionais. Cabendo, assim, às mães exercer a função de acompanhante dos atletas.

É, eu garanto para você que se eles [pais] pudessem, eles estariam lá [nos treinos], né? O seu José tá, é... o pai do Martins, né? O seu Joaquim certeza absoluta, se eles tivessem possibilidade estariam lá com a gente. O seu Humberto também é fã da equipe. O Eduardo está entrando agora, mas o interesse dele é outra coisa, né? Só realmente de dar esse aporte para o filho para ele poder tá participando de uma atividade física, né? [...]. Então, isso que é legal, mas se eles pudessem, eles realmente eles estariam mais, mais tempo com a gente lá (Técnico).

Ainda que a justificativa do técnico em ressaltar que existe um apoio por parte dos pais possa ser válida, é importante refletir que a grande maioria dos familiares serem representados por mulheres na equipe é reflexo de uma construção histórica do papel da mulher na sociedade. Chacon (2011) ao discutir os aspectos relacionais entre dez pais (homens) de filhos com deficiência física identificou que sete participantes alegaram haver diferença de papéis do pai na criação do filho. De acordo com os seus achados, esta diferença está atrelada ao modelo de representação social e cultural do papel do pai/homem a partir de uma visão ‘tradicional’ de paternidade e de relação familiar em que a mulher é a pessoa que tem a função de organizar a vida doméstica e de cuidar dos filhos e os homens exercem a função de provedores econômicos. Além disso, estes participantes ao serem questionados pelo pesquisador sobre as dinâmicas do cuidado, nove dos dez alegaram que “[...] sentem que dividem com a mãe as responsabilidades pelo cuidado do filho” (p. 450). Porém, o autor não apresentou a visão das esposas dos participantes para que pudéssemos realmente compreender como essa divisão é estabelecida na relação conjugal.

Britto (2012) ao estudar a história de vida de dez mães com filhos com paralisia cerebral, identificou que após o nascimento dos filhos elas deixaram de trabalhar e em alguns casos de estudar para se dedicarem ao filho. Ao serem questionadas sobre a relação conjugal as participantes relataram não terem tempo para sair com o seus esposos ou devido aos compromissos de saúde do filho, as mães precisam lidar com “[...] o ciúme no esposo que não estava habituado ver sua mulher sair

tanto e até mesmo viajar. Isso para mulher é uma afronta, pois ela além de fazer todos os sacrifícios possíveis [...], ainda é julgada pelo esposo” (p. 46). As experiências dos autores acima citados ilustram em certa medida uma visão patriarcal da participação da mulher na sociedade e na família. Obviamente concordo que não há possibilidades de todos os membros das famílias permanecerem em contato direto com o filho uma vez que, existem necessidades que precisam ser supridas a partir de um rendimento familiar e que de acordo com os achados dos autores, é o pai/homem que exerce essa função³⁸.

No caso específico da equipe de bocha, por exemplo, Luísa irmã do atleta Carlos relatou haver cobrança por parte do marido por estar envolvida com as atividades do irmão. Durante a nossa conversa ela comentou da dificuldade das pessoas entenderem seu envolvimento: *“e você tá numa relação de irmão e irmã e muitas outras pessoas não compreendem isso [...]. Por exemplo o [meu] marido fala: ‘mas você já está lá de novo? Mas poxa, outra vez?’ Então, existe uma cobrança”*. O discurso de Luísa demonstra como o seu envolvimento com a atividade do irmão afeta a sua relação conjugal. Carlos e Luísa também possuem outro irmão, porém, durante a pesquisa não foi possível aprofundar sobre a relação da participação deste outro irmão na vida do atleta. Assim como o seu companheiro, Luísa também possui emprego e nos dias de folga do trabalho leva o seu irmão aos treinos de bocha e suas filhas para o projeto de ginástica artística que acontece no mesmo período. Conforme afirmaram Brazuna e Mauerberg-deCastro (2001), Benfica (2012), Sousa (2014), Piculli (2016) o empenho de familiares se constitui em uma questão fundamental um incentivo para a permanência e desenvolvimento de atletas que dependem de apoio na prática esportiva.

Na equipe de bocha da ADFP cinco mulheres são casadas dentre as quais, duas possuem relação de alternância com os maridos para a participação nos treinos - como apresentado anteriormente; duas mulheres são viúvas e conseqüentemente não possuem outras pessoas para auxiliarem nas atividades do filho; duas mulheres são mães solteiras desde a gravidez; uma mulher é irmã do

³⁸ Além disso, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pessoas com deficiência em condições de trabalhar recebem 11,4% a menos que pessoas sem deficiência. Informação retirada através do link: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=3202&t=pns-2013-12-4-pessoas-que-sofreram-acidente-trabalho-tiveram-sequelas&view=noticia>

atleta e outras duas mulheres são as esposas totalizando doze mulheres que frequentemente estão nos treinos e em viagens com seus familiares atletas. Estas mulheres que acompanham o grupo são também as protagonistas em atividades com o objetivo de arrecadar verba para equipe ou para a divulgação da modalidade. Uma das atividades que acompanhei foi a participação de alguns acompanhantes e atletas em um evento realizado junto com a equipe de ginástica artística que também realiza seus treinamentos no DEF/UFPR com o objetivo de apresentar a modalidade e arrecadar fundos para as equipes.

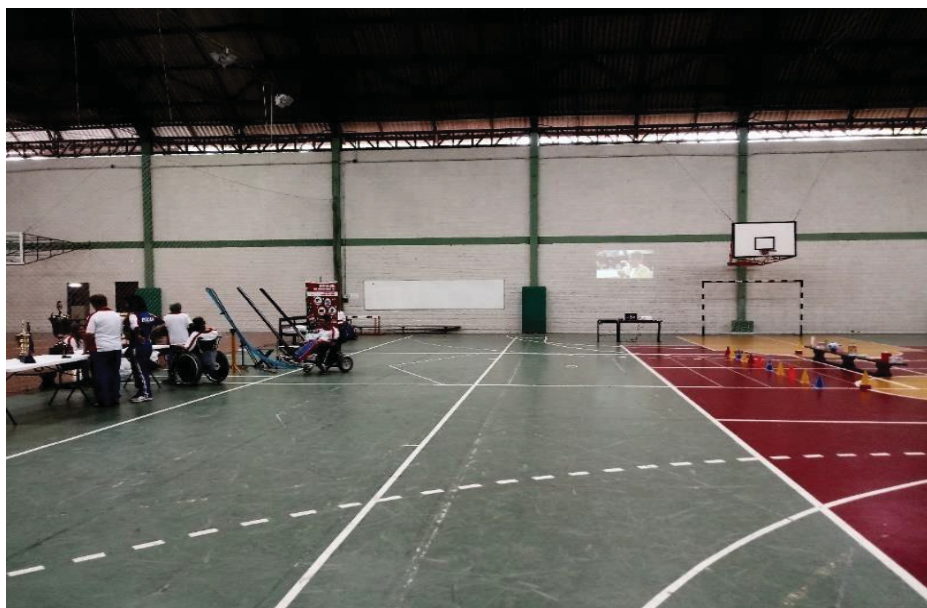
Como o técnico da equipe de bocha estava envolvido em um campeonato com os outros atletas, as acompanhantes Alice, Patrícia, Luísa, Celeste e Silvia ficaram responsáveis por organizar e representar o grupo neste evento. O técnico também, solicitou que eu auxiliasse na organização e na apresentação da modalidade para o público presente. A atividade aconteceu em um sábado a tarde e havia brincadeiras com brindes para o público que quisesse experimentar o jogo da bocha; apresentação de um jogo entre atletas de diferentes classes; venda de rifa; e uma apresentação em vídeo e imagens sobre a ADFP e a equipe. Além das apresentações e interação com o público, as acompanhantes expuseram os troféus conquistados pela equipe, como também, alguns equipamentos antigos e outros novos dos atletas (calhas, bolas e instrumentos de arbitragem).

FIGURA 17 - ESPAÇO UTILIZADO PELA EQUIPE DE BOCHA PARA A APRESENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO



Fonte: do autor.

FIGURA 18 - ESPAÇO UTILIZADO PELA EQUIPE DE BOCHA PARA A APRESENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO



Fonte: do autor.

Além do evento descrito acima, houveram também outros que contaram com a participação dos membros da equipe como uma forma de divulgar a modalidade. Em algumas ocasiões, o grupo se reunia fora do DEF/UFPR para comemorações de aniversário, eventos organizados pela Prefeitura Municipal de Curitiba como por exemplo a Virada Esportiva³⁹ ou também, no auxílio em alguma atividade solicitada pela ADFP. Ao se disporem a participarem de eventos para além dos treinos, “sacrificando” algumas vezes os finais de semana, as familiares demonstravam que estavam disponíveis e empenhadas com o desenvolvimento da equipe (CÔTÉ-LERCLERC, 2017). Além disso, este envolvimento pôde demonstrar que a participação em uma modalidade esportiva não limita apenas a idas aos treinos e competições, mas também, na realização de outras atividades que contribuam para a promoção do grupo e que consequentemente promovam um sentimento de pertencimento.

Mesmo em concordância com os autores supracitados ao longo do tópico de que o papel da família é um facilitador para a continuidade da prática esportiva desses atletas, é importante ressaltar que o papel da família discutido aqui perpassa

³⁹ Link: <https://www.adfp.org.br/post/virada-esportiva-de-curitiba-2018>

questões relacionadas com o papel da mulher na sociedade. Elas continuam sendo, em grande parte, as responsáveis pelos cuidados com os filhos.

Torna-se importante frisar que o apoio familiar na equipe de bocha vai para além da organização de eventos, dos deslocamentos e auxílios durante os treinos dos atletas. Esse apoio também se faz presente na comunicação dos atletas. Em alguns casos, os familiares exercem o papel de “intérprete”. Em alguns casos a fala dos atletas é de difícil compreensão. Alguns deles possuem a fala “truncada”. Ou seja, embora consigam verbalizar palavras, a expressão destas não é feita com a clareza daquilo que é tido como linguagem “normal”. Alguns não conseguem verbalizar certas palavras. Eles apenas emitem sons vocais, que por sua vez, podem ter diferentes significados: confirmação ou não de um questionamento ou de um ponto de vista; uma pergunta como por exemplo, “como é que está o seu dia?”; ou uma indicação de que quer ir para algum lugar ou de qual lado quer jogar. Enfim, o significado dessas falas depende do contexto. Nestas situações, o olhar entre a acompanhante e o atleta é uma forma de expressão daquilo que se quer dizer.

O atleta Marcos, por exemplo, que atua na classe BC3, possui este tipo de fala que acabei de mencionar. Quando conversávamos sobre algum assunto sensível (conflitos, relação com os estagiários), ele ficava nervoso, se segurava na cadeira de rodas e da sua maneira explicava o seu ponto de vista. Em momentos como este, a participação da sua mãe era essencial para que eu pudesse compreender o que o atleta estava querendo dizer. Então, ela realizava questionamentos sobre a situação e da sua maneira, o atleta respondia de uma forma que significava “sim” ou “não”. Assim ela ia descobrindo a opinião dele⁴⁰.

Para Le Breton (2019), “o olhar é uma instância que retira ou confere valor. Ele toma em consideração a expressão do parceiro, confirmando-lhe simbolicamente a mútua identificação” (p.285). O olhar comunica e expressa de maneira sensível os sentimentos de uma pessoa. A identificação desses sentimentos sejam eles quais forem, confere aquele que o vê como pertencente,

⁴⁰ “Enquanto eu conversava com o Marcos e com a dona Patrícia, o atleta que tem uma fala de difícil compreensão em alguns momentos utilizava-se de um caderno dele que é um tipo de apostila contendo várias imagens, letras e algumas palavras. Neste material, ele ia apontando ou sua mãe apontava para os símbolos e ele respondia dizendo se é correto ou não. Então, se a gente não tem total compreensão daquilo que ele quer dizer - obviamente contrário como a dona Iraci, que as vezes só no olhar ela já sabe o que ele quer dizer - ou pouco convívio com uma pessoa com características semelhante a de Marcos, é necessário a criação de estratégias para que uma conversa seja estabelecida (Diário de campo, 01-09-2017).

como um sujeito capaz de identificar no outro os seus sentimentos. No caso dos participantes de estudo, em alguns momentos, parecia que o olhar era capaz de gerar empatia entre o atleta e o seu acompanhante. Ele parecia gerar a possibilidade de se colocar no lugar do outro e entender o que o outro sentia e queria. A linguagem visual se fez presente durante toda a minha pesquisa com a equipe de bocha paraolímpica. Em diferentes situações, a minha comunicação com alguns dos atletas foi de difícil compreensão devido ao grau de severidade da deficiência deles. Sem as mãos, as vezes não tinha como compreender o que eles estavam dizendo. Sem a participação delas, seria muito difícil a realização deste trabalho.

Como pesquisador procurei não construir/reproduzir aquilo que Goffman (2015) definiu como “identidade social virtual”. Ou seja, evitar uma categorização representativa dos participantes a partir de um diagnóstico prévio, com pouco processo de análise sobre suas identidades. Isto porque para o autor, “os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas [...]. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos permitem prever a sua categoria e seus atributos [...]” (p. 11,12) correspondentes à expectativas normativas que possuímos de acordo com o modelo social que vivemos. No entanto, essas preconcepções e/ou essa identidade social atribuída a determinado indivíduo ou a um grupo de indivíduos, pode não corresponder a realidade ou como nos termos do autor, a “identidade social real” destes. Nesta perspectiva de categorização de um certo tipo de reconhecimento social corre-se o risco de imputar atributos negativos que de acordo com o autor, confirmam a expectativa normatizadora.

Quando obedecemos um processo de conhecer o outro, participando de conversas, trocando experiências em comum, aprendendo sobre algo a partir da visão dele, temos uma chance maior de presenciar a sua identidade social real. Mesmo assim, não é possível afirmar que enquanto pesquisador eu não tenha “caído” neste tipo de abordagem. Por outro lado, a análise em relação às experiências obtidas em campo, são também, uma interpretação minha – pesquisador - da realidade deles. As reflexões acerca da visão de mundo dos atletas poderiam ser distantes devido à dificuldade na compreensão da fala deles.

Contudo, procurei conversar com eles sobre diferentes assuntos para que pudesse conhecê-los e assim, melhor entendê-los.

Gaskin, Andersen e Morris (2014), ao realizarem um estudo de caso sobre os significados da experiência da atividade física para uma mulher de 25 anos com paralisia cerebral, também constataram que a presença da acompanhante era fundamental para que ela pudesse expressar as suas histórias. Estes pesquisadores tiveram que criar estratégias para a realização da entrevista. Eles reconhecem que a presença da mãe, como auxiliar, pode ter influenciado as respostas da entrevistada. Os autores afirmaram que, “muitos dos comentários de Amy [participante da pesquisa] parecem bastante positivos, e essas respostas podem ser uma combinação da atitude otimista de Amy, seu desejo de não incomodar sua mãe e, possivelmente, as interpretações de sua mãe sobre o idioma de Amy⁴¹” (2014, p. 296). No caso do atleta Marcos, participante do presente estudo, era possível notar em seus diálogos com a sua mãe que as vezes ele apresentava uma reação negativa (mexia a cabeça, levantava os braços, alterava o tom de voz) ao perceber que a explicação dela não condizia com aquilo que ele desejara expressar. Desse modo, em alguns casos, pode-se compreender que quando existe a necessidade de estarem acompanhados para serem interpretados, é lógico pensar que a relação entre atleta e acompanhante apresente um vínculo de dependência. Este vínculo não consiste apenas no auxílio para que o atleta seja compreendido, mas também, em outras necessidades da sua vida diária.

No trabalho realizado por Araújo (2011) com nadadores paraolímpicos esta relação de dependência entre o atleta e o familiar pode significar uma “via de mão dupla”. Pois, se por um lado os familiares querem estar juntos do atleta, incentivando e dando suporte para o desenvolvimento e permanência deles na modalidade por outro, o esporte possibilita ao indivíduo a conquista de uma autonomia que pode gerar um certo distanciamento “[...] das antigas funções de auxílio [por parte dos familiares] voltadas para a pessoa com deficiência” (p.110). Essa autonomia era evidenciada também em eventos competitivos, pois como os familiares não possuíam recursos para acompanhá-los ou o acesso era restrito às equipes, os atletas tinham a possibilidade de “sair” de um certo nível de

⁴¹ Texto original: “Many of Amy’s comments appear to be quite positive, and those responses may be a combination of Amy’s optimistic attitude, her wish not to upset her mother, and, possibly, her mother’s interpretations of Amy’s language”.

dependência ou de superproteção como afirmou a autora. No trabalho de Côté-Lerclerc (2017), uma das questões comentadas pelos participantes da pesquisa era que o envolvimento deles no esporte de alto rendimento acarretava em sacrifícios. Esses sacrifícios estavam vinculados à privação do contato com a família devido a carga de treinamento e agenda de competições. No entanto, no caso da equipe da ADFP - que não possuía recursos para a contratação de acompanhantes profissionais como é o caso de algumas equipes esportivas - esse afastamento não era evidenciado. As famílias estavam diariamente nos treinamentos e nos eventos com seus filhos/atletas, exceto no caso de um atleta que não tinha ninguém que o acompanhasse. A necessidade da permanência de um acompanhante era essencial devido ao grau de deficiência que esses atletas possuem e para que seja possível o seu desenvolvimento na modalidade. Muitos necessitavam de auxílio para comer, higiene pessoal, staff (acompanhamento durante o jogo), locomoção. Ou seja, que este tipo de auxílio aqui mencionado se faz necessário, uma vez que o atleta possui necessidades que precisam ser atendidas e que sozinho não tem como realizar⁴².

4.1.1 “Aí eu faço tudo sozinho”: ausência do apoio familiar

Como foi apresentado anteriormente, o acompanhamento de um familiar é fundamental para a participação e incentivo no esporte. Esta participação consiste na organização de eventos, dos deslocamentos e auxílios durante os treinos dos atletas. Não só nos treinos, mas nas atividades diárias de alimentação, higiene, intérprete (em alguns casos). Conforme já expliquei no início deste capítulo, as famílias na maior parte são representadas pelas mulheres (mães, esposas e irmãs).

⁴² Ao afirmar que o auxílio se faz necessário, me refiro ao caso da equipe de bocha da ADFP. Observei que nem sempre os atletas da bocha necessitam ajuda. Quando estive no Campeonato Brasileiro de Bocha Paraolímpica em São Paulo no ano de 2017, por exemplo, percebi que alguns atletas de diferentes categorias e equipes e que não possuíam e/ou tinham dificuldade de realizar movimentos com os membros superiores se locomoviam com cadeiras de rodas motorizadas controladas pelos pés. Estes atletas tinham uma determinada autonomia, pois, circulavam pelo CT paraolímpico em diferentes ocasiões sem estarem acompanhados de seus apoios. No entanto, necessitavam do auxílio para jogar ou mesmo para realizar uma refeição.

Apenas três atletas homens são acompanhados por homens (pai, irmão ou por um acompanhante externo). Os atletas dependem da ajuda de familiares devido ao grau de severidade de sua deficiência. Sem a participação das famílias, muitos atletas não estariam atuando no esporte. No entanto, vale ressaltar que existem exceções e que estas surgem como uma possível barreira para o desenvolvimento do atleta no esporte. Apresentarei um caso específico de um participante da equipe que não recebe o apoio familiar que gostaria de ter.

Durante a minha permanência junto à equipe, eu procurava participar das outras atividades que o grupo realizava. Além dos treinos, procurei estar presente em eventos esportivos na cidade de Curitiba-PR como também, em outras cidades e estados. Uma das alternativas era a de participar como membro da comissão técnica da equipe. Porém, como eu dei baixa na minha inscrição no Conselho Regional de Educação Física de Santa Catarina (CREF/SC) em fevereiro de 2016, não pude atuar nesta função. Foi então, que consegui junto à equipe ser acompanhante de um dos atletas durante as viagens para o PARAJAPS que aconteceu no município de Maringá-PR em novembro de 2017 e no Campeonato Brasileiro de Bocha em São Paulo-SP em dezembro deste mesmo ano. O atleta que estive acompanhando é o Leonardo de 45 anos de idade com distonia generalizada que joga na classe BC2 e reside junto com sua mãe e seu irmão. Aos 11 anos de idade a distonia muscular começou a se manifestar e o seu pé direito começou a ter uma contração:

“Começou a ficar assim para dentro e eu andava com as pontas do pé até a oitava série eu ia para o colégio andando. E daí no segundo grau eu não consegui acompanhar [...]. Aí me deram uma apostila e eu estudei [em casa] [...]. Só que tu não aprende nada, só decora!” [risos] (LEONARDO).

O seu início na bocha se deu em 2010 por indicação de amigos e do fisioterapeuta, que por sua vez conheciam a ADFP e o técnico. Em relação aos demais atletas da equipe, ele é o único que não recebe apoio de familiares e sempre está sozinho durante os treinos. Quando questionado sobre a participação da família na sua vida esportiva, ele contou que *“eles [familiares] não se importam. Não é igual aos pais dos outros. A minha família não se importa e é por isso que eles não acompanham. E eles não podem também, mas nem que pudessem eles viriam*

[risos]. *Aí eu faço tudo sozinho*” (LEONARDO). A falta de apoio de um familiar para a participação na modalidade esportiva causou um impacto grande na vida do atleta Leonardo. A ausência de um acompanhante na vida de um atleta de bocha pode acarretar em dificuldades no desenvolvimento dele no esporte, uma vez que o apoio pode contribuir em diferentes setores da vida social, esportiva, emocional, econômico do mesmo.

Pesquisador: Tu tens a pretensão assim de ser um jogador reconhecido?

Leonardo: Sim. E eu só não fui para seleção porque não tenho o apoio da família, assim, como os outros têm. Os outros têm as mães, os irmãos, as mulheres e eu não tenho quem me acompanha. Em 2013 me falaram que eu iria para seleção, mas aí, não fui por causa do apoio.

Pesquisador: Leonardo, que tipo de apoio é esse que tu estás falando, é um apoio emocional, é um apoio financeiro?

Leonardo: É os dois. É importante os dois para o psicológico e para auxiliar nas minhas atividades de atleta.

O atleta contou que ao longo de sua vida já passou por diferentes momentos em que se sentiu prejudicado devido à falta de colaboração de pessoas próximas e/ou mesmo por atendimento em algum serviço público. Para ir ao treino ou a consultas médicas, ele depende do transporte coletivo municipal e em diversos treinos da equipe, ele chega atrasado devido à demora de um transporte adaptado. Não apenas ele como também os atletas Marcos e sua acompanhante Patrícia, a atleta Caroline e sua acompanhante Bruna vão para o treino de ônibus. Patrícia contou que muitas vezes já chegou atrasada, pois, o ônibus que deveria ter acesso para pessoas com deficiência não chegou no horário e precisou esperar por mais de uma hora no ponto de ônibus.

Atualmente os ônibus de Curitiba possuem acessibilidade em 96,53%⁴³ da frota o que garante mais agilidade e evita situações como exemplificada pela Patrícia. Porém, tal porcentagem não pode ser visualizada como garantia de serviços qualificados, dado que muitas vezes os equipamentos de acessibilidade estão quebrados. Existem também casos de acidentes envolvendo pessoas com deficiência. Leonardo contou que tinha um compromisso e precisou descer na Praça

⁴³Informação retirada do site da Urbanização de Curitiba S.A - URBS. Disponível em: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/acessibilidade>

XV no centro de Curitiba e para desembarcar se dirigiu ao elevador do transporte coletivo. Quando uma pessoa com deficiência está posicionada no elevador para realizar o desembarque, o processo mecânico funciona dessa maneira: o elevador se afasta para frente e desce devagar. Ao ficar na altura da calçada a pessoa que está no elevador se afasta e o elevador retorna para a posição inicial⁴⁴. Quando ele se posicionou no elevador do transporte coletivo, os funcionários do ônibus - que possuem o controle do equipamento – ao realizarem o processo de descida do elevador, acionaram o botão de retorno e isso fez com que o atleta caísse de uma altura de aproximadamente 01 (um) metro. O atleta reclamou com os funcionários da empresa de transporte, mas os mesmos disseram que ele é quem era o culpado pois avançou no elevador e provocou a queda. Devido ao acidente, o atleta quebrou alguns dentes e teve machucados no rosto e em outras partes do corpo. A acompanhante Bruna contou que uma amiga dela estava nesse mesmo ônibus e reconheceu o atleta devido as postagens da equipe de bocha que ela (Bruna) publicou em sua página pessoal na rede social *Facebook*.

O Leonardo é muito sozinho, mas a gente não tem como estar junto com ele na casa dele cuidando. A família dele não se preocupa com ele e nós temos os nossos filhos. Olha só essa história aqui, uma amiga minha disse que estava no ônibus e subiu uma pessoa de cadeira de rodas, só que o motorista/cobrador não esperou e tirou a rampa e a pessoa na cadeira de rodas caiu de rosto no chão e ela me disse que já tinha visto ele nas fotos que eu postei no Facebook. Então, ela pegou o telefone dele [do Leonardo] e ligou para a casa [conversou com a mãe dele] e disse que estavam levando o seu filho para o hospital, que precisava de acompanhante e disse que a sua mãe respondeu assim: 'Podem levar ele para o lugar que depois eu procuro. Agora estou lavando roupa e não posso sair daqui, estou ocupada' (BRUNA)

É, ele [Leonardo] é o único, ele é o único mesmo. Porque todos os outros ali... oh tem irmã como é o caso do Carlos, ou tem mãe e pai, mas ele não tem ninguém. E você ver, né? Ela [Luísa irmã do Carlos] é professora, mãe, mulher e ainda consegue arranjar um jeitinho assim para ajudar o irmão a fazer uma atividade física. Isso é bem legal! (Técnico)

A história do atleta Leonardo difere das demais apresentadas anteriormente. Como visto, é o único atleta da equipe estudada que não recebe apoio familiar e

⁴⁴ Mais informações: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/acessibilidade>

consequentemente, acarreta significativamente o seu desenvolvimento no esporte e provavelmente interfere em/com outras situações do cotidiano. No seu acidente no transporte coletivo a despreocupação da mãe em relação ao estado de saúde do filho comprova isso. Talvez, esse descaso familiar tenha favorecido a construção da autonomia que o atleta foi adquirindo para realizar as atividades do cotidiano (ir a fonoaudióloga, fisioterapeuta, treinos, exames médicos, viagens) e no esporte. Por outro lado, ao longo da minha convivência com o atleta a ideia de ter um acompanhante no esporte nunca foi por ele descartada. Isto era evidente em suas falas.

As acompanhantes e alguns participantes da equipe demonstraram preocupação com a situação vivida pelo Leonardo. Quando o atleta não vinha para o treino, elas ligavam ou enviavam mensagem para o atleta para saber os motivos do atraso e/ou da ausência. Mas como afirmou Bruna anteriormente, as acompanhantes não podem auxiliá-lo em outras atividades devido aos seus compromissos pessoais. O técnico da equipe também procurou ajudar o atleta para além do esporte. Em algumas consultas médicas, o Leonardo solicitava a sua companhia para que pudesse ter alguém de confiança ao seu lado e que facilitasse o diálogo com o médico, uma vez que ele tem dificuldade na linguagem verbal.

Devido à minha participação como acompanhante do atleta em alguns eventos, percebi que os membros da equipe me viam como alguém que estava lá para ajudar no treino e não como pesquisador. De alguma forma me senti bem com isso, pois, consegui um acesso mais próximo com várias pessoas que me permitiam tocar em diferentes assuntos. Por outro lado, houveram momentos em que a minha coleta de dados ficou limitada por causa disto. Quando eu chegava no treino alguns atletas já iam perguntando: “*Antonio, hoje você vai ajudar a gente?*”. Nestas situações, eu procurava responder que primeiramente iria realizar algumas atividades do meu planejamento e após disso eu iria auxiliá-los. Além disso, algumas mães me perguntavam se havia conversado com o atleta para saber das ausências dele nos treinos.

De acordo com Sousa (2014), que estudou as experiências de atletas paraolímpicos portugueses, “o auxiliar [acompanhante] é uma referência imprescindível ao apoiar, diariamente, o atleta na sua atividade desportiva, mas também, na realização das atividades de vida diária, nomeadamente, quando se

deslocam para a participação em competições” (SOUZA, 2014, p. 456). Obviamente eu – pesquisador – não me enquadrando totalmente nessa reflexão, pois, meu auxílio se estendeu apenas a alguns treinos e duas competições. Durante as competições, a minha função era a de cuidar dos materiais do atleta (kit de bocha, mochila) e a auxiliá-lo nas refeições (buscando comida no buffet e cortando os alimentos). Em algumas ocasiões o atleta solicitou ajuda na vestimenta e no deslocamento da cadeira de rodas para a cama. Outras atividades como higiene pessoal ele não necessitava de apoio.

Ao acompanhar o atleta durante os eventos, tive a oportunidade de conhecer sua rotina, seus limites e suas necessidades. Seu tempo era outro. Devido a sua deficiência, ele necessitava de um tempo a mais para realizar as refeições. Havia momentos em que eu me sentia mal por apressá-lo nas refeições durante os eventos devido ao cronograma dos jogos. No entanto, sempre procurei conversar com o atleta a fim de que nossa relação não se desgastasse por questões que estavam além do nosso controle.

O atleta ficou um período afastado da equipe em 2018 por motivos de saúde. Devido as ausências nos treinos o técnico não o inscreveu para participar do Campeonato Regional Sul de Bocha Paralímpica naquele ano. Quando retornou aos treinos no mesmo ano restavam apenas um mês para competição e soube que não iria competir e resolveu sair da equipe. Nesse período eu já não estava mais acompanhando o grupo, mas recebi uma mensagem particular do atleta um tanto chateado por não ter sido inscrito. Na troca de mensagens com o atleta, tentei acalmá-lo dizendo que naquele ano ele necessitava cuidar da sua saúde e realizar os tratamentos necessários para que no próximo ano voltasse a praticar o esporte. Porém, Leonardo ficou muito triste com a posição do técnico e resolveu se afastar.

No evento esportivo referido acima, conversei com o técnico sobre a saída do atleta. Para o técnico, não havia motivos pra que o atleta ficasse chateado com a sua posição em não inscrevê-lo na competição. Primeiro porque existe uma questão burocrática da ADFP na qual, se o atleta não treina durante um determinado período, ele não poderá ir aos jogos. Segundo, porque a situação se relacionava com cuidados com a saúde do atleta que já deveriam ter sido realizados no decorrer do ano de 2017 e o atleta foi prorrogando devido as competições. Se por um lado estava claro que o atleta não iria competir naquele

ano para tratamento da sua saúde, por outro, parecia não haver motivos para a não participação. Novamente entendo que a falta de diálogo se tornou um combustível para que situações como essa acontecessem. A participação em um grupo social exige que diálogos sejam feitos a fim de evitar tensões - como essa de desligamento da equipe - ocorram e que laços que até então estavam consolidados – até mesmo para além dos treinos como foi visto no decorrer do trabalho - se desfaçam.

4.1.2 “Poxa, a gente se dedica!”: a exigência da performance esportiva por parte da família

Como foi visto em relatos anteriores, a participação de um membro da família como acompanhante de um atleta possui aspectos positivos, como por exemplo, o fortalecimento dos laços afetivos entre familiares e atleta. Além disso, há um processo de envolvimento com esporte muito forte, em que os objetivos em relação a prática da modalidade podem ser configurados na qualidade de vida, na melhora do desenvolvimento motor, na participação em grupo social e/ou ampliação dos laços afetivos, como também, na busca pelo aprimoramento no desenvolvimento no esporte. Nesse sentido, em relação aos objetivos da participação na modalidade a exigência da performance esportiva passa a ser uma meta não só para o atleta como também, da acompanhante. Em consequência dessa situação, a relação entre mãe e filho pode se tornar tensa e fragilizada e alguns sentimentos passam a ser reconhecidos.

De acordo com Le Breton (2019), o sentimento no ser humano é construído culturalmente através das relações sociais, da sua interação com o mundo. Assim, a alegria da vitória e das comemorações são frutos de experiências prazerosas. Já o sentimento da derrota é apreendido através de dores e sofrimento.

“Para que um sentimento (ou emoção) seja experimentado ou exprimido pelo indivíduo ele deve pertencer, de uma forma ou de outra, ao repertório cultural do seu grupo. [...] As emoções são modos de afiliação a uma comunidade social, uma maneira de se reconhecer e de poder se comunicar em conjunto sobre a base da proximidade sentimental” (LE BRETON, 2019, p. 157).

Relembrando – ainda – discussões anteriores, talvez aqui seja possível perceber que alguns familiares se dedicam com tanta intensidade à modalidade que em determinados momentos de excitação e nervosismos os sentimentos provocam ações espontâneas identificadas como opressoras e causadoras de ferimentos afetivos. À exemplo disso, trago um relato da minha experiência com o atleta Valdir que em muitas vezes, me fez refletir – novamente – sobre o meu papel enquanto pesquisador devido às solicitações de conselhos que recebia do mesmo. No dia 21 de agosto de 2017, quando cheguei no treino da equipe, procurei ficar ao lado do atleta e da sua mãe Celeste. Valdir é um rapaz de 36 anos que começou a jogar bocha na escola em 2003 aos 22 anos de idade e em 2011 ingressou para a equipe de bocha da ADFP. Durante a nossa conversa, o atleta comentou que parou de jogar entre 2015 e 2016. Quando o questionei sobre o motivo de sua pausa, ele afirmou que foi devido a determinados comportamentos de sua mãe. Nesse período, ele se dedicou à modalidade de *Power Soccer*⁴⁵ junto à uma equipe de Curitiba-PR.

D^a Celeste sempre teve um certo “receio” em conversar comigo. Ela foi a única pessoa que se recusou a aparecer em fotografias e filmagens, permitindo apenas áudio. Apesar disso, no dia 30 de agosto de 2017 – dez dias após a conversa com o seu filho – a convidei para conversar em uma sala de aula no DEF/UFPR com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre a sua história de vida. Durante a nossa conversa perguntei como era a relação com o seu filho e me respondeu dizendo que era “boa”. Contou que os dois vivem juntos, que adora participar das atividades junto com o seu filho, além de ser um motivo para que o ele saia um pouco de casa e não fique apenas no computador ou na televisão. Quando a questionei sobre o motivo do Valdir ter ficado afastado da equipe, ela fugiu do assunto e não respondeu a questão. Neste caso, preferi não insistir no assunto, acreditando que não teria acesso a informação.

No dia 02 de setembro de 2017, estava acontecendo o Torneio da Amizade. Este torneio foi desenvolvido pelo técnico da equipe e aconteceu ao longo do ano durante os treinos nos sábados de manhã. Neste dia, auxiliei o técnico na montagem das quadras e arbitrei alguns jogos. Em um dos jogos que arbitrei, o Valdir estava jogando e após o término da partida ele me chamou para conversar

⁴⁵ Futebol em cadeiras de rodas. Para mais informações acesse: <https://www5.unioeste.br/portal/liga-metropolitana-futsal/noticias-futsal/46904-a-historica-do-futsal-em-cadeira-de-rodas-power-soccer>. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=xHNMLRDVer4>.

em particular. Sentei-me em um banco que havia na lateral da quadra. O atleta se posicionou na minha frente e começou a relatar uma atitude de sua mãe durante a partida devido a um lançamento errado.

De acordo com o atleta, a sua mãe disse: *“Eita Valdir!”* em tom de irritação. Ao relatar sobre o ocorrido, o atleta ficava olhando desconfiado para o lado para verificar se ela estava observando ou se dirigindo até nós para saber do que estávamos conversando. A sua mãe estava sentada há mais ou menos seis metros de distância e a todo o momento em que ele me contava sobre essa situação, lembrava que foi por causa dessas atitudes que ele havia se afastado da equipe da bocha. O atleta me questionou sobre como ele deveria proceder neste tipo de situação, pois, estava cansado de ficar triste quando a sua mãe lhe chamava a atenção devido um lançamento que não saía da maneira correta. Procurei enfatizar que estabelecer um diálogo com ela era o melhor caminho para evitar estas situações.

Após o ocorrido, o Valdir não havia comentado mais sobre o assunto até que no dia 04 de novembro de 2017, último dia do PARAJAPS na cidade de Maringá-PR, ele disputou a semifinal do campeonato com a atleta Caroline da mesma equipe. O resultado não foi o esperado para o atleta, porém, ele ainda teria chance de ganhar uma medalha na disputa do 3º lugar da classe BC2. Quando terminou a partida, eu fui cumprimentá-lo pelo jogo - como fazia com todos os atletas da equipe - e assim que cheguei, ele me disse:

Valdir: *“Antonio, a minha mãe nem olhou para mim”.*

Pesquisador: Por que?

Valdir: *“por que eu perdi para a Caroline e ela não gostou e nem veio falar comigo. É por isso que as vezes eu quero parar de jogar”.*

De repente, sem que eu tivesse tempo para falar algo para ele, a sua mãe apareceu ao seu lado e deu-lhe um tapa, um puxão de orelha e tirou com força do pescoço do atleta a alça da bolsa⁴⁶ que ele guardava as bolas durante o jogo e disse: *“como você foi perder para a Caroline?”* Em um tom de voz que expressava muita raiva. No exato momento em que ela tirou a bolsa de maneira ríspida, o atleta gritou: *“para de me bater! Saí daqui! Para de me bater!”.*

⁴⁶ Figura 03 página 46.

Eu estava posicionado na frente do atleta e as outras pessoas que estavam ao redor no ginásio viram todo o ocorrido. Os olhares eram de espanto. Olhei para os lados para saber se o técnico havia observado, mas ele estava do outro lado da quadra conversando com os atletas que iriam jogar naquele momento. Algumas pessoas vieram me perguntar o que havia acontecido para ela ter agido daquela maneira e eu disse: *“Ele perdeu o jogo e a mãe dele ficou brava com ele”*. Os atletas de outras modalidades que estavam circulando no ginásio também ficaram sem entender a situação e visivelmente preocupados com bem-estar de Valdir. Eu permaneci junto ao atleta conversando com ele no intuito de acalmá-lo.

FIGURA 19 - PARAJAPS 2017



Fonte: do autor.

Saímos de perto da quadra de bocha e nos dirigimos para as quadras da modalidade de vôlei sentado que ficavam ao lado. Durante a conversa ele repetia diversas vezes que não queria mais jogar e que iria parar novamente. Logo chegou uma atleta do município de Campo Largo-PR e amiga de Valdir que também tentou acalmá-lo. Ela contou sobre a sua história, como perdeu os jogos e justificou dizendo que *“nem por isso, desisti de jogar!”*. Após a conversa com a amiga, eu sugeri que os dois fossem assistir aos jogos do basquete em cadeira de rodas⁴⁷ enquanto aguardavam as disputas do terceiro lugar na tentativa de que ele esquecesse – pelo menos, por alguns instantes – da discussão que teve com sua mãe. Saí e fui guardar uns materiais do atleta que eu estava acompanhando quando

⁴⁷ A quadra do basquete em cadeira de rodas ficava depois da quadra de vôlei sentado.

a Verônica me chamou e disse: “*Antonio, vai conversar com o Valdir, ele está precisando*”.

Fiquei do lado do Valdir novamente tentando acalmá-lo e conversando para que ele se concentrasse para o próximo jogo. Passados alguns minutos, o técnico chega do nosso lado e diz: “*Valdir, vem aqui comigo e Antonio, vem ver isso*”. Seguimos o técnico até os fundos da quadra de vôlei - local mais isolado das pessoas naquele momento - e com palavras de motivação, o técnico procurou inspirar o atleta a continuar jogando. O atleta repetidamente dizia que não queria mais saber de jogar, porque ela (sua mãe) sempre fica brava com ele quando perdia uma partida. O técnico em vários momentos falou:

“Ei, caramba! Falei para você esquecer o que aconteceu e ficar focado no jogo. Já aconteceu, paciência! Agora é se concentrar. Você é um ótimo jogador, você chegou até aqui e não foi por nada. Confio em você e você joga muito bem!” (TÉCNICO).

Após a conversa com o atleta, o técnico se despede e diz: “*Antonio, obrigado!*” E eu disse: “*Pelo quê? Fiquei aqui parado só ouvindo e observando*” e o técnico dá uma risada e diz: “*mas é assim mesmo*”. Passado o momento, o atleta se dirigiu a câmara de chamada para disputar o terceiro lugar e eu fui conversar com o técnico. Durante a nossa conversa, ele me contou que a Celeste justificou a ação dizendo: “*poxa, a gente se dedica, sabe, vai sem almoço para o treino e aí, ele vem e faz isso?*”. Aqui está claro que a discussão ocorreu devido a exigência de resultados positivos que a mãe espera do filho.

Perguntei para o técnico se existe algum trabalho psicológico que poderia ser feito através da ADFP, pois um profissional poderia ajudar na relação dos dois, bem como em outras questões relacionadas com os outros membros da equipe. Ele respondeu que tem um trabalho sendo realizado junto ao hospital Pequeno Anjo, porém as atividades realizadas são para auxiliá-los na preparação dos jogos e não na relação mãe e filho. Ele afirmou que iria tentar falar com a diretora do departamento esportivo para encontrar um meio de melhorar a situação.

Os problemas entre a dona Celeste e o seu filho Valdir relacionados com os resultados esportivos do atleta eram comuns. Aconteciam não apenas em ações verbais opressoras como também, ações físicas (puxões de orelhas e tapas). Por agir dessa maneira, a mãe do atleta não apenas demonstrava o seu

descontentamento com o resultado como também, exprimia a ideia de que ele não era capaz de trazer resultados positivos. Ao expressar um descontentamento com a derrota do filho, a dona Celeste julgou – de certo modo – a capacidade de outro atleta da equipe por acreditar que este não possui uma performance superior ao seu filho. Acreditando – talvez – que a dedicação de seu filho aos treinos o tornava mais qualificado que outros participantes. Coutinho, Mesquita e Fonseca (2018), ao realizarem uma revisão sistemática da literatura sobre a influência parental no esporte, revelaram que os comentários negativos, pressão excessiva em relação aos resultados e exigência de alta performance provocam altos níveis de stress e ansiedade tornando a prática esportiva menos prazerosa.

Bean *et al* (2016), ao explorarem sobre os comportamentos negativos dos pais em relação aos seus filhos praticantes de hóquei, os autores constataram que nas discussões entre os acompanhantes; e entre atletas e acompanhantes havia violência verbal, física e psicológica. Os autores demonstraram também que os motivos por trás destas ações eram: atração pelo esporte profissional; hierarquia social; expectativa de retorno dos investimentos; e também, desejo dos pais sendo realizado através do filho. Comparativamente, a relação entre mãe e filho apresentada aqui se assemelha aos achados dos autores. Dona Celeste ao relatar a sua dedicação para que o filho esteja treinando e competindo, deixava claro que queria ser recompensada de alguma forma por isso através das vitórias do filho.

Outra característica deste relato, é a posição do técnico como mediador dos conflitos entre a mãe e o filho uma vez que, “[...] a ação dos treinadores vai para além de guiar atividades de ensino-aprendizagem nos esportes. A atividade do *coaching* esportivo se sustenta na relação direta com atletas e também na relação com os demais atores em seu contexto” (MILISTETD *et al.*, 2017, p.09). Em uma de nossas conversas no final do ano de 2017, logo após o ocorrido, o técnico relatou que um dos seus objetivos em relação aos atletas na modalidade é com a formação social, no entanto, deseja que alguns deles conquistem reconhecimento no esporte. Ao longo da coleta de dados percebi que o técnico não estava preocupado apenas com a formação social dos atletas, uma vez que, procurava realizar atividades que contribuíssem para o fortalecimento dos laços afetivos. Estas atividades eram realizadas com o intuito de auxiliar especificamente na relação entre

acompanhantes e atletas - como relatado nesse caso. Elas eram também realizadas para evitar que outras situações semelhantes pudessem ocorrer novamente.

O estudo de Bean et al (2016) e também de Coutinho, Mesquita e Fonseca (2018) consideram necessária educar os pais de modo que percebam as reais consequências de suas ações sobre a performance dos seus filhos. De acordo com o trabalho de Bean et al (2016), deveria se projetar então, um processo de formação, de vigilância de conduta, avaliação de políticas de proteção aos atletas que poderiam trazer resultados positivos. No contexto do hóquei canadense, os comportamentos negativos dos pais como: brincadeiras ofensivas; incentivo à violência contra outros atletas; repreensão devido a uma performance esportiva considerada ruim pelos pais, podem resultar em desistência da prática da modalidade e/ou prejudicar a performance. Obviamente, os dados aqui apresentados não se equiparam aos dos atletas canadenses de hóquei dos autores citados. Além disso, faz-se necessário ressaltar que para a realização de uma ação formativa, seriam necessários investimentos nas instituições mantenedoras das ou nas equipes esportivas para que realizem a formação dos familiares. Talvez, a sugestão de Coutinho, Mesquita e Fonseca (2018), seja a mais realista para a situação específica da bocha, na qual, é necessário “[...] educar os pais [acompanhantes] sobre quais os comportamentos mais favoráveis para o desenvolvimento do atleta e elucidá-los sobre as possíveis consequências negativas que algumas das suas atitudes podem possuir no estado emocional do atleta” (COUTINHO, MESQUITA E FONSECA, 2018, p. 54).

Durante a minha permanência com a equipe pude observar outros momentos de irritação por parte dos acompanhantes em relação a performance esportiva de seus filhos tanto nos treinos como em competições. Porém, em nenhum momento dessas situações as mães agiram de maneira tão violenta como o relato apresentado acima. Por exemplo no Campeonato Brasileiro de bocha em 2018 no município de Joinville-SC, Valda mãe da atleta Ana também ficou chateada com a filha porque ela não conseguiu se classificar para as quartas de finais. Devido ao momento de estresse, a mãe da atleta preferiu se afastar e observar os outros jogos que estava acontecendo para se acalmar. Talvez essa não seria a solução mais favorável para a atleta, devido ao estado emocional dela, que também era de muita

tristeza. Porém – e correndo o risco de fazer algum julgamento de valor –, a atitude tomada por Valda pode ser considerada como a melhor opção para aquela situação.

Outra questão a ser considerada era a minha posição de pesquisador. Nos momentos em que fui solicitado pelo atleta Valdir ou por outros participantes, percebi que minha função enquanto pesquisador estava sendo “deixada de lado” e o contexto me colocava como membro da equipe, com responsabilidades. Talvez isto tenha acontecido como consequência de eu estar em algumas competições como acompanhante de um atleta, não apenas como pesquisador. De todo modo, procurei ser cuidadoso e ser reconhecido como pesquisador e, ao mesmo tempo, evitei tomar decisões e atitudes que pudessem me identificar como alguém que tinha algum poder ou autoridade naquele contexto.

Após o ocorrido com o Valdir, ele avisou o técnico que iria sair da equipe e no ano de 2018, iniciou os treinamentos com outro grupo em um município vizinho de Curitiba-PR. De acordo com as informações que recebi, o atleta aceitou o convite da amiga que o auxiliou depois da discussão com sua mãe no Parajaps de 2017 para mudança de equipe. Essa mudança de certa forma, assim como a do atleta Leonardo, prejudicou um pouco a coleta de dados, pois, não tive tempo para reencontrá-los (Valdir e sua mãe) para saber como estavam. Apenas trocamos algumas mensagens por telefone, porém, nada que pudesse me ajudar a melhor entender os motivos de sua saída da equipe e avançar nas discussões do presente trabalho.

4.2 AS LINGUAGENS E DENOMINAÇÕES EM RELAÇÃO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Antes de iniciar o meu processo de campo, eu já havia tido contato com algumas leituras (Schell e Duncan, 1999; Duncan, 2006; Hardin; Hardin, 2004; Gonçalves, Albino e Vaz, 2009; Léséleuc, Pappous e Marcellini, 2010; Silva e Howe, 2012; Figueiredo, 2014; Marques *et al.*, 2014; Poffo *et al.*, 2017; Dos Santos *et al.*, 2018) em relação ao modo como os atletas com deficiência são representados por expressões que vitimizam, infantilizam, que denotam melancolia ou ênfase na

superação da deficiência e não na performance esportiva. Para estes autores, tais representações são inadequadas e contribuem para com a estigmatização da pessoa com deficiência⁴⁸. Ademais, sabe-se que ao longo da história, as pessoas com deficiência têm sido marcadas por determinados termos (retardado, inválido, incapacitado) que as classificavam como inferiores devido ao entendimento que se tinha – em muitos casos ainda se têm - em relação a deficiência. Esta forma de pensamento começou a ser questionada com mais força a partir da década de 1960 na medida em que o Movimento do Direito dos Deficientes começou a se consolidar. Ela também passou a ser questionada pelo movimento que ficou conhecido no meio acadêmico como *Disability Studies* que surgiu com a intenção de discutir a deficiência a partir do “modelo social” e contra uma cultura de “normatização” do corpo (GAUDENZI; ORTEGA, 2016).

O modelo social da deficiência, questiona o modelo médico, imbricado com determinadas tecnologias de poder com base em uma visão patológica a qual vem historicamente contribuindo para um olhar estigmatizante em relação às pessoas com deficiência. Segundo Foucault (1990), as tecnologias de poder “[...] determinam a conduta dos indivíduos, submetem-nos a certos tipos de fins ou dominação e consistem numa objetivação do sujeito” (FOUCAULT, 1990, p. 48). O conceito de biopolítica na obra do filósofo francês corresponde a uma tecnologia de poder e aparece pela primeira vez em 1974 na obra “O nascimento da medicina social” em que o filósofo argumenta que “o controle sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o

⁴⁸ A título de informação, desde a criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em 1995, esta entidade tem investido na divulgação dessa manifestação esportiva e principalmente na divulgação dos Jogos Paralímpicos que ocorreram no Brasil em 2016. Estes investimentos estão relacionados com a compra de direitos de transmissão, *workshops* com o intuito de apresentar e/ou “ensinar” aos jornalistas responsáveis pela cobertura do evento um pouco sobre o esporte para pessoas com deficiência. Conforme aponta Santos (2018) “em 1996, o Comitê promoveu a transmissão dos Jogos Paradesportivos Brasileiros pela TV Educativa e, pela primeira vez, comprou os direitos de transmissão dos JP. A estratégia da entidade se repetiu até os Jogos de 2012 [...]. Em 2012, na edição de Londres, já não foi mais preciso o Comitê comprar os direitos, pois a Globo o fez espontaneamente e transmitiu a competição através do seu canal por assinatura, *SporTv*” (p. 23). Além disso, com o intuito de auxiliar e qualificar a cobertura dos Jogos Paralímpicos foram criados três guias de orientação à mídia. O primeiro foi produzido pela *British Paralympic Association* (BPA) e denominado de “*Guide to Reporting on Paralympic Sport*” para os Jogos de Londres 2012; o segundo, foi produzido pelo *International Paralympic Committee* (IPC) em 2014 intitulado “*Guide to Reporting on persons with na impairment*”; e um terceiro guia produzido pelos professores e pesquisadores Athanasios Sakis Pappous da Universidade de Kent na Inglaterra e Doralice Lange de Souza da Universidade Federal do Paraná intitulado “Guia para a mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016”.

corpo” (1979, p. 80). A partir disso a reflexão é de que a atividade política e a atividade do Estado atuam na vida biológica dos indivíduos e da população como um todo. Assim, a biopolítica significa tornar a atividade política ou a atividade do

Estado, uma ação do governo sobre a vida biológica dos indivíduos e, principalmente uma ação do Estado sobre a vida da população (ASSMANN, 2014).

Esta tecnologia de poder não só vê o Estado como promotor de vida da espécie, da população - através de políticas públicas, por exemplo -, mas ao mesmo tempo, como isso transforma os cidadãos em meros seres biológicos. Por isso se pode dizer que há um investimento sobre a vida da população, na qual o Estado se utiliza de instituições de poder que auxiliam no processo. A Educação Física, por exemplo, em instituição escolares pode ser compreendida como um dispositivo que auxilia no processo de disciplinamento dos corpos.

O controle do corpo físico, portanto, é o controle da própria pessoa em cada sociedade, atendendo aos determinantes socioeconômicos ou “uma certa economia política do corpo” (p.28). Há de fato um investimento sobre ele, o que se come, quem pode ou não comer determinados alimentos, onde e quando, quais são os movimentos recomendados a cada grupo, gênero, idade, local, vestuário, entre outras meios que exigem sua utilização econômica. Tomemos um exemplo histórico da modernidade, o corpo é investido como eficácia de produção por meio das relações de poder e dominação. Os “[...] estudos nos séculos XVIII e XIX, [são] fundamentalmente das ciências biológicas. O corpo aqui é igualado a uma estrutura mecânica – a visão mecanicista do mundo é aplicada ao corpo e a seu funcionamento” (BRACHT, 1999, p. 73). Este modelo caracterizava o modo capitalista de pensar o homem para o desenvolvimento econômico das sociedades. Corpos fortes, saudáveis e dispostos para o trabalho guiado pelo capital, homens treinados para trabalharem nas indústrias.

Esta corrente reflexiva de pensar o corpo se assemelha ao modelo médico da deficiência, visto que, impõe nos sujeitos a sua maneira de agir de produção de indivíduos submissos através de tecnologias de poder. Neste sentido, de acordo com Coakley, (2009), “o modelo médico da deficiência baseia-se nas perspectivas daqueles que não possuem deficiências [visíveis e ditos ‘normais’] de forma a levá-

los [ditos ‘anormais’] a serem classificados como deficientes⁴⁹” (p. 318). Esta perspectiva rejeita a ideia de que a deficiência é parte da condição humana. Aqueles considerados incapazes de gerar determinados produtos/resultados devido à sua suposta anormalidade, são avaliados como frágeis e tendem a ser discriminados e excluídos de determinadas experiências. Tais posicionamentos em relação à compreensão da deficiência poderiam ser compreendidos a partir da ótica do *ableism* ou como tem sido traduzido no Brasil, do capacitismo. Nesta perspectiva, o corpo é percebido como um objeto mais ou menos capaz de realizar determinadas ações e a pessoa é julgada pelo o quanto supostamente é capaz, valorizando-se os mais capazes dentro de uma escala de valores hegemônicos dentro de um grupo social. Assim, no capacitismo, segundo alguns críticos (Campbell, 2001; Coakley, 2015; Brittain, Biscaia e Gérard, 2019), é possível inferiorizar o outro por acreditar que este não é capaz ou menos capaz de cumprir com determinadas ações.

Por outro lado, cabe considerar que, “se é verdade que um estado de dominação [e neste caso, um modelo de pensamento sobre a pessoa com deficiência] é forte o bastante para sujeitar indivíduos durante o período de uma vida, também é verdade que não existe estado de dominação capaz de oprimir as diversas liberdades que vão se moldando [...]” (GONÇALVES, 2012, p. 70). Isso significa que onde há poder, há também, estratégias de resistência de poder e nesse sentido, o filósofo francês Foucault nos auxilia ao refletir sobre as “tecnologias do eu”⁵⁰. Que segundo o autor,

“[...] permitem que os indivíduos realizem, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e alma, pensamentos, conduta ou qualquer modo de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos a fim de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (FOUCAULT, 1990, p. 48)⁵¹

⁴⁹ Texto original: “*The medical model of disability is based on the perspectives of those who are not impaired in ways that lead them to be classified as disabled*”.

⁵⁰ “É justamente no conhecido texto publicado nos Estados Unidos, em 1983 – *Tecnologias do Eu* –, que o filósofo resumiu o que vinha estudando nos últimos anos e que logo se transformaria no segundo e terceiro volumes da História da sexualidade: o sexo como o articulador entre a proibição de fazer e a obrigação de dizer” (VEIGA-NETO, 2011, p. 83).

⁵¹ Texto original: “[...] *permiten a los individuos efectuar, por cuenta propia o con la ayuda de otros, cierto número de operaciones sobre su cuerpo y su alma, pensamientos, conducta, o cualquier forma de ser, obteniendo así una transformación de sí mismos con el fin de alcanzar cierto estado de felicidad, pureza, sabiduría o inmortalidad*”.

Este modo de reflexão contribui com o modelo social da deficiência ao oportunizar a compreender os indivíduos a partir de outros olhares que fogem de um modelo enraizado e ultrapassado de pensar o corpo apenas como ser biológico, mas como um ser de experiências e de reflexões sobre estas. Visto que, a percepção do ser no mundo não se dá de forma objetiva e mecanicista onde se pode medir o grau de experiências e internalizações, mas a partir de práticas de produção das experiências de si (LARROSSA, 1994). Ou seja, a partir de práticas que se constituem por meio de problematizações que se formam quando os indivíduos se permitem refletir sobre o seu 'eu' em meio aos discursos, práticas e relações experienciadas.

Ao interagir com o grupo e ouvir as suas histórias, pude notar que alguns termos não eram caracterizados como estigmatizantes ou ofensivos para os atletas. Conforme Araújo (2011), existe “[...] um descompasso entre o movimento da ciência na sua busca pelo conhecimento sobre o corpo (e aqui, sobre o ‘corpo deficiente’) e o conjunto de formulações sobre o tema construído por outros setores da sociedade” (p. 137). Penso que isto é verdade. Como pesquisador, havia construído uma imagem fictícia sobre a deficiência. Construí uma “identidade social virtual” de meus participantes a partir de determinadas reflexões que já havia realizado sobre a pessoa com deficiência. Ao contarem as suas histórias, algumas acompanhantes se referiam a deficiência como ‘probleminha’ e/ou falaram de seus filhos como ‘infantis’ ou ‘especiais’.

“O Martins é o [meu filho] mais velho e teve esse probleminha com paralisia cerebral!” (VIVIANA).

A cabecinha deles é mais infantil, não sei se você vê pelo o que eles fazem aí, né? A Andrea tem horas que é boa e tem hora que é bem infantilzona, né? E todos eles são assim, né? Eu acho que afeta, porque a cabeça deles não é igual a de uma pessoa sem deficiência, né? (VERÔNICA)

Para nós é fácil, veja como as bolas estão organizadas e olha como os jogadores estão posicionados. Eles sabem que [qual] é o melhor [lugar] para jogar, mas erram. Eles possuem uma deficiência, tem dificuldade de realizar o movimento, seja pela pouca força para jogar a bolinha, por segurar a bola ou mesmo de decidir sobre qual estratégia é melhor. Pra gente é fácil, vamos ali, colocamos a bolinha onde queremos (JOSÉ)

Também, em uma das viagens que realizei junto com a equipe, ouvi diversas vezes de atletas de outras modalidades conversando entre eles e utilizando expressões que dependendo do seu vínculo com o grupo, podem parecer trágicas e cômicas ao mesmo tempo: “aleijado”; “minhas pernas não querem me obedecer”; “minha perna sumiu, se vocês virem, ajudem a encontrar”. Não parecia haver receio na utilização destas expressões. Com o tempo fui sendo tomado pelo ambiente hilariante e comecei a rir, porque todos riam. Me sentia contagiado com a maneira de eles se expressarem a respeito de seus próprios corpos, de suas deficiências e de suas identidades. Eles gozavam deles mesmos, sem nenhuma timidez. Todos zoavam e eram zoados. Até mesmo as pessoas próximas a eles não deixavam de fazer piadas sobre a deficiência. Estes comentários realizados pelas acompanhantes dos atletas podem ser entendidos aqui como parte do repertório cultural do grupo social que participam. Como pessoas “informadas” (GOFFMAN, 2015), ou seja, que conhecem os meandros do esporte para pessoas com deficiência e as barreiras sociais enfrentadas, possuem um processo de construção sobre a potencialidade dos atletas e da deficiência. O processo de entendimento sobre a deficiência se dá a partir das experiências de vida que o informado enfrenta ao longo de sua convivência com o estigmatizado.

4.3 ENFRENTAMENTO DE BARREIRAS

O esporte para pessoas com deficiência possui características de inserção que diferem e se assemelham do “esporte convencional”. Um dos pontos de semelhança está relacionado a iniciação da prática esportiva de caráter institucional, ou seja, na escola. São em aulas de Educação Física que os indivíduos quando estimulados pelos professores iniciam e vivenciam os esportes no espaço escolar que pode também, ser experienciado a partir de jogos e brincadeiras. Obviamente a iniciação na prática esportiva não é privilégio da escola visto que, espaços públicos (praças, campos/várzea, ambientes naturais), escolinhas das mais diversas modalidades específicas de treinamento esportivo como também, as relações sociais agem como facilitadores e contribuem para que o indivíduo crie laços com o esporte que possam

ser atribuídos como parte da vida profissional ou como um *hobby* que auxilia na manutenção da qualidade de vida.

Para Sousa (2014), que analisou as narrativas de atletas paraolímpicos portugueses “o desporto para pessoas com deficiência está enquadrado num contexto específico e detém características próprias, tornando o período de iniciação destes atletas distintos” (p. 350). Esta distinção pode se dar por meio da idade, contexto social, influência parental, apoio financeiro, e objetivos para a prática (reabilitação, qualidade de vida, alto rendimento) (BRAZUNA e MAUERBERG-deCASTRO, 2001). Além disso, estas características também podem ser associadas com o enfrentamento de barreiras das pessoas com deficiência na inserção no esporte. Ao analisar o período de inserção dos atletas na equipe de bocha da ADFP com base na idade, foi possível identificar uma característica morosa da prática esportiva de alto rendimento. Este dado foi semelhante aos achados de Sousa (2014) que entre 29 atletas participantes da pesquisa pelo menos dois terços destes iniciaram no esporte na fase adulta. Entre os atletas da ADFP com deficiência congênita a idade base de inserção variou entre 18 e 38 anos, sendo que, entre as mulheres a idade variou entre 16 e 34 anos e entre os homens de 18 à 38 anos de idade. Em relação aos atletas com deficiência adquirida, a idade de inserção na modalidade variou de 28 à 32 anos sendo estes, todos homens. Alguns dos fatores que interferiram para a inserção deles na modalidade foram: apoio ou falta de apoio familiar; tipo e grau de severidade da deficiência do indivíduo, sendo que no caso de indivíduos com deficiência adquirida a inserção é ainda mais tardia, geralmente na fase adulta; a classificação funcional para a realização de determinado esporte pode ser um fator decisivo para a prática de uma modalidade; falta de incentivo econômico para a prática e manutenção do esporte entre outros aspectos que influenciam a inserção e permanência no esporte.

Como um fator positivo de inserção nos esportes para pessoas com deficiência a modalidade da bocha é considerada a mais inclusiva devido à diferentes possibilidades de execução dos lançamentos. Os atletas que possuem uma deficiência mais severa podem lançar a bola com o auxílio das calhas, como é o caso dos BC3; os atletas que não conseguem realizar o movimento “de frente” podem executá-lo com movimentos laterais (figura 19); ou atletas que não possuem

os movimentos do membro superior podem realizar o lançamento com os pés (figura 20).

FIGURA 20 - ATLETA DE OUTRA EQUIPE NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOCHA PARAOLÍMPICA DE 2018 REALIZANDO O MOVIMENTO DE LANÇAMENTO LATERALMENTE



Fonte: do autor.

FIGURA 21 - ATLETA DE OUTRA EQUIPE NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOCHA PARAOLÍMPICA DE 2018 REALIZANDO O MOVIMENTO DE LANÇAMENTO COM O PÉ



Fonte: do autor.

Uma curiosidade interessante de mencionar é que a modalidade da bocha não foi uma escolha para alguns atletas da ADFP e sim, a única opção de prática esportiva. Entre os atletas da equipe quinze participantes de diferentes deficiências congênita e adquiridas iniciaram a prática da modalidade na fase adulta e um (01) ainda na adolescência. Ademais, como apresentado no capítulo primeiro, a modalidade da bocha paraolímpica ainda é recente no Brasil e ao serem questionados sobre como conheceram o esporte alguns atletas e familiares da equipe da ADFP revelaram que desconheciam a modalidade e aqueles que já conheciam, mas não praticavam desdenhavam do esporte por não ser atrativo como a petra⁵², basquete em cadeiras de rodas, tênis de mesa ou natação. À exemplo, Valda, mãe da atleta Ana, contou que sua filha iniciou na modalidade através das aulas de Educação Física. No entanto, quando a sua filha a informou do desejo de praticar a modalidade, ela imaginou que fosse aquele jogo disputado em bares: *“Um dia a Ana disse para mim ‘mãe, eu vou aprender a jogar bocha!’ Eu digo, bocha? Coisa de velho, porque para mim, na minha cabeça, era aquela de areia [...], quando começou os jogos escolares eu comecei a ir junto e ver [...]”* (VALDA)⁵³. Esta percepção em relação ao esporte da bocha não se restringe apenas a experiência de Valda, mas também, em outros familiares que não apenas desconheciam o

⁵² “Uma das modalidades mais recentes, o *RaceRunning*, conhecido no Brasil como Petra, é praticada no país desde 2009 por iniciativa da ANDE. Criada na Dinamarca, ela é mais uma opção para atletas com paralisia cerebral, que correm em seus próprios pés apoiados em um suporte. No *RaceRunning*, os atletas são classificados entre RR1, RR2 e RR3, sendo a três a de menor gravidade. O equipamento parece uma bicicleta, mas não é. Ele conta com suporte para o tronco, assento, guidão e três rodas”. Informação retirada no site da ANDE através do link: <http://ande.org.br/modalidades-petra/>. A título de informação segue o link que explica com mais detalhes a modalidade da Petra: <https://www.youtube.com/watch?v=mn4YuLkvVJ8>.

⁵³ Foi através desses eventos de competição escolar que Ana e também, a atleta Caroline, receberam um convite para conhecer a equipe da ADFP. A inserção das atletas se deu pela necessidade da equipe em cumprir com uma exigência do Campeonato Regional Sul de Bocha Paralímpica no município de Maringá – PR em 2009. Tal exigência⁵³ era a de que todas as equipes deveriam ter um número mínimo de atletas mulheres. A efetivação dessa regra também vem sendo aplicada na seleção brasileira de bocha paraolímpica. O atleta Juliano relatou que esta exigência tem sido submetida pela BISFED que é o órgão responsável internacionalmente pela modalidade e acatado pela ANDE. Esta exigência não apenas influencia no quadro de atletas de uma equipe na participação em um campeonato, como também, no jogo. Ou seja, quando o jogo é disputado em equipes em uma das parciais do jogo obrigatoriamente uma atleta mulher deve jogar. Porém, de acordo com o atleta, isso não tem sido muito bem visto pelas instituições e equipes, pois, a inserção de uma atleta mulher não está sendo pela performance esportiva, mas sim, pelo cumprimento de uma regra burocrática. No entanto, não trarei esse assunto para o debate neste trabalho, pois, não tive a oportunidade de aprofundamento ao longo da pesquisa.

esporte como também, as potencialidades dos seus familiares atletas (irmãos, filhos, companheiros).

Este desconhecimento não se restringe apenas a modalidade da bocha, mas também, ao fenômeno esportivo para pessoas com deficiência. Como apontou Sousa (2014), “[...] o desconhecimento da sociedade em geral [em relação ao esporte para pessoas com deficiência] faz com que o público presente nas provas seja quase inexistente e com que os poucos espectadores sejam apenas familiares e atletas, especialistas ou interessados da área” (p. 440). De fato, em eventos que pude participar junto da equipe o público presente em grande maioria eram os familiares e acompanhantes dos atletas. O próprio técnico do grupo nos Jogos Regionais de 2018 chegou a me perguntar sobre quais ações ele poderia tomar para que em campeonatos de bocha realizados por ele em Curitiba pudessem ter uma maior participação de público e divulgação. No entanto, o “desinteresse” em relação a divulgação e a participação de campeonatos dessa modalidade não se limita apenas nestes eventos, mas também em outros como por exemplo os Jogos Paralímpicos. De acordo com uma matéria⁵⁴ publicada pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC) no dia 23 de agosto de 2016, ou seja, a exatos 15 dias antecedentes para o início dos Jogos, apenas 20% de 2,5 milhões dos ingressos disponíveis estavam vendidos. Como meio de “preencher” os locais dos Jogos o comitê organizador do Rio-2016 decidiu doar parte dos ingressos a estudantes.

No que diz respeito ao papel dos meios de comunicação como forma de veicular e divulgar o referido evento foi percebido em trabalho anterior (FERMINO et al, 2018) que a empresa detentora dos direitos de transmissão dos JP Rio-2016, a Rede Globo priorizou sua programação em detrimento do evento e neste sentido, “ao priorizarem a telenovela ao invés de transmitir os JP a emissora demonstra não possuir interesse em dar visibilidade aos atletas com deficiência e/ou, até certo ponto, negar a existência de tal evento para o público [...]” (Ibidi, p. 171). Além disso, a transmissão durante o período dos Jogos se deu pelo seu canal de assinatura Sportv. O interesse comercial da referida empresa de comunicação prevaleceu em relação a manifestação esportiva paraolímpica. Para Santos (2018), que em seu trabalho procurou entender do processo de produção de notícias sobre o esporte e

⁵⁴ Link da matéria: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/com-20-dos-ingressos-da-paralimpiada-vendidos-campanha-convoca-publico>

os atletas paraolímpicos dos JP Rio 2016 “[...] a mídia esportiva tende a se isentar do seu papel de promotora e mediadora cultural das diversas manifestações do esporte até o momento em que elas se apresentam como uma possibilidade rentável [...]” (p. 88). Por outro lado, a pesquisa de Santos *et al* (2018) que analisaram a cobertura dos Jogos Paralímpicos de 1992 até 2016 do jornal impresso Folha de São Paulo identificaram uma evolução quantitativa de publicações sobre o referido evento ao longo deste período. De acordo com os achados dos autores, em 1992 houveram um total de nove (09) notícias e em 2016 duzentos e noventa e cinco (295) notícias publicadas.

Percebe-se, então, um salto “gigantesco” que segundo os pesquisadores pode estar associado a diversos fatores, como por exemplo, “política de aproximação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) com os meios de comunicação”; CPB comprou os direitos de transmissão dos Jogos até 2008 e redistribuiu para as empresas de comunicação gratuitamente; devido o Brasil ter sido sede em 2016 houve um aumento de notícias em 2012 e neste mesmo ano se iniciou um agendamento para o evento em 2016; como também, o aumento no número de patrocinadores para o esporte paraolímpico. O ex-presidente do CPB Andrew Parsons em uma entrevista ao programa Roda Viva⁵⁵, argumentou que o esporte paraolímpico tem tido uma maior visibilidade nos meios de comunicação considerando que “[...] *a gente [população brasileira] ainda é um país que vive uma monocultura esportiva [...]*”. No entanto, ao observar os picos de audiência do canal Sportv com alcance de 4,2 milhões de telespectadores na cerimônia de abertura sendo esta, a maior audiência desde 2003 do canal é possível elencar que há outros interesses envolvidos por parte dos meios de comunicação (FERMINO *et al*, 2018; SANTOS, 2018; SANTOS, ALMELA e SOUZA, 2020). Mesmo tendo um aumento significativo de visibilidade na FSP (SANTOS *et al*, 2018), ainda assim, é possível elencar que há uma falta de interesse sobre o esporte paraolímpico o que acaba se tornando uma barreira para a visibilidade desta manifestação que consequentemente, se estende aos demais eventos de menores proporções de público como no caso específico relatado pelo técnico.

⁵⁵ Link da entrevista completa exibida no dia 26 de setembro de 2016 na Tv Cultura: https://www.youtube.com/watch?v=EMO5t_Wlqk0.

Cabe lembrar que as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência não se apresentam apenas no esporte, mas em diversos âmbitos do viver coletivo. Na Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (LBI) nº 13.146, de 2015, o artigo 3º classifica seis tipos de barreiras por eles normalmente enfrentadas: (a) urbanísticas; (b) arquitetônicas; (c) transportes; (d) comunicação; (e) atitudinais; (f) tecnológica, definindo-as como:

“qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança”

Corrales e Castro (2016) buscaram problematizar a participação social da pessoa com deficiência nos espaços de lazer a partir do projeto Andanças na cidade de Ribeirão Preto - SP. Além das ações que o projeto proporcionou para aqueles que participam, as autoras destacaram que existem diferentes “barreiras camufladas” que precisam ser superadas a fim de que os direitos das pessoas com deficiência sejam garantidos. Essa camuflagem está ligada aos aspectos atitudinais e “assim o discurso é maquiado e surge constantemente no contato com o social, ou dentro de suas próprias casas” (CORRALES, CASTRO, 2016, p. 19). Correspondendo assim, a partir de um imaginário social negativo que se tem em relação a pessoa e ao corpo com deficiência. Os indivíduos e seus corpos são uma representação de determinada sociedade, do modo como age no mundo e de suas relações consigo e com o outro. Inserido em uma matriz cultural e histórica da sua realidade, o corpo se faz presente e se relaciona nas mais diversas atividades possíveis de serem realizadas, observadas e sentidas. A proibição do contato com a diversidade de outros corpos existentes em cada local pode desencadear numa privação do corpo, juntamente, com sofrimentos, que também deixam marcas.

No campo esportivo tais barreiras podem ser associadas à falta de entendimento sobre as capacidades de um indivíduo em exercer determinada atividade. Na literatura alguns trabalhos discutem as barreiras em diferentes aspectos: falta de conhecimento por parte dos profissionais (ARAÚJO, 2017); a exigência esportiva por parte dos pais (BEAN et al, 2016; COUTINHO, MESQUITA E FONSECA, 2018); falta de infraestrutura (ARAÚJO, 2017; BRITAIN, BISCAIA e

GÉRARD, 2019; CORRALES, CASTRO, 2016); falta de recurso financeiro (ARAÚJO, 2011; STEPHENS, NEIL e SMITH, 2012); falta de apoio psicológico, emocional (STEPHENS, NEIL e SMITH, 2012); falta de conhecimento em relação as capacidades e potencialidades (KISSOW, 2013; STEPHENS, NEIL e SMITH, 2012; CORRALES, CASTRO, 2016; ARAÚJO, 2017; BRITAIN, BISCAIA e GÉRARD, 2019) entre outros fatores que estão associados ao desenvolvimento e permanência no esporte.

No caso da equipe de bocha no que tange a falta de conhecimento por parte de profissionais e principalmente em relação as capacidades e potencialidades da prática esportiva para pessoas com deficiência, Bruna, mãe da atleta Caroline, comentou que quando a sua filha disse que gostaria de participar dos jogos municipais, ela foi conversar com o professor de Educação Física da escola, mas recebeu uma negativa sobre a possibilidade de participação. Para o professor Caroline não teria capacidade para jogar:

Cheguei lá [na escola] e falei: Professor [...], a Caroline queria jogar numa tal de bocha, nem sabia o que que era. Daí qual foi a resposta dele pra mim? 'Ah, a Caroline não tem capacidade pra isso. Porque é concentração' e mais alguma coisa lá que na época. Daí eu falei assim, 'mas não tem como ela aprender?' 'Não, Porque ela não tem capacidade para fazer isso!' [...] então tá bom, eu não sabia o que que era direito, então falei para Caroline, dizem que você não sabe aprender, não dá. E daí quando ela mudou de escola, o professor [de Educação Física dessa nova escola] foi ensinar ela o que era. Tanto que o primeiro ano ela ficou de reserva, chegou em casa feliz com a medalha, eu nem sabia. E ela nem jogou e a medalha veio, entendeu. E hoje, tipo assim, não é que ela não tinha capacidade, não deram oportunidade. Dela tentar aprender, que é concentração. O que é você não dar oportunidade para saber se a pessoa é capaz daquilo? (BRUNA).

A formação do professor e seu posicionamento segregador, classificatório e a falta de conhecimento da mãe em relação às capacidades de sua filha, neste caso em específico, podem demonstrar que o entendimento sobre a pessoa com deficiência é uma construção a partir da experiência de vida. Na passagem pela primeira instituição escolar, Bruna se “deu por satisfeita” – se assim posso dizer – com a resposta do professor. E quando questionada se teria procurado outras pessoas para saber mais sobre o esporte e também, sobre a participação da sua

filha, ela, respondeu que não foi atrás de outras pessoas por acreditar nas palavras do professor e pelo seu desconhecimento tanto no esporte, quanto das capacidades da filha. A partir do momento em que houve uma mudança de contexto escolar,

Caroline foi incluída na modalidade. Então, de certo modo, se tem um esclarecimento – por parte da mãe - de que não se tratava das capacidades de Caroline em praticar a bocha, mas sim, de ela ter um professor que acreditasse nela, a incentivasse e lhe desse a oportunidade para exercer a atividade. Ambas mãe e filha aprenderam sobre as possibilidades da última através desta experiência.

Cabe ressaltar que a aprendizagem sobre questões relativas à deficiência e à modalidade esportiva, sendo ela positiva ou não, é um processo que se inicia logo nos primeiros anos de vida do indivíduo no círculo familiar. A falta de conhecimento em torno das potencialidades da pessoa com deficiência como foi visto, pode inviabilizar a participação no esporte. Neste caso, isso pode ser resultado de uma construção histórica estigmatizante da pessoa com deficiência na sociedade. Conforme Santos, Marques e Souza (2017), Arioza (2017) e Chacon (2011), alguns pais ao receberem a notícia de que seus filhos possuem uma deficiência costumam passar por sentimentos como culpa, revolta e insegurança. O diagnóstico da deficiência tende a promover uma nova organização familiar tanto nos cuidados em relação a pessoa com deficiência, como também, na rotina da família.

Em outro relato no dia 02 de setembro de 2017 após o término do treino da equipe de bocha, o atleta Tiago trouxe um bolo para comemorar o seu aniversário de 45 anos de idade. Após a comemoração e entrega das fatias de bolo, sento-me ao lado do seu pai, seu José, e ele começou a contar sobre o que havia pensado no dia anterior:

Nossa, ontem fiquei pensando, ele [seu filho Tiago] já está fazendo 45 anos de idade, o tempo passa e a gente nem percebe, né? Seu Antonio [como ele me chama], lembro até hoje do dia em que o Tiago nasceu. Era domingo de manhã, fomos para o hospital, minha mulher estava entrando em estado de parto, né? Já estava dando a dilatação correta e quando levaram ela para fazer o parto o anestesista se atrasou e faltou oxigênio no cérebro. Nossa, o médico chegou pra mim e falou, daqui ele vai para a incubadora e provavelmente de lá não sai. Mas está aí até hoje, a única dificuldade que ele tem é motora, mas intelectual ele não possui nada. No primeiro ano fizemos tratamentos, buscamos ajuda, remédios e nada tinha resultado, aí o médico chegou pra mim e falou: 'parem de gastar dinheiro por que a criança não tem uma

doença e sim, uma deficiência'. Então, depois disso continuámos a vida e estamos até hoje (José).

Arioza (2017), aponta que quando a família descobre que um filho possui uma deficiência tanto por um profissional ou por observação no cotidiano familiar, sentimentos de angústia e insegurança fazem parte do choque inicial ao perceber “[...] uma realidade que foge àquela que foi idealizada antes do nascimento da criança” (p. 109). Para a autora, esta idealização ocorre baseada em modelos normativos da sociedade. A inexistência de informação por parte da família, propicia uma concepção de deficiência baseada no senso comum: “ou seja, quando uma pessoa com características diferentes daquelas que se esperava encontrar em um determinado ambiente é apresentada ou é vista fazendo parte dele, essa pessoa é considerada estranha” (SANTOS, 2008, p. 504). Em seu relato, o pai do atleta Tiago comentou que naquela época – década de 1970 – não havia muita informação sobre deficiência, e que acreditava haver uma “cura” para o seu filho. Considero, que este conhecimento que o seu José tinha em relação a deficiência, derivava de determinados valores morais, éticos, estéticos, políticos, culturais entre outros que compunham o seu modo de ver o mundo. Ele não foi o único acompanhante a relatar que *“naquela época não tinha muita informação”*. Outros participantes da pesquisa expressaram a mesma opinião em relação a falta de informação sobre as pessoas com deficiência entre a década de 1970 e (início de) 1990.

A descoberta da deficiência leva a família a repensar a dinâmica da vida diária, seus objetivos e planejamentos. Alguns autores (Arioza, 2017; Silva, Marques, Souza, 2017; Chacon, 2011; Mocarzel, 2004) afirmam que as famílias podem adquirir alguns sentimentos e reações devido ao choque da descoberta que para estes, são definidos como mecanismos de defesa. Um deles é a negação, não vista como a não aceitação do filho, mas de significados de não aceitação da deficiência. Para Chacon (2011), este mecanismo de defesa “[...] enquanto utilizado, pode retardar os processos de elaboração e ressignificação dos valores e estilo de vida, responsáveis pela dinâmica das relações familiares” (p. 443). Atrelado a este processo de compreensão e aceitação da deficiência, os familiares procuram auxílio profissional para que de alguma forma possam entender o que está acontecendo com o seu filho. Após o diagnóstico eles tendem a procurar por uma cura.

Assim como apresentado no caso do seu José, os autores Santos, Marques e Souza (2017), afirmam que a participação de um profissional da saúde pode auxiliar no processo do entendimento da deficiência. Esta parceria pode ajudar a família a melhor compreender a pessoa com deficiência, o que de certo modo, pode amenizar os sentimentos de insegurança que tendem a surgir. Arioza (2017) também aponta que a participação profissional é de suma importância para a dinâmica do contexto familiar. No entanto, na pesquisa da autora referida, constatou que em alguns casos estes trabalhadores ao informarem a notícia aos pais precisariam estar mais qualificados devido ao grau de importância da notícia. Em razão de que, “há uma falta de cuidado para transmitir o diagnóstico e um descuido em relação ao prognóstico repassado à família. Além de ter que lidar com o choque da nova realidade, os pais escutam dos profissionais prognósticos desanimadores” (ARIOZA, 2017, p. 11). De modo semelhante, a atitude desses profissionais foi lembrada também, pelos pais que participaram do documentário produzido por Evaldo Mocarzel (2004) denominado “Do Luto à Luta⁵⁶”. Os familiares contaram que ao receberem o diagnóstico dos médicos foram utilizados discursos grosseiros, irônicos. Estes, por sua vez, reafirmam o debate realizado por Arioza (2017).

O discurso de que havia pouca informação sobre a deficiência surgiu em outros relatos até mesmo como um meio de justificar a ação médica em relação ao parto. Nestas histórias, as mães dos atletas contavam – de maneira natural, como algo comum – os atrasos dos médicos para a realização do parto. Viviana contou que quando o seu filho nasceu o médico disse: “*parabéns mãe, garotão perfeito, normal tudo*” (VIVIANA). Com o passar do tempo os pais de Martins foram percebendo que o filho não realizava movimentos com as pernas e então, após diversos exames constataram que o filho tem paralisia cerebral. No entanto, ao entrarem em contato com o neurologista e apresentarem os exames, o médico justificou dizendo que o Martins

[...] foi gerado com o problema, porque na hora da [fecundação] os espermatozoides atravessam uma célula nervosa assim, dá má formação, né? Ai eu fiquei pensando, quem sou eu para discutir, né? vou ficar na minha, né? Foi o primeiro filho nunca tinha sabido nada, né? [...] Eu fui bem de manhã [para maternidade] com a bolsa rompida e fui ganhar ele só de noite. Então, ele ficou aquele tempo não tinha dor,

⁵⁶ Link: <https://www.youtube.com/watch?v=-e1OrQrVy0>

não tinha nada e eles [profissionais da instituição] não induziram o parto, assim de imediato. Quando eles viram que ele não nascia por... não vinha dor, não vinha nada foram induzir de noite. Ai como se diz, ficou todo aquele tempo, perdendo líquido, vai saber. Não tem como provar, né? A gente tinha pouca informação, daí até então, depois que eu tive os outros dois o meu marido ficava em cima, né? (VIVIANA).

Quando o Martins estava para completar 14 anos de idade, os pais realizaram uma nova ressonância e uma outra médica explicou os motivos que causaram a paralisia cerebral no filho de Viviana. Neste caso em particular, o atraso na realização do parto agravou a falta de oxigênio no cérebro e consequentemente, gerou a deficiência. Quando questionei aos participantes do grupo sobre as causas da deficiências, grande parte dos membros da equipe comentaram que não sabiam da causa e que os médicos diziam que era um “problema” na gestação. De acordo com Souza *et al* (2018), “a prevalência da PC [paralisia cerebral] é de 2 a 3 por 1.000 nascidos vivos, sendo a causa mais comum de deficiência física grave em crianças” (p. 02). No Brasil estima-se que 12,7 milhões de pessoas possuam alguma deficiência, porém, ainda não se tem o dado específico da população com paralisia cerebral⁵⁷.

A causa da deficiência é resultante de lesões cerebrais que podem ocorrer devido a eventos na gestação nos períodos pré-natais, perinatais e pós-parto (SILVA et al, 2010; PETEAN, MURATA, 2000). Ao conhecerem o diagnóstico do filho, as famílias normalmente procuram reestruturar suas metas, rever os seus papéis de modo que se estabeleça a “[...] resiliência familiar, uma habilidade de reavaliar a condição inicial, aprender a valorizar a potencialidade dessa criança e aprender a lidar com as limitações de seus filhos” (SANTOS, MARQUES e SOUZA, 2017, p. 06). Algumas acompanhantes dos atletas envolvidas em meu estudo, no entanto, comentaram que quando seus familiares ou parceiros souberam da gravidez e sobretudo da deficiência de seus filhos, apresentaram uma postura de negação e distanciamento.

Valda que é mãe solteira conta que desde que soube de sua gravidez aos 32 anos de idade vive sozinha e sem o apoio da família e do pai de sua filha Ana: “Eu

⁵⁷ Informações retiradas através do link: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23894-carnaval-inclusivo-levanta-importancia-do-tema-populacao-com-deficiencia>

vivia sozinha, morava em um apartamento. Meus irmãos eram tudo casado, mas mesmo assim, quando eles viram que eu tinha uma filha especial, eles não foram lá no hospital [para dizer] ‘ah vamos te ajudar’”. Natural do estado do Rio Grande do Sul, se mudou para Curitiba, pois, soube que o município tinha um atendimento diferenciado em relação as pessoas com deficiência. Compreendo que o nascimento de um filho com deficiência pode unir ou não seus pais. De acordo com a literatura (Pantean e Murata, 2000; Silva *et al.*, 2010; Santos, Marques e Souza, 2017; Chacon, 2011; Arioza, 2017), existe uma sobrecarga de responsabilidades para a mãe, “devido às expectativas culturais sobre o gênero, relações familiares, trabalho doméstico e criação de crianças” (PANTEAN e MURATA, 2000, p. 44). A união e resiliência familiar em alguns casos não é obtida e as mães se veem obrigadas a saírem de seus empregos.

4.3.1 Barreiras emocionais e a negação do corpo

Como apontado por Santos, Marques e Souza (2017), “nesse contexto, as dificuldades relacionadas à vivência de uma condição crônica repercutem não apenas na vida do indivíduo acometido, mas de todo núcleo familiar, implicando mudanças nos hábitos de vida e exigindo apoios” (p.6). Na equipe pude constatar que mesmo os atletas que tinham o apoio familiar ao se perceberem como uma pessoa com deficiência tiveram momentos de isolamento, negação do corpo, culpabilização alguém pela sua condição e ações ofensivas à pessoas próximas. Tal percepção se assemelha com os atletas que adquiriram a deficiência ao longo da vida devido a um acidente automobilístico, uma situação de trabalho, uma distrofia muscular ou distonia muscular. Ao relatarem sobre a sua história de vida os atletas Leonardo, Juliano e Éder comentaram como praticavam esportes e/ou atividade física antes da deficiência e que gostavam de jogar futebol com os amigos, correr, caminhar, pular, pedalar.

À exemplo do que foi relatado acima, o atleta Juliano⁵⁸ da classe BC4 de 41 anos que tem distrofia muscular do tipo Becker⁵⁹ contou que quando tinha entre 14 e 16 anos de idade, ele queria “encontrar” um culpado para sua deficiência. Por conta da distrofia muscular, as suas pernas começaram a ficar fracas e quando estava caminhando em um piso que não era nivelado, como por exemplo, uma calçada com buracos ou com desníveis elevados, suas pernas amoleciam e ele caía. Não aceitando a sua condição física em determinado período de sua vida, ele elegeu sua mãe e a sua avó como culpadas pelo que estava acontecendo com ele:

Eu mesmo queria às vezes me isolar e eles [familiares] não deixavam. Eles sempre estavam me trazendo para o meio do fervero, então, e assim, eu tive uma fase de rebeldia, né? Que foi dos 14 até os 15 [de idade] para quase 16 anos eu queria achar um culpado de eu ter o que eu tinha. Aí às vezes eu caí e a minha avó vinha falar comigo ou a minha mãe vinha falar com carinho e eu já tratava as duas tipo com ignorância arrogância berrando xingando, mas porque assim eu estava querendo achar um culpado e achava que elas eram as culpadas. Os piá [irmãos e amigos] também tinha algumas vezes que eu brigava com eles, e quando eu vi o que eles podiam fazer e já estavam fazendo que era estar junto comigo me dando força, carinho, amor eu vi que eu é quem estava errado, então, eu chamei principalmente a minha mãe e a minha avó e pedi desculpas para as duas. Falei para elas que a partir daquele momento eu iria mudar, ia deixar de lado o problema que eu tinha e ia viver a minha vida. A partir daquele momento a minha vida se tornou bem melhor. Tanto para mim, quanto para elas com certeza, né? Porque além de ficar brigando com a minha mãe, a minha avó, brigando com meus irmãos eu fui curtir minha vida, né? (JULIANO).

O atleta contou que com o tempo a sua raiva em relação à sua condição física foi diminuindo principalmente porque teve o apoio dos familiares e amigos. Para Le Breton (2019), “o homem está afetivamente presente no mundo. A existência é um fio contínuo de sentimentos mais ou menos vivos ou difusos, os quais podem mudar e contradizer-se com o passar do tempo e de acordo com as circunstâncias” (p.137). A frase do autor exemplifica de modo intenso a experiência vivida pelo atleta Juliano e que nas palavras de Goffman (2015), podem ser

⁵⁸ Em momento posterior trarei mais detalhes da vida do atleta.

⁵⁹ “As distrofias musculares são um grupo de desordens caracterizadas por fraqueza e atrofia muscular de origem genética que ocorre pela ausência ou formação inadequada de proteínas essenciais para o funcionamento da fisiologia da célula muscular, cuja característica principal é o enfraquecimento progressivo da musculatura esquelética, prejudicando os movimentos” Informação retirada no site do Ministério da Saúde, disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/dicas-em-saude/2194-distrofia-muscular>. Acessado em 08 de novembro de 2019.

descritas como sendo o caminho percorrido para uma consciência do “eu”. Ao longo de sua vida, o atleta foi formado a crer a determinados padrões sociais do contexto em que vivia. Após perceber que tinha restrições para realizar algumas atividades, ele iniciou um processo de autoconhecimento de sua nova condição.

Neste processo, alguns desafios/barreiras foram sendo enfrentados, como: processo de isolamento; não aceitação da deficiência; e atitudes ofensivas aos seus familiares e amigos que por um lado procuraram manter uma relação mais afetiva e integradora com o atleta Juliano. Por outro lado, o mesmo se deparou com sua nova condição corporal, e teve que aprender a respeito de suas potencialidades, limites além de lidar com toda a transformação corporal e social atribuídas à sua deficiência. Dado que, as pessoas com deficiência podem criar uma imagem negativa do seu “eu” em virtude do que as outras pessoas – sociedade – possam pensar sobre elas e com isso, “[...] tendem a internalizar atitudes negativas sobre a deficiência, comportar-se de maneira consistente com as expectativas da sociedade e desenvolver construções negativas do *self* [...]”⁶⁰ (KISSOW, 2013, p. 145).

As variações fazem parte da existência de cada um de nós e que as mesmas pessoas que rotulam as outras como menos capazes, podem em algum momento da vida se encontrarem na “posição de menos capazes” seja por algum acidente ou doença que possa lhes acometer, ou pelo processo de envelhecimento que tende a gerar determinados tipos de limitações no decorrer do tempo. Ou seja, “isto significa que não ter uma deficiência [ou uma limitação física] é uma condição temporária, e classificar pessoas como deficientes e não-deficientes nos diz pouco sobre a vida das pessoas”⁶¹ (COAKLEY, 2015, p. 307).

4.4 EMPODERAMENTO, REPRESENTATIVIDADE E OUTROS BENEFÍCIOS

A participação de um indivíduo em um grupo social pode apresentar diferentes significados. Os impactos da participação pode se estender a aspectos

⁶⁰ Texto original: “[...] tend to internalize negative attitudes about disability, behave in a manner consistent with societal expectations and develop negative constructions of the self [...]”.

⁶¹ Texto original: *This means that being non-disabled is a temporary condition, and to classify people as disabled and non-disabled tells us little about people’s lives [...]*.

físicos (coordenação motora, condicionamento físico), psicológicos (empoderamento, auto percepção, percepção corporal, controle da ansiedade, concentração), sociais (socialização, senso de comunidade/pertencimento, enfrentamento de barreiras, dependência e independência), culturais (rompimento de concepções estigmatizantes e incapazes). A autora Kissow (2015) ainda destaca que estudos que se propuseram a compreender o impacto do esporte na vida das pessoas com deficiência encontraram temas como empoderamento (Hutzler e Bar-Eli 1993), significado (Ashton- Shaeffer et al. 2001, Gaskin, Andersen e Morris 2009), autopercepção (Blinde e McClung 1997; Huang e Brittain 2006), bem-estar (Campbell e Jones 1994), qualidade de vida (Giacobbi et al., 2008), competência social (Goodwin et al. 2009), percepção da competência corporal (Kasser 2009; Page, O'Connor e Peterson 2001) e integração comunitária (Hanson, Nabavi, e Yuen 2001).

Ainda de acordo com Kissow (2015), os significados podem ser apresentados por meio da aprendizagem social com base na psicologia crítica em que o sujeito é constituído numa relação sócio histórica a partir de tensões e contradições da interação com o meio. Este posicionamento vai contra a ideia de que o sujeito é totalmente responsável pelos resultados obtidos, sejam estes positivos ou negativos uma vez que, desconsiderar o contexto social implica na negação do indivíduo dialético. Assim, a participação de um indivíduo em um grupo social não deve ser entendida apenas pelo modo como o meio interfere no sujeito, mas como o sujeito interfere e produz as suas condições de participação. Ou seja, a pessoa de uma forma ou de outra tem um papel ativo.

A pessoa está sempre participando do mundo e contribuindo para recriá-lo ou alterá-lo; assim, de acordo com essa concepção, a pessoa não pode ser não participativa e a participação caracteriza a prática e os processos psicológicos do indivíduo⁶² (KISSOW, 2015, p. 146).

Para Ghedin (2012), a aprendizagem social deve ser entendida como campo da aprendizagem que possui elementos tanto na interiorização de comportamentos, como também, de conhecimentos relativos às relações sociais. Deve-se considerar

⁶² Texto original: *The person is always participating in the world and contributing to re-creating or changing it; thus, according to this conception, the person cannot be non-participatory and participation characterizes the practice and psychological processes of the individual.*

que a aprendizagem possui uma característica tácita, que está presente nas habilidades sociais, atitudinais e de representações sociais. Como afirmou o autor, “a maior parte de nossa aprendizagem social tem também um caráter implícito, mas a modificação de nossos hábitos e crenças sociais vai requerer um processo de reflexão sobre os conflitos produzidos pela própria conduta social” (p.31). A partir da interação social, o indivíduo passa a observar e a refletir sobre o seu papel no meio, sobre o seu corpo, suas atitudes e suas relações afetivas. Dessa forma, a participação da pessoa com deficiência no esporte pode servir como um estímulo potencialmente ativo de poder e de resistência em contraponto com as atitudes sociais que privam a liberdade das pessoas com deficiência (Berger, 2008).

Para Berger, (2008) no espaço esportivo, as pessoas com deficiência negociam uma identidade afirmativa da deficiência. Como consequência desse posicionamento, os indivíduos tendem a se perceberem mais como atletas do que como pessoas com deficiência. Para Novaes (2006) esse movimento de percepção é entendido como superação das barreiras sociais. Ele acarreta ao indivíduo uma identidade provisória, na qual, atribui significados – como identidade atlética – da participação em um grupo social. O campo esportivo potencializa a conquista de uma subjetividade que recusa o olhar estigmatizante sobre a pessoa com deficiência e lhe atribui significados que podem ser considerados de prestígio social. Ainda com o autor,

A construção de uma vivência corporal sustentada pelas práticas esportivas, pela intencionalidade em buscar superar os limites, juntamente com o comportamento autônomo e independente que o esporte demanda, potencializa o atleta cadeirante desenvolvendo capacidades e valores que, de certa forma, o constitui referência entre seu grupo de pertencimento. A ação intencional em busca do melhor rendimento impele o cadeirante a romper barreiras, fazendo dessa superação a razão de ser de sua prática corporal” (NOVAES, 2006, p. 129).

Ressalto que a reflexão do autor não se equipara totalmente com os achados desta pesquisa, visto que conforme anteriormente apresentado, devido ao grau da deficiência dos praticantes da bocha, a participação e dependência de um apoio familiar é essencial para o desenvolvimento dos atletas. Além disso, os participantes da equipe de bocha possuem deficiências que diferem dos participantes do estudo do autor. No entanto, no que tange aos significados atribuídos à prática de uma

modalidade esportiva, é possível considerar que a mesma potencializa uma autopercepção positiva nos envolvidos. De modo semelhante, no trabalho de Sousa (2014), seus participantes afirmaram que a prática esportiva auxiliou os atletas a aceitarem a sua deficiência e reconhecerem as suas capacidades a partir da experiência e contato com outros atletas. De acordo com a autora, “[...] ser percebido por si próprio e pelos ‘outros’ como uma pessoa ‘normal’ capaz de alcançar os mesmos feitos que atletas sem deficiência é uma das maiores bênçãos da sua carreira como atletas de elite” (p. 414). A autora também verificou que, de acordo com o relato dos seus participantes, na medida em que estes observavam como outros atletas tratavam de suas deficiências, eles passavam a melhor entender a sua própria deficiência, e conseqüentemente, a aceitação dela. Ou seja, isto demonstra que a percepção da realidade do outro pode ser importante para o processo de percepção de si.

No caso específico da equipe de bocha, por exemplo, a participação do atleta Juliano proporcionou em alguns participantes esse sentimento de autopercepção a partir da sua experiência na modalidade. Ou seja, autopercepção está atrelada aos processos de mudanças e de reconhecimento das ações e emoções que afetam os indivíduos. Além disso, o próprio atleta contou que o esporte foi fundamental na sua vida tanto pela possibilidade da prática em si que gera prazer como também, por poder contribuir com a sua família financeiramente. Como o próprio atleta relatou, *“a bocha me deu tudo que a distrofia me tirou”* (JULIANO) isso pode significar que

Ao participarem do esporte, as pessoas com deficiência não dominam simplesmente as habilidades necessárias para competições de alto nível e melhoram sua força e resistência física, mas, mais importante, também experimentam o aprimoramento de um eu geral⁶³ (HUANG, BRITAIN, 2006, p. 368).

Ao relatar sobre a sua experiência de vida, o Juliano contou que o seu início no esporte foi na infância jogando futebol com os amigos e com os irmãos e a partir dos 10 anos de idade a sua “doença” - distrofia muscular do tipo Becker - começou a se manifestar. Até os 20 anos ainda praticava futebol, mas precisou parar. Ele conta: *“eu no começo eu jogava no ataque porque eu era rápido, aí fui ficando mais*

⁶³ Texto original: *When taking part in sport, disabled people do not simply master the skills required of high-level competitions and improve their physical strength and endurance but, more important, they also experience the enhancement of an overall self.*

lento voltei para o meio, voltei para a zaga e a última posição que sobrou foi o gol, né? [risos]”. Por conta da distrofia muscular, as suas pernas começaram a ficar fracas e quando estava caminhando em um piso que não era nivelado, como por exemplo, uma calçada com buracos ou um desnível elevado, as suas pernas amoleciam e ele caía: *“eu andava segurando no ombro deles [dos irmãos ou dos amigos] sempre, né? Aí, eu amolecia as pernas e caía e eles continuavam e eu ficava lá abaixado e falava ‘hei!’ [risos]*”. Após esse período de descoberta da deficiência em 1997, se inseriu em uma associação que disponibilizava a prática do tênis de mesa no município de São José dos Pinhais-PR. No entanto, esta instituição fechou. Foi somente no ano de 2005 que, por indicação de um amigo que acreditava que se ele fizesse reabilitação poderia voltar a andar, conheceu a ADFP. Ao realizar uma análise do seu estado clínico, um fisioterapeuta lhe disse que o seu estado não tinha cura pois se tratava de uma distrofia muscular que até então, ele não sabia o que era.

Aí quando eu cheguei na ADFP, eu pensei não, vou fazer um esporte, né? Vou fazer tênis de mesa, só que eu fui ver o pessoal treinando tênis de mesa, lá, e o pessoal tinha agilidade nos braços lá, eram rápidos e eu não, né? Eu já tinha perdido vários movimentos e falei, cara, não vai dar não para fazer tênis de mesa. Aí pensei no basquete, também não, porque o cara tem que ser forte e eu não tinha agilidade na cadeira, né? [...]. Aí, a história do esporte [bocha] foi assim, eu estava na ADFP e lá tem um salão pequeno aonde o pessoal treinava, técnico e o pessoal lá [...]. Eu sempre estava ali observando e ficava olhando e não entendi o que era aquele esporte, mas estava olhando, eu não entendia. Aí um dia eu estava lá e tinha uma estagiária fazendo estágio lá com o técnico. Uma menina da Educação Física e [...] aí eu peguei puxei assunto com a menina comecei a conversar com ela e daí ela falou que estava fazendo estágio com o técnico. Aí o técnico passou e me chamou para conhecer a bocha e eu fui e fiz o teste deu certo, comecei e gostei. No começo ele me chamou e eu fiquei meio assim, quê que eu quero com esse jogo? Joguinho de bolinha, aí jogando bolinha uma atrás da outra... aí quando eu comecei a praticar aí eu vi que realmente é um esporte que pelo meu quadro clínico eu me adaptava totalmente, né?

No início de sua carreira, os irmãos de Juliano se revezavam para levá-lo aos treinos. Porém, em períodos de competições, o técnico atuava como staff porque os irmãos do atleta não podiam se ausentar dos seus empregos. Em 2008 Juliano conheceu a sua esposa em um treino no DEF/UFPR e então, ela começou a

acompanhá-lo nas competições. Em 2012 quando a sua esposa estava grávida do seu primeiro filho, o atleta convidou o seu irmão Luiz para ser o seu acompanhante com direito a um salário para que saísse do seu emprego e se dedicasse a acompanhá-lo. A partir da experiência do atleta é possível afirmar que a participação no esporte não apenas acarretou em benefícios de percepção de si como também, passou a dar significados para a sua “existência”, como diria Sousa (2014). Para a autora “a participação desportiva tem sido essencial na construção da identidade do atleta, promovendo o encontro consigo próprio e a formação de uma pessoa mais forte, confiante, estável e culta [...]” (p. 419).

Outro ponto importante em relação a participação do atleta Juliano na equipe da ADFP é que devido à sua história na modalidade, ele era citado como exemplo para os outros atletas. Isto se deu, por exemplo, no final do PARAJAPS em 2017. Ao realizar uma fala sobre a participação da equipe no evento esportivo, o técnico utilizou da carreira esportiva do atleta Juliano para sensibilizar o grupo sobre a importância do fortalecimento do trabalho coletivo.

Ninguém quer errar, nenhum atleta que entra em uma competição, ele entra pensando em perder. Ele entra pensando em dar o seu melhor, o problema é que às vezes a gente coloca a medalha [como] o único ponto, a única meta, e esquece do restante. Medalha? [O técnico fez movimentos com as mãos indicando a expressão “tanto faz, tanto fez”] Pergunta para esse cara aqui [nesse momento o técnico aponta para o atleta Juliano], quantas medalhas têm? E qual que é a mais importante dele? Eu tenho certeza que ele vai falar é o Junior, a Elisa [seus filhos] que está vindo e a Débora que tá lá em casa esperando a gente, torcendo pela gente. Tenho certeza disso, nenhuma delas [medalhas] é tão importante quanto isso e esse movimento é para isso (Técnico).

Ao ser questionado sobre a sua representatividade dentro da equipe, o Juliano afirmou que tem total conhecimento do que os outros falam sobre ele e como a sua postura no grupo pode influenciar os outros atletas. Porém, para o atleta, esse posicionamento dos membros de equipe impõe uma responsabilidade que o preocupa:

Então, eu na verdade assim, a responsabilidade que você sente é que você tem que ser o exemplo, né? Como eles me admiram tanto pelas coisas boas que eu faço, se eu fizer uma coisa ruim eles vão querer... ‘não... ele tá fazendo, mas nós não vamos fazer’. Porque muitas coisas que acontecem, assim, não só no esporte, mas se

você analisar na vida mesmo, assim, em vez das pessoas só pegar o que é bom que a pessoa está fazendo, não. Elas tendem mais, ir para o lado errado do que pela coisa boa. Então, essa é a responsabilidade que eu sinto muito, sinto muito (JULIANO).

O Juliano se enquadra naquilo que pode ser definido como um ídolo de um grupo social. Ainda assim, tomando cuidado com as particularidades, dado que, a noção do ídolo abrange uma ideia maior de identidade, nacionalismo e sentimento de pertencimento (BRUCE, 2014; HALL, 2006). Todavia, nos estudos sobre a visibilidade do movimento paraolímpico nos meios de comunicação, por exemplo, Bruce (2014) comenta que para se tornar um ídolo é necessário ter aceitação dos demais membros da sociedade e ser reconhecido como parte deles. No caso específico da equipe de bocha, este reconhecimento advém das conquistas do Juliano na modalidade e na maneira como ele se relaciona com os demais participantes.

Quando percebi que o atleta era uma pessoa representativa na equipe, comecei a observar as comparações que os participantes formulavam sobre as atuações dele com as de outros atletas. Como foi visto no capítulo anterior, o fato de que algumas mães mencionavam que seus filhos não poderiam jogar com determinados atletas, pois, os caracterizavam com técnica de jogo inferior comparados à de seus filhos, os participantes citavam o atleta Juliano como referência contrária a esse discurso. As mães que recebiam a negativa de treinar conjuntamente diziam coisas tais como: “*ele é super humilde*”, “*ele dá dicas*”. Isso, de todo modo, confirma que a participação e a interação entre o atleta Juliano e os demais é de suma importância para promover a melhoria do grupo ao exercer o papel de ídolo. Como já apontado pela literatura (HUANG, BRITAIN, 2006; HANSON, NABAVI e YUEN 2001, SOUSA, 2014) o contato com um ídolo pode promover a autoestima, expansão das interações sociais, autopercepção positiva, entre outros fatores que podem contribuir positivamente para o desenvolvimento do sujeito.

Não só auxiliando na maneira de jogar, mas também, através da sua experiência, o Juliano inspirou outros participantes a ingressarem na modalidade, como aconteceu com o atleta Valdir. O último contou que ao participar de uma palestra em sua escola proferida pelo atleta em 2010, se sentiu motivado para praticar o esporte: “*Aí eu senti que ele [Juliano], assim, motivava os alunos, né? [...]*

e aí em 2010 eu conversei com ele porque eu queria ser atleta. Aí aconteceu e eu me empolguei ainda mais!" (VALDIR). Se o atleta é considerado um exemplo a ser seguido e uma influência importante para os demais atletas, é pertinente considerar que a sua participação como membro da equipe da ADFP é de fato, inspiradora. No entanto, entendendo também que isto não pode ser apenas ligado ao atleta Juliano visto que, o convívio coletivo de um indivíduo em um grupo social pode ser potencializador benéfico de um sentimento de inspiração tanto para a prática de uma modalidade esportiva, quanto para a autopercepção.

A experiência de inspiração mencionada acima é apontada no trabalho de Sousa (2014), no qual, os participantes mudaram a sua maneira de se perceber como pessoa com deficiência a partir do contato com outros atletas. Coates e Vickerman (2016) também chegaram à conclusão de que os participantes de seu estudo - no caso, crianças e adolescentes - ao observarem os atletas paraolímpicos em suas performances esportivas e os Jogos, se sentiram inspirados, categorizado pelos autores como modelos paraolímpicos⁶⁴. Também como já destacado por outros pesquisadores (KISSOW, 2015; SILVA, 2013; HUANG, BRITAIN, 2006), a mudança de percepção da deficiência a partir da inserção em um grupo social esportivo pode ser positiva.

Outro exemplo de como a participação na bocha contribui para com a formação de uma autopercepção positiva e formação de uma identidade atlética nos desportistas da modalidade da bocha pode ser observado no caso da atleta Caroline. Ela contou que desde que iniciou a prática da bocha a sua vida mudou.

⁶⁴ Existem também, outras possibilidades ao discutir o conceito de inspiração. Cottingham, Pate e Gearity (2015), por exemplo, ao discutirem o impacto dos Jogos Paralímpicos afirmaram que as pessoas que não possuem alguma deficiência se sentem cativadas e inspiradas por entenderem que as pessoas com deficiência realizam um percurso com muitos obstáculos para conquistarem o que desejam devido à deficiência. Em seus achados, relataram que “entre os espectadores, havia uma suposição de que os atletas enfrentavam um caminho mais difícil para o sucesso, [...]. Em resumo, os participantes perceberam que as realizações dos atletas eram inspiradoras devido aos desafios da vida diária que também enfrentavam” (p. 71). Já os autores Silva e Howe (2012) e Howe e Jones (2006), reforçam o discurso dos autores supracitados, alegando que os JP não inspiram e não empoderam a grande maioria das pessoas com deficiência não atletas. Afirmam ainda que o próprio sistema de classificação dos atletas é excludente. Ou seja, não inclui pessoas com determinados tipos de deficiência. Apontam também que isto inclusive vai contra a própria proposta do IPC que é a de promover a inclusão. O discurso predominante em relação ao termo inspiração é de que na maioria das vezes está ligado ao conceito de *supercrip* em que os atletas com deficiência são associados a super-heróis, a partir de uma construção discursiva sobre as performances esportivas ligando-as a feitos quase que impossíveis de serem realizados (HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012; POFFO et al, 2017).

Antigamente – quando não praticava bocha - ao frequentar um determinado espaço social, no qual, não havia familiaridade entre os presentes, ela não tinha assunto para conversar, pois, não realizava nenhuma atividade para além da escola. Agora, porém, quando ela se apresenta para alguém e conta a sua história, ela afirma: “*eu sou uma atleta de bocha*”. Ao se afirmar como atleta de uma modalidade esportiva, ela se mostra como uma pessoa capaz. Ainda que “a maneira como 'um atleta' seja conceituado possa variar de indivíduo para indivíduo, a identidade atlética geralmente se relaciona à visão de si em relação à atividade física e ao envolvimento no esporte”⁶⁵ (GROFF, LUNDBERG, ZABRISKIE, 2009, p. 319). Para ela (Caroline), a bocha é um trabalho, mesmo que ainda não consiga se sustentar financeiramente como atleta. Em seu relato a atleta comentou que não trabalha sozinha e que possui uma equipe de profissionais que a auxiliam no desenvolvimento no esporte:

“A equipe que trabalha por trás de mim: Fisio, psicóloga, fisio da escola, ecoterapia, psicologia da ecoterapia, fisio da ecoterapia, toda uma equipe que trabalha comigo. Eles chegam à me falar, quem te vê agora, não imagina como que é você chegou aqui pra mim. Você chegou toda molinha e agora você tá mais firme, você está mais decidida no que você quer” (CAROLINE).

Como visto anteriormente a iniciação de Caroline na bocha foi difícil, pois não teve o apoio do professor de Educação Física. Até um certo momento, não teve o apoio nem de sua mãe, que estava naquela época ainda descrente em relação às capacidades da filha. Ademais, o posicionamento da atleta de ressaltar o apoio de diferentes profissionais que atuam para o seu desenvolvimento demonstrou o seu potencial de envolvimento com a modalidade. Ao discutir sobre a percepção de identidade do atleta com deficiência, Kissow (2015) afirma que no esporte “[...] várias noções de identidade podem ser incorporadas enquanto os participantes experimentam a interação com outros assuntos em vários contextos, obtendo a opção de refletir sua própria identidade percebida através das visões e reações dos

⁶⁵ Texto original: “*the way that ‘an athlete’ is conceptualized may vary from individual to individual, athletic identity generally relates to one’s view of self in relation to physical activity and involvement in sport*”

outros [...]”⁶⁶ (p. 157). Para Hall (2005), a identidade pode ser compreendida a partir do termo de “identificação” por entende-la como um caminho que sempre será percorrido pelo indivíduo ao longo da sua vida. Ou seja, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros” (p. 39).

Desse modo a percepção de si se faz na alteridade. São nas interações que o indivíduo tem com o meio social e neste caso, com a equipe de bocha paraolímpica da ADFP que abrem caminhos para o “preenchimento” de um “eu” de uma identidade, que está em constante modificação “sempre em processo, sempre sendo formada” (Ibid, p.38). Isso se estende não apenas enquanto uma identidade atlética como também, na percepção sobre a deficiência. Ao analisar os relatos dos participantes da equipe foi possível perceber que em alguns momentos determinados atletas consideravam que suas deficiências eram mais leves que de as dos outros. Justificado pelos mesmos por não possuírem dificuldades nas falas ou por precisarem utilizar a cadeira de rodas apenas para o jogo e muletas para seu deslocamento no dia a dia. Do ponto de vista biológico entendo que é possível dizer que não há equívoco uma vez que, existem diferentes deficiências as quais apresentam níveis de severidade. Por outro lado, ao afirmarem que possuem uma deficiência mais leve que outras pessoas com deficiência, estes indivíduos podem criar condições de distanciamento em relação aos demais por não se perceberem como iguais. Ou seja, como pessoas com deficiência.

Huang e Brittain (2006), ao solicitarem para que seus participantes respondessem sobre como eles - atletas com deficiência - pensavam sobre si, identificaram que dois participantes que se sentiam “meio deficiente”. Eles justificaram que em diferentes situações da vida cotidiana, eles não se percebiam como deficientes porque conseguiam realizar atividades corriqueiras. Porém, devido a barreiras ambientais e sociais como também, ao fazerem parte do movimento esportivo para pessoas com deficiência, os atletas entendem que em certa medida, não é possível haver um distanciamento entre se perceber ou não deficiente. Visto que, a inserção como atleta no esporte se dá devido a sua

⁶⁶ Texto original: [...] *multiple notions of identity may be embodied while the participants experience themselves interacting with other subjects in various settings, thus obtaining the option to reflect their own perceived identity through the views and reactions of others.*

deficiência. Ainda com os autores Huang e Brittain (2006), este posicionamento – de não se identificar como deficiente - desafia o entendimento que se tem sobre deficiência, pois, “mesmo que optem por rejeitar as implicações negativas que a sociedade tenta colocar sobre essas diferenças, o próprio fato de que eles [atletas com deficiência] estão profundamente cientes [destas diferenças], significa que essas implicações desempenham um papel em seu conceito de si⁶⁷” (HUANG, BRITAIN, 2006, p. 362). Esta percepção que um atleta tem sobre si pode ser considerada como transitória e modular em virtude de que, a partir da inserção no esporte, é possível perceber os caminhos que os atletas foram seguindo para se conhecerem e ao mesmo tempo, se afirmarem enquanto atletas. Outros contextos sociais - de certa forma - também corroboram para que o indivíduo assuma diferentes papéis. No entanto, isto não significa que para além do ambiente esportivo, a pessoa com deficiência não possa se afirmar como um atleta.

Neste caminho de reflexão sobre a autopercepção dos participantes, é importante considerar também que “a construção da identidade requer uma desconstrução das percepções societais negativas existentes do corpo com deficiência e uma luta para reformulá-las de uma maneira mais positiva [...]” (KISSOW, 2015, p. 157)⁶⁸. O atleta Martins, por exemplo, de 25 anos que possui paralisia cerebral e joga na classe BC1, iniciou na bocha paraolímpica em 2010 na escola na disciplina de Educação Física. Através da indicação do professor da escola, ele conheceu o técnico da equipe da ADFP e iniciou os seus treinos na instituição neste mesmo ano. Em uma conversa que tive com ele e sua mãe, Martins afirmou “*eu era um bonequinho*”! A sua mãe, então, complementou:

“ele tá dizendo que não fazia nada, que ele era um bonequinho, não fazia nada em casa. Agora ele tem um lazer, né? Tem uns jogos aqui para competir tudo... quer dizer largado, largado não! Você [indicando diretamente para o seu filho] sempre fez fisioterapia! [risos]” (Viviana).

⁶⁷ Texto original: *Even though they choose to reject the negative implications that society attempts to place on those differences, the very fact that they are keenly aware of them implies that these implications must play some part in their concept of self.*

⁶⁸ Texto original: *The construction of identity requires a deconstruction of existing negative societal perceptions of the impaired body and a struggle to reframe them in a more positive [...].*

Martins relatou que a bocha o levou a observar o mundo de outras formas: *“aqui me deu coragem para fazer o meu vlog⁶⁹. Aqui que me deu muita coragem, muita! Eu quero mostrar que eu posso ser alguém, eu sou assim!”*. A fala do atleta confirma que a participação na modalidade contribuiu positivamente na sua vida. De acordo com Côté-Leclerc (2017), esse processo de autoconhecimento relatado pelo atleta Martins está ligado aos eventos que afetaram a sua vida. Esses eventos podem ser traduzidos através da inserção na modalidade, no aumento na autoestima definido pelo sentimento de coragem e empoderamento como também, através de seu senso de autoconfiança, ou seja, das “crenças que uma pessoa tem sobre suas habilidades [...]” (p. 02) denominado de *self-efficacy*. Esse senso crítico visualizado no discurso de Martins, corrobora com o que foi apontado no trabalho de Berger (2008), de que a participação de pessoas com deficiência em modalidades esportivas contribui para o que empoderamento pessoal não se manifeste apenas no âmbito esportivo, como também em outras atividades de interesse do indivíduo.

Outro aspecto observado como resultado da participação na equipe de bocha foi o crescimento de círculos de amizades e a possibilidade de viajar e conhecer diferentes cidades e regiões que sem a inserção na equipe não teriam conhecido. Sendo este, um dos fatores benéficos também apontado na pesquisa de Côté-Lerclerc (2017) de que a participação da pessoa com deficiência em uma modalidade esportiva amplia os laços afetivos que podem ser denominados de círculos de amizades. Este aumento é característico do viver coletivo contribuindo para que o indivíduo adquira um sentimento de pertencimento e de realização naquilo que está sendo exercido. Estar em contato com pessoas que passaram ou que possuem diferentes experiências e deficiências – como no caso da equipe de bocha da ADFP – possibilita a realização de trocas afetivas e na superação de barreiras como por exemplo, a aceitação da deficiência. De acordo com Kissow (2015), a socialização da pessoa com deficiência no campo esportivo deve ser entendida não só “no” esporte, mas também, “através” do esporte. Cabendo então, a compreensão das mudanças percebidas pelos indivíduos a partir da sua inserção

⁶⁹O *vlog* tem a mesma função do blog, porém, ao invés de publicar textos, imagens o produtor de um *vlog* produz vídeos. O participante Martins, possui um canal na plataforma *Youtube* e os conteúdos de seus vídeos são diversificados como por exemplo, relacionamentos, desafios, explicações sobre a deficiência com também, sobre a bocha.

na equipe. Uma vez que, a socialização é marcada por componentes afetivos que correspondem as trocas de experiências dando sentido a identificação do indivíduo com o coletivo corroborando assim, com o sentimento de pertencimento que por sua vez, pode demonstrar um engajamento com o grupo e uma identidade coletiva (BERGER e LUCKMANN, 1985).

O atleta Éder e sua esposa Sofia, por exemplo, que estavam iniciando na modalidade no ano de 2018, afirmaram que desde que entraram na bocha as suas vidas mudaram completamente. Ambos relataram a importância dos laços de amizade que foram sendo construídos ao longo da inserção no esporte e reconhecendo a bocha como uma profissão devido a dedicação que tem com a modalidade.

E com o tempo nesse período desde que eu comecei a competir é se tornou meio que uma, posso dizer, que uma profissão né. Porque hoje em dia a gente se dedica muito mais aos treinos, a gente tá focado para os treinos para chegar em uma competição e ter um desempenho bom, né, frente a outros atletas de alto nível que já competem inclusive Brasil afora. Ela [a bocha] contribuiu e muito. Porque você acaba conhecendo outras pessoas, outros lugares. Você acaba tendo uma convivência com pessoas que antigamente não faziam parte do teu vínculo de amizade. Exatamente, teu cotidiano, né? E você abre o leque ali para as suas amizades para várias pessoas que antes, eu não me via numa situação que eu me encontro hoje. Mas nessa situação que eu estou, eu conheci várias pessoas e pessoas maravilhosas que hoje fazem parte da nossa vida e estão 100% no nosso círculo de amizade, né? Então, ela [a bocha] contribuiu e muito para que que hoje a gente viaje, conheça novas pessoas, faça novas amizades (ÉDER)

A gente se sente bem, a gente fez amigos assim, amigos mesmo, amizade mesmo assim, né? Que a gente não tinha, que gente não imaginaria que fosse ter, né? E isso faz bem para a gente! (SOFIA)

A atleta Ana de 30 anos possui paralisia cerebral, atua na classe BC2 e participa da equipe desde de 2009, acompanhada por sua mãe Valda. Para ela, a equipe é um local para encontrar os amigos. O atleta Fernando demonstrou timidez ao responder sobre laços afetivos adquiridos na equipe:

Aqui eu vivo muito bem, né? Porque eu tenho os meus amigos, meu técnico, minha turminha da bocha (ANA).

Eu me dou bem com todo mundo (FERNANDO)

Os laços afetivos, a convivência com o outro, a troca de experiências mostraram ser importantes aliados para o desenvolvimento deles na modalidade. Este dado é similar aos resultados da pesquisa de Costa *et al* (2014), que procuraram analisar o esporte adaptado enquanto processo de integração social e qualidade de vida em vinte e cinco atletas homens do basquete em cadeiras de rodas estado do Paraná participantes do Campeonato Estadual de 2010. Os autores relataram que a união social e o processo de interação da equipe foram positivos, no entanto, “o envolvimento pessoal [...] com as tarefas do grupo [...] e os sentimentos individuais em torno das tarefas do grupo e metas para performance [...] foram mais relevantes do que a Integração do Grupo-Social [...]” (p. 135). Este dado permitiu que os autores identificassem que “[...] as dificuldades encontradas pelos atletas têm direcionado a sua prática esportiva na busca pelo seu próprio desenvolvimento em detrimento dos aspectos que tenham como foco a interação da equipe e a busca de objetivos coletivos” (COSTA *et al*, 2014, p. 135). Cabe ressaltar que a interação social como já mencionado, foi algo importante para os atletas. Porém, não se sobressai em relação aos aspectos das atividades de performance do grupo, sendo estas as competições, treinos e desempenho.

Mesmo que achados acima mencionados de nossa pesquisa contrastem com os dos autores supracitados em relação importância da interação e ampliação dos laços afetivos para os desportistas, vale destacar que os atletas da bocha relataram que a prática da modalidade contribuiu também, para o seu próprio desenvolvimento enquanto atletas e pessoas com deficiência. O caráter social derivado da participação no esporte e do relacionamento com outras pessoas nas comunidades esportivas, pode ser considerado um benefício importante para os participantes. Todos os atletas da bocha mencionaram como aspecto positivo, a possibilidade de ampliação círculos de amizade. Ainda sobre este tema, ao serem questionados sobre o envolvimento com o grupo e sua relação com os demais integrantes, alguns atletas responderam que compartilham da ideia da boa vizinhança. Ao relatarem sobre as experiências vividas junto à equipe, alguns participantes mencionaram que a mesma é considerada uma “*segunda família*” e outros, disseram, é “*igual a uma família*”. Esta representação sobre “ser” e “parecer” se torna importante em virtude de que, se a equipe é considerada uma família é lógico pensar que existe um sentimento de comunidade fraternal.

Considerando que cada participante é de todo modo, importante para o outro e para o grupo, Goodwin *et al.* (2009), por exemplo, ao realizaram uma análise sobre o senso de comunidade entre atletas do *rugby* em cadeira de rodas - que assim, como o atleta Éder adquiriram a deficiência ao longo da vida - compreenderam que este sentimento é adquirido quando os indivíduos compartilham de necessidades e interesses comuns. Estes interesses se fazem pelas experiências compartilhadas; diminuição dos sentimentos de isolamento; e atribuição de afeto como consequência da ampliação dos vínculos de amizade e senso de comunidade. Mesmo que algum membro não tenha participado de todos os momentos, mas que se sinta representado, a experiência pode ser entendida como potencial integrador, uma vez que o reconhecimento de características em comum pode ser vantajoso para a permanência e sustentação de vínculos (SILVA, 2013).

Um dos benefícios também, mencionados pelas mães dos atletas é a melhoria na concentração dos seus filhos não apenas para a prática esportiva como também para a realização de outras atividades da vida cotidiana. Para a autora Leite (2014), a concentração se equivale a uma competência psicológica denominada de *self-talk*. No jogo o *self-talk* é considerado uma técnica de diálogo interno utilizada por alguns atletas durante as partidas para transmitir pensamentos positivos na realização de estratégia para execução de um movimento. Ao longo do meu período em campo alguns atletas comentaram que durante os treinos não tinham nenhuma dificuldade em realizar as jogadas. No entanto, quando estavam em um campeonato, suas emoções ficavam exaltadas, conseqüentemente o nível de ansiedade e nervosismo era elevado e com isso, as chances de errarem um lançamento eram maiores. O atleta Felipe contou que: *“eu tento ficar mais calmo agora, até no jogo que eu faço aqui [DEF/UFPR] eu me sinto calmo, mas não consigo ficar muito calmo. Me dá um nervoso e eu não consigo fazer nada. Não vai o jogo e para eu conseguir, eu tenho que estar calmo”*. Com o intuito de diminuir sentimentos de nervosismo dos atletas o técnico da equipe solicitava que eles realizassem um exercício de respiração que deveria ser praticado não apenas durante os treinos ou competições, mas em outras circunstâncias em que estavam ansiosos ou nervosos. O técnico também solicitava que os atletas visualisassem mentalmente as jogadas que pretendiam realizar e que refletissem sobre o lançamento positivamente. A atleta Caroline ao relatar uma experiência durante

uma competição, exemplifica muito bem a competência do *self-talk*: “[...] e eu, bem sossegada, aí eu respirava e falava ‘confio em você, você pode, confio em você, você pode buscar, confio em você’.

De acordo com Souza (2014), Cruz e Gomes (2001) este exercício de diálogo interno se caracteriza como um fator importante para que os atletas possam alcançar resultados positivos no esporte. Os autores ressaltam que não apenas o diálogo interno contribui positivamente, como também o sentimento de confiança, comprometimento com a modalidade e desenvolvimento de estratégias. Ou seja, o diálogo interno não garante totalmente o resultado positivo, porém, é um componente importante para que os objetivos sejam alcançados. A competência do *self-talk* é identificada pela autora Leite (2014), como uma estratégia que possibilita uma maior concentração no jogo. No entanto, os dados da autora não permitem afirmar que tal método seja positivo em outras situações da vida cotidiana dos atletas. A pesquisa dela se restringiu a aspectos psicológicos durante a performance esportiva.

Outro benefício importante da participação na modalidade da bocha encontrado nos dados está ligado a ideia de superação de um trauma e neste caso a depressão. De acordo com o Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais - DSM-IV-TR (2002), a depressão está ligada a uma alteração de humor que varia da tristeza a irritabilidade, além de provocar sentimentos de isolamento e “perda” da esperança. Durante o período depressivo segundo o manual, a pessoa pode experimentar quatro sintomas adicionais como: alterações no apetite e peso, sono, diminuição da energia, sentimentos de desvalorização pessoal ou culpa, dificuldades para pensar, concentra-se ou tomar decisões; ou pensamentos recorrentes a propósito da morte ou ideação, planos ou tentativas suicida. Para a atleta Andrea de 39 anos, que possui paralisia cerebral e atua na classe BC2 desde 2011 a bocha foi uma ferramenta importante para sair da depressão. De acordo com o relato da atleta a dificuldade de caminhar sem o auxílio de equipamentos era visto por ela como algo negativo.

Andrea: Eu já tive o histórico de depressão e isso [a participação na equipe de bocha] que tirou é... que deu tudo, né? Por causa do não andar, né? Eu queria andar e queria andar e comecei a entrar em... porque queria andar e estava só na cadeira e...

Pesquisador: Isso foi em que época mais ou menos na sua vida?

Andrea: Foi logo depois que eu sai da APR [Associação Paranaense de Reabilitação] lá! daí começou ficar sem fazer nada depois [...] aí até eu procurar bocha depois eu comecei a superar. Dava uns três episódios por ano assim.

Pesquisador: E tu tinha algum acompanhamento de um psicólogo?

Andrea: Tinha não, psicólogo não. Tinha uma médica só que eu já estava tratando, né? Eu tomava remédio porque se deixar...

Pesquisador: Ainda toma remédio para depressão?

Andrea: Ainda tomo, mas não tive mais graças a Deus! Só tomo porque ainda não me tiraram, né?

Pesquisador: O que que tu sente pela bocha?

Andrea: O que que eu posso dizer aqui... foi o que me tirou da depressão né? Eu entrei aqui e desde dessa época eu nunca mais... teve algumas vezes que ainda deu eu estando aqui, mas daí eu tinha mais estímulo porque queria jogar né? Não queria ficar fora daqui por causa da depressão. Isso [a participação na equipe de bocha] que eu posso te dizer foi o estímulo para mim sair, né? Daquele momento ruim (risos)

Pesquisador: Tu ficou quanto tempo assim?

Andrea: Acho que ficou 2 anos direitinho que dava direto, mas agora...

Pesquisador: Isto porque tu tinha vontade de andar?

Andrea: “aham” eu uso muletas né? E agora estou usando uma só. Só que eu queria né... na época eu queria... eu pus na cabeça que queria andar sem muleta e queria... aham

De acordo com o relato da atleta é possível destacar o sentimento de desvalorização pessoal devido a sua condição física juntamente com um período ocioso. Para a atleta o esporte serviu como um espaço de identificação e realização pessoal mesmo tendo alguns momentos em que a depressão se fez presente como a mesma relatou. No entanto, a participação na equipe serviu como um “oásis em meio ao deserto” e possivelmente o papel do outro, o contato, o encontro com pessoas que também possuem deficiências e dificuldades semelhantes promoveu modificar a sua atitude pessoal frente a sua deficiência. Além disso, se um dos quadros clínicos da depressão é a falta de esperança, a inserção na modalidade e sua permanência mostraram o lado oposto. De acordo com os autores já citados ao longo do capítulo Kissow (2015), Blinde e McClung (1997), Sousa (2014) a convivência com o outro facilita e potencializa o processo de aceitação do eu e da deficiência. Além disso, como apontou Mauerberg-deCastro *et al* (2016) “a inserção da pessoa com deficiência no esporte adaptado representa uma competição do atleta contra si, suas impossibilidades na vida diária, desconforto físico e dor, e contra as limitações traçadas pela sociedade” (p. 26).

Para Silva (2013), no entanto, alerta que se deve tomar cuidado ao se relacionar o esporte como único potencializador de realizações. Outras atividades podem também promover benefícios similares. Como foi apresentado ao longo do capítulo, existem diferentes benefícios em relação a participação em uma prática esportiva e especificamente na equipe de bocha da ADFP. Neste campo poderiam entrar outros temas já discutidos no trabalho como: reflexões sobre as potencialidades da pessoa com deficiência; a modalidade como um incentivo para alcançar novos objetivos de vida; a ampliação dos círculos de amizade; sentimento de pertencimento; identidade; autonomia financeira; reconhecimento do 'outro'. Ou seja, a discussão referente aos benefícios da participação no grupo perpassou o trabalho a partir de diferentes olhares de discussão que não se limitam a este tópico. No caso de este estudo, os dados revelaram que a participação na equipe pode ser entendida como uma estratégia de superação de alguns desafios da vida que implicam na inserção na permanência e desenvolvimento no esporte; na melhora da percepção do eu a partir das trocas de experiências. A permanência e insistência do atleta Leonardo em participar da modalidade mesmo sem o apoio da família é um exemplo claro.

Os demais exemplos apresentados aqui também demonstram que “embora o esporte adaptado de alto rendimento tenha muito mais benefícios a serem contados, é natural que existam aspectos limitantes da participação e que não fogem à regra na comparação com o esporte da população normal” (BRAZUNA & MAUERBERG-DE CASTRO, 2001p. 118). No caso da equipe de bocha da ADFP estes aspectos estão associados a falta de recursos financeiros para a manutenção da equipe tanto em viagens como também na compra de materiais. Cabe aos familiares desembolsarem ou “patrocinarem” os valores necessários para a permanência no esporte. Outro aspecto limitante da participação é a falta de um acompanhamento psicológico que contribua nas relações familiares e no desenvolvimento pessoal e esportivo dos indivíduos. Mesmo que o técnico crie estratégias que contribuam para as relações afetivas, estas se apresentam de modo paliativo. Sendo necessária um trabalho com multiprofissionais que auxiliariam positivamente no desenvolvimento das relações.

Em um caso isolado, a ausência do apoio familiar demonstrou - em partes - ter um impacto negativo no desenvolvimento do atleta na carreira profissional. Como

foi visto ao longo do trabalho e com as literaturas apresentadas, o incentivo familiar é uma importante ferramenta facilitadora no esporte para pessoas com deficiência no auxílio da superação de barreiras. Por outro lado e como característica limitante da participação esportiva está o desejo por parte dos familiares pela excelência esportiva acarretando numa exigência da excelência da performance atlética que sobrecarrega o atleta emocionalmente e podendo ter como consequência, o seu distanciamento do grupo e do esporte. A falta de profissionais capacitados para inserirem os indivíduos no esporte também se apresentou como uma característica limitante e a falta de diálogo e os interesses individuais em determinados momentos se sobressaindo em detrimento dos interesses coletivos.

CONSIDERAÇÕES

As relações sociais nunca são lineares. Estamos envolvidos por uma diversidade de informações, de corpos, de sentimentos, de ações e reflexões. Caímos no mundo da pluralidade que nos afetam profundamente. Interagir é ser plural. Le Breton (2019), nos diz que nossos sentimentos são construídos socialmente. Aprendemos tudo. Particularmente este trabalho leva uma carga emocional da qual, não pude em determinados momentos me desvencilhar. Confesso que no início - por mais que a vida acadêmica nos ensine – queria trabalhar com todas as questões envoltas na bocha: o esporte no âmbito nacional, relações institucionais, relações sociais, técnica corporal e os significados da participação.

Em se tratando das emoções, é preciso mencionar o acolhimento que tive desde o primeiro contato com a equipe. Em alguns momentos foi perceptível o meu envolvimento com o grupo tanto que me vi como membro e não como pesquisador. Arrumar os materiais no início e no final de cada treino, auxiliar o grupo em um evento para arrecadação de fundos, ser acompanhante de um dos atletas durante dois campeonatos, auxiliar o técnico em treinamentos específicos, ser chamado para conversar com os atletas sobre alguma situação de tensão são alguns exemplos desse envolvimento. Por outro lado, a desconfiança é um sentimento muito presente na vida do pesquisador. Estamos (nós, pesquisadores) a cada dia no campo conquistando a confiança dos participantes para que consigamos os dados que desejamos para dar continuidade à pesquisa. Por mais que sejamos aceitos no grupo e em alguns momentos nos sintamos parte dele – o que é perigoso, pois, o distanciamento para a reflexão acadêmica pode se tornar mais árduo com a proximidade – você também, é alguém de fora. Nos sentimos estranhos no ninho, pois não somos membros natos da “família”. O nosso vínculo se faz pela necessidade de realizar algo (neste caso, a minha pesquisa), que para eles, pode não ter importância. Por outro lado, a proximidade se torna uma virtude, pois, nos beneficia a fazer parte do grupo e adquirir laços que perduram após o término do contato diário.

Lembro-me que no processo de qualificação da tese, eu havia escrito no trabalho que os resultados e sua construção se daria de maneira coletiva na relação pesquisador-participantes. Mas a banca me fez lembrar de algo: ‘é seu interesse, é sua pesquisa. Eles [a equipe] estão lá realizando o trabalho deles dia a dia e quem tem um problema de pesquisa é você’. Realmente não há como negar que os nossos interesses em relação aos temas de estudo nem sempre são de interesse dos pesquisados, nós “invadimos” o espaço deles. A minha “invasão” do espaço do outro procurou a partir de um olhar macro sobre o campo compreender quais os significados e benefícios da participação em uma equipe de bocha paraolímpica?

Como um meio de alcançar e responder ao questionamento geral do trabalho foi preciso investigar: quem são as pessoas que participam do grupo e quais seus interesses na prática da modalidade? Como as relações sociais a partir dos interesses individuais e coletivos influenciavam a dinâmica do grupo? Qual o papel das famílias para a inserção, desenvolvimento e permanência dos atletas na equipe? Quais as barreiras enfrentadas pelos participantes? De que maneira a participação na equipe contribui para com a construção de uma identidade atlética?

Como disse anteriormente, as relações sociais nunca são lineares. Os participantes da equipe de bocha paraolímpica carregam costumes que diferem uns dos outros. Por acaso da vida, eles se encontraram na modalidade. Conheceram pessoas que passam ou passaram por situações semelhantes, encontraram na equipe um ambiente produtivo não só para si próprios, mas para membros de sua família. Durante os treinos e competições verifiquei situações de união e paralelamente a isso, situações de conflito devido aos interesses particulares que cada um tinha em relação à sua participação na equipe. Verifiquei também o papel fundamental do técnico como mediador dos conflitos presentes no grupo seja fazendo falas que enalteciam as capacidades e potencialidades da equipe e dos indivíduos, como também através de atividades que levavam os participantes à reflexões sobre os eventos ocorridos.

Ao considerar o conflito como uma maneira de compreender as relações sociais, no modo pelo qual os indivíduos criam possibilidades que atendem aos seus interesses de participação e de desenvolvimento na equipe, foi possível perceber diferentes elementos que contribuem tanto para a união (construção do regimento interno; apoio ao técnico) da equipe como também, para o distanciamento entre os

participantes (manutenção da verba; brincadeiras ofensivas; relações de gênero opressoras). A unidade se faz pelo sentido em que as pessoas empregam nas interações tanto em concordar como, em discordar de algo. A discordância faz parte das relações e não deve ser vista de maneira negativa. Quando os participantes se opõem a algo ou a alguém, isto não deve ser caracterizado como ofensa, e sim, como uma visão diferente da qual está sendo posta. Ou seja, são modos de reflexão e gerenciamento de papéis sobre determinados conteúdos de maneiras diferentes.

Manter o grupo unido era, talvez, a tarefa importante do técnico enquanto mediador das relações entre os participantes. Além disso, o mesmo ao refletir sobre as suas ações em relação a equipe, considerou que em virtude do seu afastamento

devido aos compromissos com a seleção brasileira de bocha paraolímpica potencializou os atritos entre os membros da equipe. De certa forma, concordo com a autorreflexão do técnico, pois, este posicionamento demonstrou que os conflitos ocasionados no grupo, proporcionaram mudanças na gestão (reuniões antes e depois dos treinos e competições; a construção do regimento interno; atividades/dinâmicas que tinham como objetivo a interação e aproximação dos membros da equipe). Porém, ao retomar os dados é importante ressaltar que além do conflito com o atleta João, a maior parte destes se referiam pela falta de uma melhor comunicação entre os membros da equipe pelos acompanhantes e pela manutenção da verba.

Como foi apresentado no trabalho, a equipe possuía cerca de 30 participantes – além disso, cabe mencionar que ao longo da coleta de dados três participantes se afastaram da equipe – e nem todos os membros possuíam uma relação de afinidade com o grupo em geral. Consequentemente os grupos internos surgiram como um meio de permanência e de garantir que os interesses fossem atendidos. Estes grupos foram formados pelas afinidades existentes entre os participantes ou a partir da classe funcional. O convívio em grupo é um processo que necessita de diálogo, de aceitação, de empatia, de diferença, de conhecer os limites, da concordância e da discordância. Se opor a determinada circunstância faz parte desse viver coletivo. Os grupos internos então, se fazem não só pela afinidade entre os pares como também, pela oposição a outros pares.

Se por um lado as relações sociais eram mediadas pelos conflitos, por outro, a participação na equipe contribuía para a ampliação dos círculos de amizade e do

sentimento de pertencimento. Os relatos dos participantes demonstraram que por estarem na equipe podiam viajar, conhecer novos lugares e pessoas do ciclo esportivo. Isso se tornou um benefício importante para os atletas e acompanhantes, uma vez que, a socialização contribuía não só para o aumento dos laços sociais como também, favorecia para uma autopercepção positiva e emancipatória. A identidade dos atletas se construiu nas alteridades e similaridades, nas vivências e convivências com os membros do grupo que pertenciam. Ao estarem em contato com o outro, os participantes se inspiravam, promoviam a melhoria da autoestima, expansão das interações sociais e autopercepção. Os diversos relatos apresentados no trabalho demonstraram que a participação no esporte influenciava o modo de os atletas pensarem o corpo e a deficiência. Ela também os incentivava a almejar novos objetivos.

Outro ponto importante revelado pela presente pesquisa foi a importância da participação dos familiares para o desenvolvimento da equipe e do atleta. Muitos atletas necessitam de auxílio para as refeições, higiene pessoal e locomoção. Outros como no caso dos BC1 e BC3, o acompanhante é essencial também para o desenvolvimento do jogo. A relação dependência e independência surgiu no trabalho como uma importante reflexão. A dependência como foi apresentada aqui se faz necessária, uma vez que o atleta possui necessidades que precisam ser atendidas e que sozinho não conseguiria realizar. A compreensão da deficiência se dá de maneira conjunta entre a família, o atleta e a equipe. A participação familiar no contexto da bocha se apresentou como um fator positivo para o desenvolvimento dos atletas na modalidade. Deste modo, sem a presença dos acompanhantes, grande parte dos atletas não conseguiriam permanecer e praticar a bocha.

O caso do atleta Leonardo destoa dos demais. A ausência familiar o limitavam tanto no esporte quanto no desenvolvimento de atividades cotidianas. De acordo com os relatos do atleta e dos demais participantes, a família de Leonardo não se importava com a sua condição nem mesmo quando sofreu um acidente. Mesmo com todas as suas dificuldades, ele participa da modalidade sozinho, recebendo auxílio apenas em competições.

A relação autoritária da dona Celeste com o seu filho Valdir demonstrou que houve prejuízos ao longo da participação do atleta na bocha. Estes resultaram em sua desistência da prática do esporte por dois anos, como também, em agressões

físicas e verbais que o afetaram emocionalmente. Por outro lado, a história entre a mãe e o filho trouxe resultados positivos para o grupo, exceto, claro, a saída do atleta. Infelizmente ou felizmente, foi a partir desse evento que a equipe se reuniu para discutir o regimento interno, apontar os erros que estavam sendo cometidos e criar meios de evitá-los para que assim, a participação no grupo e o seu desenvolvimento sejam produtivos para todos. Nesse sentido, o técnico da equipe promoveu ao longo do primeiro semestre de 2018 atividades que contribuíssem para a integração entre os atletas e acompanhantes. Manter o grupo unido seja, talvez, a principal tarefa do técnico enquanto mediador das relações entre os participantes.

Ao longo do trabalho procurei dialogar com os depoimentos dos atletas, acompanhantes, técnico e diretora esportiva como forma de mostrar diversas características do grupo estudado. Ao refletir sobre o papel da bocha na vida dos participantes foi possível perceber que os atletas e as acompanhantes enfrentavam diversas barreiras como a falta de conhecimento sobre o esporte, falta de apoio familiar, ausência de apoio multidisciplinar para resolver tensões entre mãe e filho e falta de recursos financeiros. No entanto, a inserção na bocha promoveu novos conhecimentos sobre a deficiência; processo de auto identificação positiva em relação ao seu corpo e suas capacidades; melhora na autoestima; empoderamento que não se restringe apenas no esporte, mas em outras dinâmicas da vida social.

No que tange aos aspectos limitantes, este trabalho se restringiu ao estudo de apenas um caso: da equipe de bocha paraolímpica da ADFP a partir de agosto de 2017 à setembro de 2018. Tais resultados, portanto, não podem ser generalizados em virtude da especificidade do campo. Ademais, acredito que esta pesquisa promova e contribua com novas reflexões acerca dos benefícios da participação da pessoa com deficiência em uma modalidade esportiva. Sendo necessárias outras pesquisas abrangendo diferentes realidades e modalidades esportivas a fim de dar voz a estas pessoas praticantes de esporte. Seriam também interessante a realização de estudos que partissem de um olhar macro sobre as instituições que fomentam a prática esportiva para pessoas com deficiências. Possibilitando assim, visualizar e refletir sobre as diferentes ações tomadas que comprometem ou que garantem benefícios, captação de recursos, apoio

psicológicos em relação a participação e o desenvolvimento no esporte para pessoas com deficiência.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA JÚNIOR, J. Georg Simmel e o Conflito Social. In: **Caderno Pós Ciências Sociais** - São Luís, v. 2, n. 3, jan./jun. 2005.

ALVIS, Karim; MEJÍA, Manuel. Boccia: Factor de integración social y su significado en mujeres y hombres adscritos a la liga de parálisis cerebral de Bogotá. **rev.fac.med.** Bogotá, v. 61, n. 2, p. 70-80, Apr. 2013 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-00112013000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Jan. 2020

ARAÚJO, Mônica da Silva. **O corpo atlético da pessoa com deficiência**: um etnografia sobre corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paraolímpicos. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2011.

ARIOZA, Carolina dos Santos. **Inclusão escolar, empoderamento familiar e o direito à educação**. 2017. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7953/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Carolina%20dos%20Santos%20Arioza%20-%202017.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

ASSMANN, Selvino. **A biopolítica em Michel Foucault e Giorgio Agamben**. Palestra. 2014. Disponível em: <https://youtu.be/SB1c5A7leFI>. Acessado em 08 de agosto de 2018.

Ashton-Shaeffer, C., H. J. et al. 2001. "Meaning of Sport to Adults with Physical Disabilities: A Disability Sport Camp Experience." **Sociology of Sport Journal** 18: 95_114.

Bean, C. N; Jeffery-Tosoni, S., Baker, J; Fraser-Thomas, J. (2016). Negative parental behaviour in Canadian minor hockey: Insiders'perceptions and recommendations. **PHENex Journal**, 7(3), 1-20. Disponível em: <https://ojs.acadiau.ca/index.php/phenex/article/view/1610>. Acesso em: 29 nov. 2019.

BERGER, Ronald J. Disability and the Dedicated Wheelchair Athlete. **Journal Of Contemporary Ethnography**, [s.l.], v. 37, n. 6, p.647-678, 11 abr. 2008. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0891241607309892>.

Blinde, E. M., and L. R. McClung. 1997. "Enhancing the Physical and Social Self through Recreational Activity: Accounts of Individuals with Physical Disabilities." *Adapted Physical Activity Quarterly* 14: 327_344.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. *Cad. CEDES* [online]. 1999, vol.19, n.48, pp. 69-88. ISSN 0101-3262. Acessado em 18/05/2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>.

BRAYE, S; GIBBONS, T; DIXON, K. Disability 'Rights' or 'Wrongs'? The Claims of the International Paralympic Committee, the London 2012 Paralympics and Disability Rights in the UK. **Sociological Research Online**. V. 18(3). 2013. Disponível em: <http://www.socresonline.org.uk/18/3/16.html>>10.5153/sro.3118. Acessado em 20 de agosto de 2018.

BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG-deCASTRO, E. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento. Uma revisão da literatura. Motriz, 2001. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Brazuna.pdf>. Acessado em 15 de abril de 2020.

BRETON, David Le. **Antropologia das emoções**. Petrópolis-rj: Vozes, 2019. 357 p.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION. **Guide to Reporting on Paralympic Sport**. Reino Unido: ParalympicsGB, 2012. Disponível em: <http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf>

BRITTO, Isnara Teixeira de et al. **História de vida das mães de crianças com paralisia cerebral**. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde, Departamento de Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2012. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppges/wp-content/uploads/2017/03/Isnara-Teixeira-de-Britto-DissertaC3A7C3A3o1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

BRYANT, J. (Eds.). **Handbook of Sports and Media**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006. p. 247–269.

BRUCE, T. Us and them: the influence of discourses of nationalism on media coverage of the Paralympics. **Disability & Society**, v. 29, n. 9, p. 1443–1459, 2014.

BUYSSE, Jo Ann M.; BORCHERDING, Bria. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. *International Journal of Sport Communication*, v. 3, n. 3, p. 308–321, 2010. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=s3h&AN=54228882&site=ehost-live>>

CAMPBELL, Elizabeth; JONES, Graham. Psychological Well-Being in Wheelchair Sport Participants and Nonparticipants. **Adapted Physical Activity Quarterly**, [s.l.], v. 11, n. 4, p.404-415, out. 1994. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/apaq.11.4.404>.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Inciting Legal Fictions: 'Disability's' date with Ontology and the Ableist Body of Law. **Griffith Law Review**, Australia, v. 10, n. 1, p.42-62, 2001. Disponível em: <<https://research-repository.griffith.edu.au/handle/10072/3714?show=full>>. Acesso em: 29 nov. 2019

CAMPEÃO, Márcia da Silva. **Proposta de ensino de bocha para pessoas com paralisia cerebral**. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

CASTILLO, Sebastián Sánchez; SÁEZ, María Teresa Mercado. Narrativa audiovisual y discapacidad. Realización televisiva comparada de los Juegos Olímpicos y Paralímpicos de Pekín 2008. *Zer*, v. 16, n. 31, p. 89–107, 2011. Disponível em: <<http://europa.sim.ucm.es/compludoc/AA?articuloid=816997>>

CHACON, Miguel Cláudio Moriel. Aspectos relacionais, familiares e sociais da relação pai-filho com deficiência física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 17, n. 3, p.441-458, dez. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382011000300007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382011000300007>. Acesso em: 29 nov. 2019.

COAKLEY, J. Age and Ability: Barriers to participation and inclusion? In: **Sports in Society: Issues and Controversies**. 11. ed. New York: Mc Graw Hill Education, 2009. p. 302–349

COATES, J. VICKERMAN, P. Paralympic legacy: exploring the impact of the Games on the perceptions of young people with disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 33 (4), 2016. Disponível em: <https://dspace.lboro.ac.uk/dspace-jspui/handle/2134/22546>. Acessado em 02 de novembro de 2018.

CORRALES, Cinthia Mayumi Saito; CASTRO, Eliane Dias de. Passear e participar: o lazer ampliando a circulação social de pessoas com deficiência. **Licere**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p.1-28, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1285/892>. Acesso em: 25 mar. 2020.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da et al. O sentido do esporte para atletas de basquete em cadeiras de rodas: processo de integração social e promoção de saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 36, n. 1, p.123-140, mar. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32892014000100009>

CÔTÉ-LECLERC, Félix et al. How does playing adapted sports affect quality of life of people with mobility limitations? Results from a mixed-method sequential explanatory study. **Health And Quality Of Life Outcomes**, [s.l.], v. 15, n. 1, p.2-8, jan. 2017. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1186/s12955-017-0597-9>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5264324/pdf/12955_2017_Article_597.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

COTTINGHAM, M; J. R. PATE; GEARITY, B. Examining ‘inspiration’: perspectives of stakeholders attending a Power Wheelchair Soccer tournament. **Canadian Journal of Disability Studies**. January, 2015

DE LÉSÉLEUC, Eric; PAPPOUS, Athanasios; MARCELLINI, Anne. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad. Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. **Apunts, Educación Física y Deportes**, p. 80–88, 2009. Disponível em: <http://www.revista-punts.com/apunts.php?id_pagina=7&id_post=1386&lang=es>.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. The media coverage of female athletes with disability: Analysis of the daily press of four European counties during the 2000 Sidney Paralympic Games. **European Journal for Sport and Society**, v. 7, n. 3-4, p. 283–296, 2010.

FERMINO, Antonio Luis et al. Os Jogos Paralímpicos Rio / 2016 na convergência digital: o discurso midiático-esportivo, como identidades culturais e o sentimento paraolímpico. Em: PEREIRA, Rogério Santos; FIAMONCINI, Luciana; PIRES, Giovani De Lorenzi (org.). **Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio / 2016: mídias em convergência (?)**. Florianópolis: LaboMídia / UFSC, Centro da Rede CEDES / SC e Tribo da Ilha, 2018, p. 161-218. Disponível em: <http://labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/livros-pesquisas-coletivas/jogos-olimpicos-e-paraolimpicos-rio-2016?start=5>. Acesso em 22 de março de 2020.

FERNANDES, João Cabral (ed.). **Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais**. 4. ed. Lisboa: Climepsi, 2002. 944 p.

FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do Poder**. Ed. Graal, 1979, PP. 79-98.

_____. **Tecnologías del you e otros textos afines**. Barcelona. Ed Paidós Ibéria, S.A. 1990.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484–497, 2014.

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 3061-3070, Oct. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

GASKIN, Cadeyrn J.; ANDERSEN, Mark B.; MORRIS, Tony. Physical Activity in the Life of a Woman with Severe Cerebral Palsy: Showing competence and being socially connected. **International Journal Of Disability, Development And Education**, [s.l.], v. 56, n. 3, p.285-299, set. 2009. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10349120903102312>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10349120903102312>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GHEDIN, Evandro. **Teorias psicopedagógicas do ensino aprendizagem**. Boa Vista: UERR Editora, 2012.

GIACOBBI, Peter R. et al. Physical Activity and Quality of Life Experienced by Highly Active Individuals with Physical Disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, [s.l.], v. 25, n. 3, p.189-207, jul. 2008. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/apaq.25.3.189>. Disponível em: <<https://journals.humankinetics.com/view/journals/apaq/25/3/article-p189.xml>>. Acesso em: 29 nov. 2019

GOODWIN, Donna et al. It's Okay to Be a Quad: Wheelchair Rugby Players' Sense of Community. **Adapted Physical Activity Quarterly**, [s.l.], v. 26, n. 2, p.102-117, abr. 2009. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/apaq.26.2.102>.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GOMES, António Rui; CRUZ, José Fernando A.. A preparação mental e psicológica dos atletas e os factores psicológicos associados ao rendimento desportivo. **Treino Desportivo**, [s.i], p.35-40, Não é um mês valido! 2001. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4200>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

GONÇALVES, G. C. ALBINO, B. S. VAZ. A. F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano/2007. In: PIRES, G. L. **Observando o Pan Rio/2007 na mídia**. Tribo da Ilha, Florianópolis, 2009.

GONÇALVES, Daniel Luis Cidade. A liberdade cética de Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos** nº 9/2012 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967. DFIME – UFSJ –São João del-Rei-MG. Pág. 68 – 76. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>. Acessado em: 18/12/2014.

GROFF, Diane G.; LUNDBERG, Neil R.; ZABRISKIE, Ramon B. Influence of adapted sport on quality of life: Perceptions of athletes with cerebral palsy. **Disability and Rehabilitation**, [s.l.], v. 31, n. 4, p.318-326, jan. 2009. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/09638280801976233>.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSON, C. S.; NABAVI, D.; YUEN, H. K.. The Effect of Sports on Level of Community Integration as Reported by Persons With Spinal Cord Injury. **American Journal Of Occupational Therapy**, [s.l.], v. 55, n. 3, p.332-338, 1 maio 2001. AOTA Press. <http://dx.doi.org/10.5014/ajot.55.3.332>.

HARDIN, Marie. Marketing the Acceptably Athletic Image: Wheelchair Athletes,

Sport•Related Advertising and Capitalist Hegemony. **Disability Studies Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 108–125, 2003.

HARDIN, Marie; HARDIN, Brent. Performance or Participation...Pluralism or Hegemony? Images of Disability and Gender in Sports 'n Spokes Magazine. **Disability Studies Quarterly**, v. 25, n. 4, p. 1–18, 2005.

HARDIN, Marie Myers; HARDIN, Brent. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. **SOSOL: *Sociology of Sport Online***, v. 7, n. 1, p. 1, 2004. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=snh&AN=20835930&site=ehost-live&scope=site>>.

HOWE, P. David; JONES, Carwyn. Classification of Disabled Athletes: (Dis)Empowering the Paralympic Practice Community. **Sociology Of Sport Journal**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.29-46, mar. 2006. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/ssj.23.1.29>

HUANG, Chin-ju; BRITTAIN, Ian. Negotiating Identities through Disability Sport. **Sociology Of Sport Journal**, [s.l.], v. 23, n. 4, p.352-375, dez. 2006. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/ssj.23.4.352>. Disponível em: <<https://journals.humankinetics.com/view/journals/ssj/23/4/article-p352.xml>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

Hutzler, Y., and M. Bar-Eli. 1993. “Psychological Benefits of Sport for Disabled People: A Review.” *Medicine & Science in Sports* 3: 217–228. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1600-0838.1993.tb00386.x>. Acesso em: 29 nov. 2019.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Guide to reporting on persons with an impairment**. Bonn: International Paralympic Committee, 2014. Disponível em:<https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/141027103527844_2014_10_31+Guide+to+reporting+on+persons+with+an+impairment.pdf>

KASSER, Susan. Exercising with Multiple Sclerosis: Insights into Meaning and Motivation. **Adapted Physical Activity Quarterly**, [s.l.], v. 26, n. 3, p.274-289, jul. 2009. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/apaq.26.3.274>

KISSOW, Anne-merete. Participation in physical activity and the everyday life of people with physical disabilities: a review of the literature. **Scandinavian Journal Of Disability Research**, [s.l.], v. 17, n. 2, p.144-166, 2 set. 2013. Stockholm University Press. <http://dx.doi.org/10.1080/15017419.2013.787369>. Disponível em: <<https://www.sjdr.se/articles/10.1080/15017419.2013.787369/>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86. Disponível em:

<http://www.grupodec.net.br/wpcontent/uploads/2015/10/TecnologiasdoEuEducacaoLarrossa.pdf>. Acessado em: 01 de março de 2018

Leite JMRS, Prado GF. Paralisia cerebral: aspectos fisioterapêuticos e clínicos. *Revista Neurociências*. [online]. 2004 Disponível em: http://www.unifesp.br/dneuro/neurociencias/vol12_1/paralisia_cerebral.htm

LEITE, Vera. **As competências psicológicas no desporto**: Estudo com atletas de boccia. 2007. 87 f. Monografia - Curso de Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2007.

Magalhães, T. A. L. de. (1980). O papel da mulher na sociedade. **Revista Da Faculdade De Direito**, Universidade De São Paulo, 75, 123-134. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66895>.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 989-1015, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/41955/31590>

MAUERBERG-DECASTRO, Eliane et al. Fatores que afetam a carreiras esportiva de alto rendimento do atleta com deficiência: uma análise crítica. **Sobama**, Marília, v. 17, n. 2, p.23-30, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/6827>. Acesso em: 25 mar. 2020.

MITHEN, Johanna et al. Inequalities in social capital and health between people with and without disabilities. **Social Science & Medicine**, [s.l.], v. 126, p.26-35, fev. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.12.009>.

MILISTETD, Michel et al. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p.982-994, dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/34988>. Acesso em: 29 nov. 2019.

MOCARZEL, Evaldo. **DO LUTO à luta**: um novo olhar sobre o Síndrome de Down. Direção de Evaldo Mocarzel. Produção de Leila Bourdoukan. Roteiro: Evaldo Mocarzel. [s.i.], 2005. (75 min.), son., color. Legendado. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCc2X-SO6VJeNKs6kJLLYI0g>. Acesso em: 29 nov. 2019.

NOVAES, Varlei de Souza. **O híbrido paraolímpico**: ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PAGE, Stephen J.; O'CONNOR, Edmund; PETERSON, Kirk. Leaving the Disability Ghetto. **Journal Of Sport And Social Issues**, [s.l.], v. 25, n. 1, p.40-55, fev. 2001. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0193723501251004>

PAPPOUS, Athanasios *et al.* La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. **Ágora para la EF y el Deporte**, v. 9, p. 31–42, 2009. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?tipo_busqueda=CODIGO&clave_revista=8668>.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. DE. **Guia para a mídia**: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016. Brasília: University of Kent / Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/Guia+para+a+mídia+Rio+2016/a26cb813-1e28-4e71-84d8-bd93ea39308c>>

PETEAN, Eucia Beatriz Lopes; MURATA, Marília Ferreira. Paralisia cerebral: conhecimento das mães sobre o diagnóstico e o impacto deste na dinâmica familiar. **Paidéia** (ribeirão Preto), [s.l.], v. 10, n. 19, p.40-46, dez. 2000. FapUNIFESP (SciELO). <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2000000200006>

. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-863X2000000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 29 nov. 2019.

POFFO, Bianca Natália et al. Mídia E Jogos Paralímpicos no Brasil: investigando estigmas na cobertura jornalística da Folha de S. Paulo. **Movimento (esefid/ufrgs)**, [s.l.], v. 23, n. 4, p.1353-1366, 25 nov. 2017. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.67945>. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/67945>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

RESTREPO, E. **Técnicas etnográficas**. Documentos de trabajo. 2011. Disponível em: <http://www.tecnicasetnograficas.ecaths.com/textos/>. Acesso em: 22 de março de 2017.

ROTTA, Newra Tellechea. Paralisia cerebral, novas perspectivas terapêuticas. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 78, supl. 1, p. S48-S54, Aug. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572002000700008&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Sept. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572002000700008>

SANTOS, Keite Helen dos; MARQUES, Dalvani; SOUZA, Ândrea Cardoso de. Children and adolescents with cerebral palsy: analysis of care longitudinality. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p.01-09, 03 jul. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017000530016>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000200323&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SANTOS, Wederson Rufino dos. Pessoas com deficiência: nossa maior minoria. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, [s.l.], v. 18, n. 3, p.501-519, set. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312008000300008>.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312008000300008&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SANTOS, Silvan Menezes dos; ALMELA, Josep Solves; SOUZA, Doralice Lange de. A influência dos direitos de transmissão no jornalismo esportivo: um estudo com jornalistas sobre a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016. **Movimento (esefid/ufrgs)**, [s.l.], v. 26, p.1-16, 23 fev. 2020. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.90427>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/90427>. Acesso em: 04 abr. 2020.

SANTOS, Silvan Menezes dos et al. Esportividade, melancolia, nacionalismo e deficiência: a cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos pelas lentes da Folha de São Paulo (1992 – 2016). **Motrivivência**, [s.l.], v. 30, n. 56, p.76-99, 29 nov. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n56p76>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n56p76>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SANTOS, Silvan Menezes dos. **O processo de produção de notícias dos Jogos Paralímpicos 2016**: rotinas, critérios e valores do jornalismo esportivo paraolímpico. 2018. 289 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SANTOS, Silvan Menezes dos et al. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de S. Paulo entre 1992 e 2016. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 190-197, June 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892019000200190&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Apr. 2020. Epub July 04, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.012>.

SARTI, Cynthia Andersen. "Deixarás pai e mãe": Notas sobre Lévi-Strauss e a família. **Revista Antropológicas**, Recife - Pe, v. 16, n. 1, p.31-52, jan. 2005. Ano 9. ISSN 2525-5223. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23623/19278>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SHELL, Lea Ann; DUNCAN, Margaret Carlisle. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 16, p. 27-47, 1999.

SHAPIRO, Deborah R.; MARTIN, Jeffrey J. Athletic identity, affect, and peer relations in youth athletes with physical disabilities. **Disability and Health Journal**, [s.l.], v. 3, n. 2, p.79-85, abr. 2010. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.dhjo.2009.08.004>.

SILVA, Carla Filomena; HOWE, P. David. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174–194, 2012.

SILVA, Carla Filomena. **The impact of sitting volleyball participation on the lives of players with impairments**. 2013. 317 f. Tese (Doutorado) - Curso de School Of Sport, Exercise And Health Sciences, Loughborough University, Loughborough, Reino Unido, 2013. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/2134/14178>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

Silva, Cristiane Xavier., Duarte Brito, Édva., Stélio de Sousa, Francisco., Sátiro Xavier de França, Inacia., CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL: QUAL O IMPACTO NA VIDA DO CUIDADOR?. <i xmlns="http://www.w3.org/1999/xhtml">Rev Rene</i> [en linea]. 2010, 11(), 204-214[fecha de Consulta 29 de Noviembre de 2019]. ISSN: 1517-3852. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027973023>

SILVA, Paulo Vinícius Carvalho; FLEITH, Denise de Souza. Atletas talentosos e o papel desempenhado por suas famílias. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 42-63, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 22 mar. 2020.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo (org), **Simmel**, São Paulo, Ática, 1983.

SOUSA, Ana Isabel Castro Almeida e. **A experiência vivida de atletas paralímpicos: narrativas do desporto paralímpico português**. 2014. 617 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/74427/2/31323.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SOUZA, Jandara de Moura et al. Qualidade de vida e sobrecarga de cuidadores de crianças com paralisia cerebral. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [s.l.], v. 31, n. 3, p.1-10, 31 out. 2018. Fundação Edson Queiroz. <http://dx.doi.org/10.5020/18061230.2018.7748>. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/7748>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

APÊNDICE 1: IMAGENS DO CAMPO

FIGURA 22 – MEMBROS DA EQUIPE DE BOCHA RETIRANDO AS CADEIRAS DO ÔNIBUS NA CHEGADA DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ-PR PARA PARTICIPAR DO PARAJAPS DE 2017



Fonte: o autor.

FIGURA 23 – CHEGADA DA EQUIPE NO HOTEL EM MARINGÁ-PR



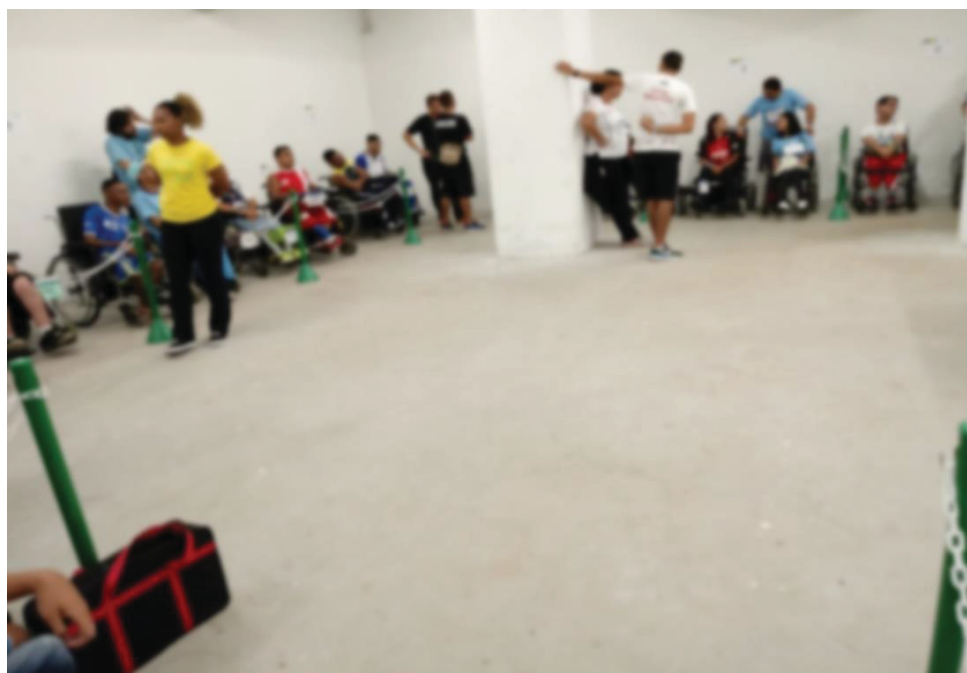
Fonte: o autor.

FIGURA 24 - VISÃO GERAL DAS QUADRAS EM QUE FORAM DISPUTADOS OS JOGOS NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOCHA PARALÍMPICA EM 2017 NO CENTRO DE TREINAMENTO PARALÍMPICO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - SP



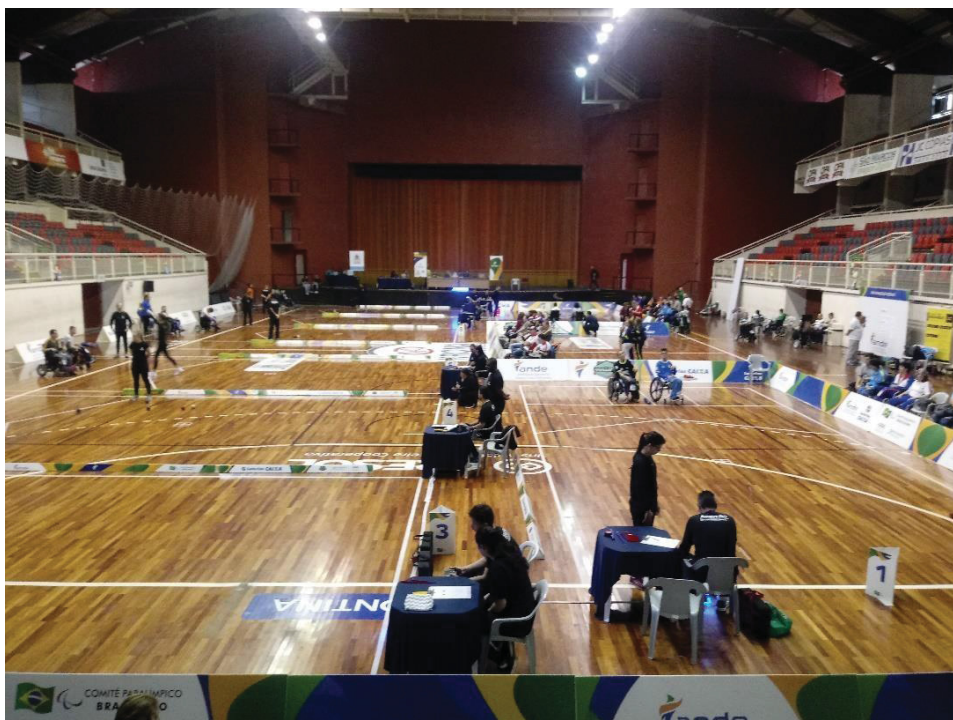
Fonte: o autor.

FIGURA 25 – ATLETAS E ACOMPANHANTES DE DIFERENTES EQUIPES NA CÂMARA DE CHAMADA NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE BOCHA PARALÍMPICA EM 2018



Fonte: o autor.

FIGURA 26 - VISÃO GERAL DAS QUADRAS EM QUE FORAM DISPUTADOS OS JOGOS NO CAMPEONATO REGIONAL SUL DE BOCHA PARALÍMPICA EM JOINVILLE-SC EM 2018



Fonte: o autor.

FIGURA 27 – MEMBROS DA EQUIPE DE BOCHA ASSISTINDO AOS JOGOS NO CAMPEONATO REGIONAL SUL DE BOCHA PARALÍMPICA EM JOINVILLE EM 2018



Fonte: o autor.

ANEXOS

I - PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO EMITIDO PELO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR

UFPR - SETOR DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O significado de práticas corporais adaptadas para pessoas com deficiência

Pesquisador: Doralice Lange de Souza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68196517.1.0000.0102

Instituição Proponente: Departamento de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.125.319

Apresentação do Projeto:

Trata-se de estudo oriundo do Departamento de Educação física, tendo como pesquisadora principal a Profª. Dra. Doralice Lange de Souza e o Acadêmico Colaborador Antonio Luis Fermiro. A pesquisadora principal informa que outros colaboradores serão adicionados ao projeto ao longo de seu desenvolvimento e que submeterá, na ocasião, as devidas emendas ao Comitê de Ética na medida em que os mesmos forem sendo definidos. O primeiro estudo será realizado com o Grupo de Bocha adaptado, coordenado pela Associação de Deficientes Físicos do Paraná / Departamento de Educação Física / UFPR, no período de 2017 – 2022.

Os participantes serão pessoas com deficiências físicas, o que configura uma certa vulnerabilidade, apesar de não apresentarem deficiências intelectuais.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisadora descreve como objetivos específicos: Investigar quem são as pessoas que participam a modalidade; Levantar quais são os seus interesses na prática da modalidade; Verificar como se dão as relações sociais dos praticantes e os outros membros do grupo; Averiguar de que maneira as técnicas corporais expressas na convivência com o grupo contribuem para que os indivíduos se sintam pertencentes ao mesmo; Verificar como se dão as práticas de disciplinamento do corpo; Investigar como as concepções de corpo e deficiência são construídos no grupo;

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

CEP: 80.060-240

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UFPR - SETOR DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ -



Continuação do Parecer: 2.125.319

Levantar os principais benefícios e possíveis comprometimentos do envolvimento dos praticantes nas práticas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora: "Os participantes da pesquisa poderão se sentir constrangidos e/ou invadidos com a constante presença do pesquisador nas práticas da modalidade, encontros sociais e competições. Eles podem também se sentir constrangidos em responder algumas perguntas sobre o que pensam e sentem em relação à sua experiência no grupo e/ou outras experiências de vida, bem como ao revelar dificuldades em relacionamentos com os colegas de equipe e/ou com as demais pessoas que participam do grupo. Alguns dos participantes que tiverem dificuldades de expressão verbal devido a comprometimentos de sua deficiência poderão também se sentir constrangidos e/ou cansados durante as entrevistas devido às suas dificuldades neste sentido. Para minimizar estes riscos, reafirmaremos, no início da pesquisa, que os mesmos podem se recusar a responder qualquer uma das questões levantadas, bem como adiar ou cancelar as entrevistas. Também lhes garantiremos o anonimato das informações coletadas. Os participantes não terão nenhum benefício direto e imediato com a sua participação na pesquisa. No entanto, talvez eles se sintam gratificados por poderem contribuir para com a construção de conhecimentos que podem ajudar a sociedade a melhor compreender os significados da participação de indivíduos com deficiência em práticas corporais e de que forma se dá a construção da identidade, corporeidade e relações sociais das mesmas a partir destas práticas".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Informa a pesquisadora que este estudo se constitui em um projeto guarda-chuva que tem como objetivo geral investigar, a partir de uma abordagem qualitativa, as seguintes questões: Quais os significados da participação de pessoas com deficiência em grupos de práticas corporais adaptadas? De que maneira a participação em grupos de práticas corporais adaptadas contribui para com a construção da identidade, noção de corpo e relações sociais dos participantes? A pesquisadora informa que, durante o período de cinco anos pretende investigar cinco grupos. O primeiro será o da bocha adaptada, sob a responsabilidade da Associação Paranaense de Deficientes Físicos (ADFP) e desenvolvido nas dependências do Departamento de Educação Física da UFPR, instituição co-participante deste projeto de pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

**UFPR - SETOR DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ -**



Continuação do Parecer: 2.125.319

Todos os termos obrigatórios foram anexados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências foram atendidas. - É obrigatório retirar na secretaria do CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com carimbo onde constará data de aprovação por este CEP/SD, sendo este modelo reproduzido para aplicar junto ao participante da pesquisa.

O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o participante da pesquisa (Carta Circular nº. 003/2011CONEP/CNS).

Favor agendar a retirada do TCLE pelo telefone 41-3360-7259 ou por e-mail cometica.saude@ufpr.br, necessário informar o CAAE.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais e final, sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO. Demais alterações e prorrogação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de prorrogação de prazo.

Emenda – ver modelo de carta em nossa página: www.cometica.ufpr.br (obrigatório envio)

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_899142.pdf	10/06/2017 18:24:21		Aceito
Outros	Analise_de_merito_corrigido.pdf	10/06/2017 18:22:17	Doralice Lange de Souza	Aceito
Outros	Carta_resposta_ao_parecer.pdf	10/06/2017 18:20:24	Doralice Lange de Souza	Aceito
Outros	Coparticipante_ADFP_Corrigido.pdf	10/06/2017 16:53:38	Doralice Lange de Souza	Aceito
Outros	Servicos_Envolvidos_Corrigido.pdf	10/06/2017 16:53:22	Doralice Lange de Souza	Aceito
Outros	PROJETO_VERSAO_FINAL_Corrigido.doc	10/06/2017 16:52:49	Doralice Lange de Souza	Aceito

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

**UFPR - SETOR DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ -**



Continuação do Parecer: 2.125.319

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_OUTROS_GRUPOS.docx	11/05/2017 10:46:36	Doralice Lange de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_BOCHA_ADAPTADA.docx	11/05/2017 10:42:34	Doralice Lange de Souza	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_VERSAO_FINAL.doc	11/05/2017 10:41:56	Doralice Lange de Souza	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	11/05/2017 10:38:59	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	SERVICOS_ENVOLVIDOS.pdf	09/05/2017 15:43:26	Doralice Lange de Souza	Aceito
Outros	ANALISE_DE_MERITO.pdf	05/05/2017 13:59:25	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ATA_DE_APROVACAO_DEPTO_EDUCACAO_FISICA.pdf	04/05/2017 22:07:17	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ENCAMINHAMENTO_ATA_DE_APROVACAO.pdf	04/05/2017 22:07:04	Doralice Lange de Souza	Aceito
Outros	CHECK_LIST.pdf	04/05/2017 21:58:38	Doralice Lange de Souza	Aceito
Outros	Oficio_do_pesquisador_encaminhando_o_projeto_ao_CEPSD.pdf	04/05/2017 21:57:41	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_RESPONSABILIDADE.pdf	04/05/2017 21:55:00	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_decompromisso_para_utilizacao_de_dados_de_arquivos.pdf	04/05/2017 21:54:24	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_INICIO_DA_PESQUISA.pdf	04/05/2017 21:53:05	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Pesquisadores	USO_ESPECIFICO_DE_MATERIAL.pdf	04/05/2017 21:52:34	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TORNAR_PUBLICO_OS_RESULTADOS.pdf	04/05/2017 21:51:54	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	04/05/2017 21:49:16	Doralice Lange de Souza	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CoParticipante_ADFP.pdf	04/05/2017 21:30:33	Doralice Lange de Souza	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UFPR - SETOR DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ -



Continuação do Parecer: 2.125.319

Não

CURITIBA, 19 de Junho de 2017

Assinado por:
IDA CRISTINA GUBERT
(Coordenador)

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - Térreo

Bairro: Alto da Glória

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Doralice Lange de Souza, professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná e o discente Antonio Luis Fermino, convidamos você a participar do estudo intitulado: O significado de práticas corporais adaptadas para pessoas com deficiência.

O objetivo deste estudo é investigar as seguintes questões: Quais os significados da participação de pessoas com deficiência em grupos de práticas corporais adaptadas? De que maneira a participação em grupos de práticas corporais adaptadas contribui para com a construção da identidade, noção de corpo e relações sociais dos participantes?

Para a realização da pesquisa, eu e/ou o meu colaborador Antonio Luis Fermino estará periodicamente frequentando os seus treinos, competições e encontros sociais do grupo que realiza a prática. Caso concorde em participar, estaremos também conversando com você sobre coisas que observarmos nos treinos e sobre o que você pensa da sua participação no grupo. Talvez também lhe chamemos para uma ou mais entrevistas antes ou após os treinos para tentarmos entender o que significa para você participar do grupo. Caso concorde, também faremos algumas fotos e filmagens que incluem a sua pessoa durante os treinos, competições, entrevistas e eventos sociais do grupo. Quanto às entrevistas, estas serão realizadas de acordo com a sua disponibilidade de tempo e local de melhor conveniência. As mesmas não devem durar mais do que 45 minutos.

Existem alguns riscos relativos à sua participação na pesquisa. É possível que se sinta constrangido com as minhas observações ou com as observações de meu colaborador durante os treinos. Você pode também se sentir constrangido ao participar das entrevistas e ser questionado sobre suas experiências e sentimentos relacionados com a sua participação no grupo, ou mesmo ao revelar dificuldades nos relacionamentos com os colegas de equipes e/ou com as demais pessoas que participam do grupo. Asseguramos, no entanto, que você pode se recusar a responder qualquer uma das questões levantadas, bem como pode se retirar da pesquisa a qualquer momento.

Você não terá nenhum benefício direto e imediato com a sua participação na pesquisa. No entanto, caso decida participar, a observação de sua experiência e os dados que fornece durante as entrevistas poderão nos ajudar a entender o significado da participação de pessoas com deficiência em práticas corporais adaptadas e de que forma esta participação pode beneficiá-las. Os dados gerados com esta pesquisa podem contribuir para com o trabalho de profissionais que trabalham com pessoas com deficiência. Eles podem também ajudar no desenvolvimento de novas pesquisas que contribuam neste sentido.

Eu posso ser contatada para esclarecer suas dúvidas e fornecer-lhe informações sobre a pesquisa antes, durante ou depois que a mesma for encerrada. Posso ser localizada no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, sala 8, campus Jardim Botânico, localizada na Rua Coração de Maria, 92, BR 116 - KM 95, Jardim Botânico, Curitiba/PR, nos seguintes dias e horários: segundas, terças, quartas e quintas das 7:30 às 11:50 e das 13:30 às 15:45 ou nas sextas feiras das 13:30 às 16:00 hs. Posso também ser contatada no seguinte telefone (41) 3360-4325 ou email: desouzdo@post.harvard.edu.

O aluno Antonio Luis Fermino, colaborador da pesquisa, poderá ser localizado no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, sala 8, campus Jardim Botânico, localizado na Rua Coração de Maria, n 92 – Jardim Botânico, nos seguintes dias e horários: segundas, terças, quartas, quintas e sextas feiras das 13:30 às 18 horas. Ele pode também ser contatado no seguinte email: antonioluisf@gmail.com.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvamos este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

As informações relacionadas ao estudo serão conhecidas por outros membros do meu grupo de pesquisa. No entanto, quando divulgarmos a pesquisa em forma de relatório, tese de doutoramento, artigos científicos ou congressos, utilizaremos um nome fictício para que a sua identidade seja preservada.

O material obtido será utilizado unicamente para essa pesquisa. Os diários de campo serão picotados e descartados no lixo, as gravações e filmagens serão excluídas ao término do estudo, no prazo máximo de 5 anos.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

Eu, _____, li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo. Observo também que:

- ☐ Concordo em gravar as entrevistas
- ☐ Não concordo em gravar as entrevistas
- ☐ Concordo em ser fotografado
- ☐ Não concordo em ser fotografado
- ☐ Concordo em ser filmado
- ☐ Não concordo em ser filmado

Curitiba, ____ de novembro de 20__.

Assinatura do Participante de Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR | CEP/SD Rua Padre Camargo, 285 | térreo |

Alto da Glória | Curitiba/PR | CEP 80060-240 | cometica.saude@ufpr.br –
telefone (041) 3360- 7259

Participante da Pesquisa e/ou Responsável

Legal [rubrica] Pesquisador Responsável ou

Quem aplicou o TCLE [rubrica] Orientador [rubrica]